

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
PROFLETRAS
UNIDADE DE ITABAIANA

PROPOSTA DE LEITURA DA CARNAVALIZAÇÃO NOS CORDÉIS DE PEDRO
MALASARTES

Itabaiana–SE

2021

ROZILENE SILVA RODRIGUES

**PROPOSTA DE LEITURA DA CARNAVALIZAÇÃO NOS CORDÉIS DE PEDRO
MALASARTES**

Dissertação para Exame de defesa apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana – da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof^o. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva.

Itabaiana–SE

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

R696p Rodrigues, Rozilene Silva

Proposta de leitura da carnavalização nos cordéis de Pedro Malasartes / Rozilene Silva Rodrigues ; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2021.

147 f.; il.

Dissertação (Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede) –
Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Letras. 2. Leitura. 3. Cordel. I. Silva, José Ricardo Carvalho da. (orient). II. Título.

CDU 82-1

ROZILENE SILVA RODRIGUES

**PROPOSTA DE LEITURA DA CARNAVALIZAÇÃO NOS CORDÉIS DE PEDRO
MALASARTES**

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

Dissertação para Exame de defesa apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana – da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção do título de Mestra em Letras, apresentada à seguinte Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva (UFS)
Presidente

Prof. Dr. Carlos Magno Santos (UFS)
Avaliador interno

Prof. Dr. César Costa Vitorino (UFBA)
Avaliador externo

Itabaiana–SE

2021

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a trabalhar a carnavalização indo à sala de aula de forma que os aspectos da teoria de Bakhtin possam ser identificados nos textos do gênero cordel, dando destaque à personagem Pedro Malasartes. Destarte, partindo-se da concepção dos discentes acerca da festa carnaval, buscar associar as semelhanças com a teoria da carnavalização, cujo aspecto primordial são o riso e a inversão de papéis tão presentes nessa manifestação popular. Destaca-se também, a proposta de leitura que explora os supracitados aspectos com o referido gênero, observando os recursos humorísticos explorados neste tipo de texto a fim de provocar reflexão sobre a linguagem, criticidade e ludicidade. A pesquisa se baseia em estudos sobre o processo de carnavalização proposto por Bakhtin (2010), bem como os 14 princípios sobre as sátiras menipeias que ajudam a compreender o funcionamento da linguagem cômica de expressão popular. Por meio da carnavalização, observamos movimentos de transgressão social vivenciados pelo protagonista colocando-se em destaque a construção de acontecimentos sobre o enfoque do povo. A teoria da carnavalização é percebida como uma atividade que representa a inversão de papéis sociais, onde o ludibriado é o patrão ou quem detém o poder econômico. Selecionamos narrativas que têm como personagem central, o ícone do folclore brasileiro Pedro Malasartes. O *corpus* dessa pesquisa utiliza os cordéis: *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* de Francisco Sales Arêda (2004) e *O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro*, de João Damasceno Nobre (1959). Observa-se que o personagem Pedro Malasartes é um representante do trabalhador do campo que muitas vezes é explorado e a única maneira de se livrar da fome é realizar trapaças e ações cheias de astúcias. Dessa forma, observamos como as narrativas de Pedro Malasartes exploram o jogo de palavras, ambiguidade, rimas de duplo sentido para contar as sagas de enganação. A pesquisa segue os passos da engenharia didática que busca investigar princípios teórico-metodológicos para o ensino da língua materna na sala de aula com gêneros de texto, com base em Dolz (2018). Objetiva-se a organização de um caderno de leitura voltado para alunos do Ensino Fundamental, com base nos princípios da engenharia didática defendidos por Dolz (2006), Ribeiro (2018). Sob essa perspectiva, investiga-se procedimentos didáticos voltados para a compreensão de textos que exploram elementos da cultura popular. Para tanto, desenvolvemos um estudo sobre o gênero cordel, analisando as temáticas, suas formas composicionais dotadas de sextilhas e rimas.

PALAVRAS-CHAVE: cordel; engenharia didática; Pedro Malasartes; carnavalização; leitura.

ABSTRACT

The present work proposes to work with carnivalization going to the classroom so that aspects of Bakhtin's theory can be identified in texts of the cordel genre, highlighting the character Pedro Malasartes. Thus, starting from the students' conception of the carnival party, seeking to associate the similarities with the theory of carnivalization, whose primordial aspect is laughter and the inversion of roles that are present in this popular manifestation. Also noteworthy is the reading proposal that explores the aspects with the aforementioned genre, observing the humorous resources explored in this type of text in order to provoke reflection on language, criticality and playfulness. The research is based on studies on the process of carnivalization proposed by Bakhtin (2010), as well as the 14 principles on Menippean satires that help to understand the functioning of the comic language of popular expression. Through carnivalization, we observe movements of social transgression experienced by the protagonist and highlight the construction of events from the people's focus. The carnivalization theory is perceived as an activity that represents the inversion of social roles, where the deceived is the boss or person who holds economic power. We selected narratives whose central character is the icon of Brazilian folklore Pedro Malasartes. The *corpus* of this research uses *cordeis*: *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* by Francisco Sales Arêda (2004) and *O Quengo by Pedro Malasartes no Fazendeiro*, by João Damasceno Nobre (1959). It is observed that the character Pedro Malasartes is a representative of the rural worker who is often exploited and the only way to get rid of hunger is to perform tricks and cunning acts. In this way, we observe how Pedro Malasartes' narratives explore the play on words, ambiguity, rhymes with double meanings to tell the sagas of deception. The research follows the steps of didactic engineering that seeks to investigate theoretical-methodological principles for teaching mother tongue in the classroom with text genres. Based on Dolz (2018). The aim is to organize a reading book aimed at elementary school students, based on the principles of didactic engineering defended by Dolz (2006), Ribeiro (2018). From this perspective, we investigate didactic procedures aimed at understanding texts that explore elements of popular culture. Therefore, we developed a study on the cordel genre, analyzing the themes, its compositional forms endowed with sextiles and rhymes.

KEYWORDS: cordel; didactic engineering; Pedro Malasartes; carnivalization; reading.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ouvir as minhas preces de angústia e de dor, por amparar-me em seus braços de Pai, mesmo quando não merecia. A minha “grande família”, principalmente a minha mãe que orava baixinho, em segredo, para que eu não desistisse das lutas diárias. Aos professores que o PROFLETRAS me presenteou: Prof.º Dr. Carlos Magno Santos Gomes, Prof.ª Dr.ª. Christina Bielinski Ramalho, Prof.º Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral e o Prof.º Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, meu orientador, a quem serei eternamente grata por suas palavras de incentivo e coragem, ajudando-me a ultrapassar as pedras do caminho.

Aos meus colegas e companheiros do PROFLETRAS, equipe que sinto orgulho em tê-los como amigos. A legião de anjos que Deus inseriu em minha vida, amigos que me ajudaram a atravessar um longo deserto: Nívia, Tamires, Claudiana, Vandalúcia, Elenice, Evandro e, especialmente, Maria Ivânia, quem me apresentou o PROFLETRAS, bem como os labores e sabores que o curso traria. Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por, mediante incentivo ao curso de pós-graduação, tornar possível a realização dos sonhos de muitos que pelos diversos Programas passam.

“Pedro Malasartes
Seus males espanta
Quando espanta
Com suas artes
Os maus e males do mundo”.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O filme Malasartes, o duelo com a morte.....	28
Figura 2 - Perscrutando o Carnaval: comemoração do Entrudo.....	78
Figuras 3 e 4 - Exemplificando a tarefa.....	98 e 99
Figura 5 - Caça-palavras	107
Figuras 6 e 7 - jogo dos 7 erros	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplos.....	24
Quadro 2 - Atividade.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização da sequência	66
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Problema.....	16
1.3 Objetivos.....	17
1.3.1 Objetivo Geral	17
1.3.2 Objetivos Específicos.....	17
2 CONCEITOS E MÉTODOS.....	18
2.1 Considerações acerca de gênero	18
2.2 A origem do gênero cordel	19
2.3 Sobre os produtores de cordéis	21
3 CONHECENDO OS CORDELISTAS QUE CONTARAM HISTÓRIAS DE PEDRO MALASARTES	24
3.1 Origem do protagonista Pedro Malasartes	24
3.2 João Damasceno Nobre	28
3.3 O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro	29
3.4 Francisco Sales Arêda	41
3.5 As palhaçadas de Pedro Malasartes.....	43
4 PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	52
4.1 A engenharia didática: os passos para a construção do caderno	52
4.2 Processo da carnavalização na sátira Menipéia.....	53
4.3 Análise da carnavalização e o riso em Pedro Malasartes	56
5 PRODUTO EDUCACIONAL.....	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113

REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE A – CAPAS DOS CORDÉIS	120
APÊNDICE B – CORDEL: AS PALHAÇADAS DE PEDRO MALASARTES, DE FRANCISCO SALES ARÊDA (2004).....	122
APÊNDICE C – CORDEL: O QUENGO DE MALASARTES NO FAZENDEIRO, DE JOÃO DAMASCENO NOBRE (1959).....	131

1 INTRODUÇÃO

Pensar a respeito de estratégias que auxiliem o desenvolvimento das capacidades de linguagem voltada para a leitura, bem como aprimorar a visão crítica dos alunos no ensino fundamental tem sido uma das inquietações de educadores. Felizmente, com os avanços teórico-metodológicos, encontramos subsídios para avançar nas práticas de leitura na sala de aula de forma a ampliar a visão de mundo e promover a apropriação de novos conhecimentos.

A proposta de ensino da leitura e de produção de texto com gêneros textuais tem sido preconizada pelos documentos oficiais, BNCC e PCNs. Esses documentos oficiais reconhecem a necessidade de se trabalhar com os diferentes gêneros de texto. Eles ressaltam que a prática com gêneros promove uma discussão ampla sobre o funcionamento de texto na sociedade, visto que ocorre a exploração do contexto de produção, da seleção do conteúdo temático, o estilo de linguagem e a forma composicional em que foi planejado o gênero. Alguns livros didáticos, utilizam os textos de diferentes gêneros apenas como um pretexto para classificar tipos textuais e ensinar questões gramaticais, não havendo espaço para uma abordagem linguístico-discursiva.

Na literatura sobre gêneros textuais, encontramos uma diversidade de definições para o termo. Para Marcuschi (2001), gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Bakhtin (1992) define gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, podendo ser primários (conversas espontâneas) e secundários (momentos pré-elaborados).

Segundo Schneuwly (2004), o gênero textual é uma ferramenta que possibilita exercer uma ação linguística sobre a realidade, resultando em dois efeitos diferentes de aprendizagem: ampliação das capacidades individuais do usuário e ampliação das ferramentas utilizadas para interagir socialmente. Sendo assim, ao se trabalhar o ensino empregando os gêneros como ferramenta teremos como resultado a ampliação do domínio das capacidades de linguagem que buscam formas de agir socialmente com base nas representações sociais instaladas nos textos.

Para Dolz e Schneuwly (2004), gênero é considerado um mega instrumento que fornece um suporte para as atividades languageiras nas situações de comunicação, configurando-se como um modelo de referência para os aprendizes. Bronckart diz que:

O ensino de línguas deve formar o aluno para a maestria em relação aos modelos preexistentes, mas também deve, progressivamente, e explorando a reflexividade dos

alunos, desenvolver suas capacidades de deslocamento, de transformação dos modelos adquiridos. (BRONCKART, 2007, p. 47).

Dolz e Schneuwly (2004) desenvolvem a ideia de que o gênero é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, particularmente no que diz respeito ao ensino da produção e compreensão de textos, escritos ou orais.

Partindo da necessidade de um trabalho de leitura com reflexão e criticidade, propomos a leitura do gênero cordel, examinando os recursos linguageiros utilizados pelo agente produtor que tem a intenção de gerar o riso uma visão invertida da realidade cotidiana das classes populares. Vale ressaltar que a escolha do gênero cordel corresponde uma prática que cumpre diferentes funções, através dos folhetos podemos exercitar a leitura em voz alta, ressaltando as rimas e expressões corporais, além de debater infinitudes de temas sociais que são explorados de forma engraçada e crítica.

A literatura de cordel ao longo de sua história tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Mais recentemente, podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 56).

A personagem de Pedro Malasartes, presente em muitos contos e cordéis, é conhecida por sua esperteza e humor. Caipira, sertanejo, herói, anti-herói, pícaro e malandro brasileiro, quem é Pedro Malasartes? Conhecido como o personagem mais antigo da literatura popular, segundo Cascudo (1998), Pedro Malasartes é uma figura emblemática, muito presente nos contos populares portugueses em que suas histórias apresentam crítica e comicidade. Ele se cristalizou no tempo por ser presença marcante em vários textos de épocas diferentes e também em espaços regionais e sociais, assumindo variadas características, a exemplo das histórias narradas na primeira obra de Romero, datada de 1954, Viana (2008), Cascudo (1878), bem como Guimarães (2006) e Costa (2015), citados em Pedra (2017), pesquisadores brasileiros que se dedicaram aos estudos populares, reforçando a ideia que, segundo Pedra (2017), Malasartes é um pícaro, integrado ao rol de personagens que subvertem a ordem por necessidade.

Os cordéis, permitem-nos desenvolver, em sala de aula, estratégias de leitura que visam ao aprimoramento do senso crítico dos alunos, dada a facilidade que eles apresentam de se identificarem com os temas propostos, uma vez que foram coletados do cotidiano da nossa

sociedade. Além da abordagem de temáticas sociais, o cordel também traz, em seus textos, assuntos relativos à cultura de um modo geral, seja ela popular, através da narração das espertezas e malandragens de personagens como João Grilo e Pedro Malasartes, por exemplo, e de acontecimentos fantásticos como a viagem de São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos; ou históricos, como os folhetos que narram o percurso de personalidades como Padre Cícero, Antônio Conselheiro e Tancredo Neves, possibilitando ao aluno um diálogo com outras disciplinas e o acesso à história do local em que vive.

1.1 Justificativa

O trabalho com um texto literário deve ser realizado de forma crítica, a fim de que os leitores/educandos possam aguçar seus conhecimentos e observar atentamente a realidade que o circunda para que a partir das reflexões no campo ficcional, a realidade seja modificada. O gênero cordel apresenta aceitabilidade do público, uma vez que por ser de origem popular emprega linguagem acessível, mas ao mesmo tempo é composto de aspectos e conhecimentos culturais imensuráveis.

Todo texto, independente do gênero, é composto por representações explícitas e implícitas, trazendo visões preconceituosas e/ou estereotipadas do ser humano. A escolha das personagens pelo autor, bem como as características que os configuram, a exemplo de Pedro Malasartes, figura astuta e carismática aos leitores, suscitam nestes uma identificação com suas aventuras e busca pela justiça àqueles que foram humilhados. Dessa forma, Malasartes representa os oprimidos que se veem “vingados” por ele ao ensinar aos exploradores uma lição.

Dentre vários temas presentes nos cordéis de Pedro Malasartes, a exploração do trabalho camponês e a injustiça social é recorrente. Em “O quengo de Malasartes no fazendeiro”, há o patrão que gosta de fazer apostas enganosas para seus empregados e levar proveito, ao saber desses artificios, Malasartes resolve ensinar uma lição ao patrão “na mesma moeda”.

Ao longo da narrativa, vai-se acompanhando a inversão de papéis, Malasartes ganha a aposta e o patrão dantes vencedor, passa a ser o perdedor.

Partindo do pressuposto de que todo trabalho deve promover a reflexão crítica e assim favorecer a mudança da realidade, propõe-se um trabalho com o gênero cordel e a personagem

Pedro Malasartes buscando identificar aspectos da carnavalização nos cordéis e na personagem em estudo. O tema: “ Enredos de Pedro Malasartes: A carnavalização em sala de aula”, traz consigo toda a magia presente no carnaval, onde não apenas o riso, mas as metamorfoses das realidades, ainda que temporárias, se configuram, tornam amenos os fardos e injustiças.

1.2 Problema

O trabalho com o gênero cordel tem tido seu lugar de suma importância na sala de aula, uma vez que é uma literatura popular, cujas temáticas diversas podem ser analisadas e trabalhadas com os discentes. Ao optar pelo cordel intenciona-se analisar um texto literário de meio acessível e de forma peculiar à realidade dos educandos da rede municipal de Lagarto. Esses discentes, assim como boa parte de educandos de outros lugares, têm dificuldade de leitura e aquisição de livros literários, sendo assim, optou-se por esse gênero e pela personagem cuja habilidade em livrar-se dos problemas e auxiliar aos que eram injustiçados poderia deixá-los com vontade de aprofundar-se nas histórias e personagem. Vale ressaltar que a escolha das obras disponíveis nas redes tem relação direta com essa falta de acessibilidade dos discentes, daí também se explica a distância temporal de uma obra e outra. Intencionou-se a leitura de textos que pudessem ser representativos dos aspectos da carnavalização, mas sobretudo que fosse de fácil compreensão e prazer de ler.

Os procedimentos da carnavalização e seus aspectos, ainda que, a princípio, pudesse parecer avançada à faixa etária, ao ser bem elaborada e explicitada através das etapas para uma proposta de leitura, além de aprofundar os conhecimentos dos pupilos, também proporciona momentos de deleite e identificação do riso não apenas como recurso expressivo de felicidade, como também de ironia e zombaria.

Através desse trabalho e da vertente abordada neste labor espera-se que haja uma compreensão crítica acerca das temáticas e da importância do riso nas obras e na vida cotidiana, sendo uma espécie de alívio à dura realidade vivenciada, ressaltando que as inversões de papéis ocorrem na manifestação popular e na teoria da carnavalização. Vale ressaltar que a maior contribuição é o desenvolvimento da leitura e senso críticos dos discentes do 7º ano do ensino fundamental.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Reconhecer aspectos da carnavalização presentes nas narrativas cordelistas.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Reconhecer elementos que geram o riso nos cordéis selecionados pela pesquisa sob o enfoque da cosmovisão carnalizadora de Bakhtin (2010).
- Desenvolver a reflexão crítica acerca das temáticas dos cordéis, bem como o reconhecimento da importância do riso na ficção e na realidade.
- Construir um caderno de leitura com propostas pedagógicas e lúdicas de modo que a leitura seja fonte de prazer e criticidade.

2 CONCEITOS E MÉTODOS

Inicialmente, expomos a proposta do trabalho, aplicamos uma atividade de sondagem e vamos inserindo as etapas com propostas diversificadas, como: textos, filmes, música, teatro, etc, com o objetivo de envolver e despertar o interesse pela leitura. Para Schneuwly, os gêneros são o instrumento que nos permite fazer o uso da língua. Ele ainda comenta que um sujeito que age discursivamente (fala/escreve), numa dada esfera social, se utiliza de um determinado gênero como instrumento semiótico complexo, isto é, "uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos" (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 27). Então, no decorrer do processo, os textos de autoria dos discentes serão expostos na “Cordelteca (Biblioteca de cordel)” construída por eles.

2.1 Considerações acerca de gênero

Na literatura sobre gêneros textuais, encontramos uma diversidade de definições para esse termo, segundo Dolz e Schneuwly (2004), o gênero textual é uma ferramenta que possibilita exercer uma ação linguística sobre a realidade, resultando em dois efeitos diferentes de aprendizagem: ampliação das capacidades individuais do usuário e ampliação do conhecimento a respeito do objeto sobre o qual a ferramenta é utilizada. Sendo assim, ao se trabalhar o ensino empregando os gêneros como ferramenta teremos como resultado um crescimento das competências e habilidade do usuário e um conhecimento maior acerca da língua estudada.

Para Rojo e Cordeiro (2004), o gênero é considerado um mega instrumento que fornece um suporte para as atividades nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes.

O ensino de línguas deve formar o aluno para a maestria em relação aos modelos preexistentes, mas também deve, progressivamente, e explorando a reflexividade dos alunos, desenvolver suas capacidades de deslocamento, de transformação dos modelos adquiridos (BRONCKART, 2004 *apud* CRISTOVÃO; NASCIMENTO, 2006, p. 46).

Para Marcuschi (2001), gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Bakhtin (1992) define gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, podendo ser primários (conversas espontâneas) e secundários (momentos pré-elaborados).

Dolz e Schneuwly (2004) desenvolvem a ideia de que o gênero é utilizado como meio de

articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, particularmente no que diz respeito ao ensino da produção e compreensão de textos, escritos ou orais. Independente do conceito empregado para gênero, todos concordam que o trabalho com os gêneros textuais enriquece e dinamiza a práxis pedagógica e potencializa os educandos ao realizarem suas práticas sociais. Diante disso, os docentes devem abraçar em sua prática pedagógica os múltiplos usos sociais e discursivos que os gêneros proporcionam, sobretudo nas produções e compreensões textuais.

Antunes (2005) afirma que o texto falado, ouvido, lido e escrito é (ou ao menos deveria ser) o objeto principal das aulas de Língua Portuguesa. Não tem sentido aprender os diversos conceitos gramaticais se não se sabe como usá-los em textos e quais são as funções que esses termos exercem para que se mantenha coesão e coerência naquilo que se quer dizer.

2.2 A origem do gênero cordel

No princípio, o cordel era conhecido como “folhas volantes” ou “pliegos sueltos”. Ele teve seu auge em Portugal, durante os séculos XVIII e XIX, com o surgimento da imprensa, conquistando, assim, a sua popularização. O cordel surgiu na cultura portuguesa no período do Trovadorismo¹ medieval, nos séculos XII e XIII. Essa literatura oral atraía a atenção do povo por ser recitada, acompanhada por instrumentos musicais, recurso fundamental para memorizá-las e repassá-las aos sucessores, visto que na época a maioria da população era desprovida de estudos.

Na Renascença², o uso das máquinas tipográficas fez expandir a publicação dos folhetos entre o maior número de pessoas possíveis, marcando a transposição das aventuras e epopeias recitadas, lidas em voz alta ou cantadas por poetas e violeiros, em versos escritos, tornando-a cada vez mais popular.

A expressão “literatura de cordel” foi designada aos livretos, folhas volantes, folhetos de cordel - nomenclatura adotada em Portugal- pois eram vendidos nas feiras pendurados em cordão em forma de varal, eram confeccionados em papel barato com tipografia de jornal, carregados de histórias regionais.

¹ Trovadorismo primeiro movimento literário e poético da língua portuguesa do séc. XI.

² Renascença foi uma sociedade criada em 1912 com o objetivo de promover a cultura do povo português.

Os primeiros folhetos apresentados à terra dos Papagaios³ foram trazidos pelos colonizadores portugueses que se fixaram no Nordeste e a Literatura de Cordel se espalhou feito “chuchu na cerca”⁴. Segundo Mateus Brandão de Souza (2010), os primeiros cordéis foram chamados de “Histórias de Trancoso”, pelo fato do português Gonçalo Fernandes Trancoso, em meados do século XVI, ter produzido vários escritos que aqui chegaram.

Outra particularidade interessante de Trancoso e que ainda mais o liga a literatura de cordel foi ele ter apresentado a mais de 400 anos, um ABC em prosa, não em versos. Em seu ABC, Trancoso enumerava as virtudes que se exigiam então das mulheres, como nos ABCs do cordel, cada virtude tem por sinal uma das letras do alfabeto, seguindo a ordem do abecedário (Souza, Histórias de Trancoso ou Literatura de Cordel. 2010. Disponível em: www.mateusbrandaodesouza.blogspot.com. Acesso em: 24 mai. 2021).

Herdamos também as narrativas de reis, princesas, dragões e mesclamos com os nossos heróis, anti-heróis, folclore e tudo o que convém, já que a riqueza do cordel é a diversidade de temas transcritos, pois qualquer assunto se torna aceitável a tal gênero textual.

Percebemos diferenças entre o formato do cordel em Portugal e no Brasil. A forma predominante do cordel em Portugal era em prosa, quando escrito em versos eram adotadas as quadras ou redondilhas maiores. Já o cordel do Brasil era escrito em versos, sextilhas de sete sílabas e décimas, com o intuito de facilitar a memorização e recitação do mesmo. Outra questão valorizada pelos portugueses era a escrita erudita, sendo Gil Vicente adepto dessa escrita.

Em 1973, a Fundação Casa de Rui Barbosa realizou o I Congresso Internacional de Filologia Portuguesa. Na ocasião, Raymond Cantel, então professor de literatura portuguesa da Universidade de Poitiers, proferiu a conferência “A literatura de cordel: a merecida importância”. Em sua exposição, o pesquisador francês associa a literatura em verso produzida no Brasil com a literatura dita “de cordel” praticada em Portugal sob a influência das obras de Gil Vicente. (MELO, 2019, p. 252).

No Brasil, o grande dramaturgo Ariano Suassuna, influenciado pelos cordelistas brasileiros, defendeu a valorização da informalidade da fala, criando, assim, o Movimento Armorial⁵.

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romancelo Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a xilogravura que ilustra suas capas, assim como o espírito e a forma das artes e

³ Terra dos Papagaios é uma referência ao Brasil feita pelos colonizadores.

⁴ Expressão típica do Nordeste que representa abundância.

⁵ Movimento Armorial foi uma iniciativa artística cujo objetivo seria criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do nordeste brasileiro.

espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionadas. (SUASSUNA, 1974, p. 7).

A literatura de cordel fez parte da infância de Ariano Suassuna e tais narrativas foram utilizadas de forma espetacular em seus teatros. O teatro *O Auto da Compadecida* é enriquecido com os cordéis: *O Dinheiro* e *História do Cavalo Que Defecava Dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), de onde Suassuna retira a história do cachorro que deixa uma herança caso fosse “enterrado em latim”, o gato que “descome” dinheiro e do instrumento musical que fazia os mortos ressuscitar. Assim, Suassuna demonstra a importância do cordel em sua literatura.

2.3 Sobre os produtores de cordéis

Raramente, os cordelistas assumiam o papel de escritores como profissão. Os cordelistas eram lavradores, mascates, cantadores de viola que exerciam o ofício nas horas vagas. Quando o cordelista dependia da literatura para sobreviver, era responsável pela criação narrativa, pela impressão e pela venda dos folhetos nas feiras das cidades. Sentindo a necessidade de ampliar a quantidade de folhetos impressos, alguns autores adquiriam suas próprias tipografias, surgindo assim os agentes revendedores. O paraibano Leandro Gomes de Barros é considerado como o primeiro autor a imprimir e vender os folhetos, por volta de 1893⁶. No folheto “*Os Mestres da Literatura de Cordel*”, de Antônio Américo de Medeiros, confirmamos essa história:

Leandro que não cantava
Diariamente escrevia
Publicando os seus folhetos
Foi crescendo dia a dia
Criou o revendedor
Que de feira em feira vendia

Aqueles revendedores,
Vendendo de feira em feira,
Os folhetos de Leandro
Cobriram toda ribeira,

⁶ Estas e outras informações sobre as características gráficas e editoriais dos folhetos são resultado da pesquisa feita por Ruth Brito Lemos Terra e publicada com o título *Memória de lutas: literatura de folhetos do nordeste* (1893 a 1930).

Do litoral ao sertão,
Foi de fronteira a fronteira.

E com dois anos já tinha
A sua tipografia
Fazendo por conta própria
Folhetos como queria.
Deu emprego a muita gente
Vendendo na freguesia.

(...)
Ataíde bom poeta
Cordelista e editor
Da produção de Leandro
Ele foi o comprador.
Pagou seiscentos mil réis,
Na época, um alto valor.

João Martins de Ataíde
Comprou a tipografia
Com todos os originais
Que a viúva possuía.
E organizou a gráfica
Da forma que pretendia.

Durante muito tempo, entre as décadas de 50 e 70, poetas e folheteiros trabalhavam na clandestinidade, pois viviam sendo perseguidos e presos pela polícia através de atos de repressão conhecidos como “rapa”.

Além da prisão dos poetas, a coerção movida pelo Estado se dava também pela destruição dos folhetos. A edição do Jornal do Brasil de 1º de janeiro de 1938 publicou uma reportagem intitulada “literatura de Cordel” que mostra como o poder público agia para coibir a circulação dos folhetos. (MELO, 2019, p. 252).

O reconhecimento e aceitação dos folhetos como textos literários foi gradual e lenta. Fez-se necessário a criação de sindicatos que protegessem tais artistas e como havia uma resistência da ABL (Academia Brasileira de Letras) em aceitar cordelistas para ocupar uma cadeira, surgiu a ideia

de exigir aos governantes que legalizasse a profissão de Cordelista e Repentista, reformulasse a política do Instituto Nacional do Livro e da Funarte para que cordelistas e repentistas pudessem publicar seus textos e a inclusão da Literatura de Cordel nos currículos escolares, em todos os níveis de ensino, como também a criação da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), em 07 de setembro de 1988, no Rio de Janeiro.

Em 1983, Raimundo Santa Helena completou 38 anos de atividade literária como cordelista, tendo escrito centenas de poemas, com uma tiragem de aproximadamente 520 mil exemplares, alguns dos quais traduzidos para 12 países. [...] o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, adverte que “se é obra literária ou não a academia vai julgar”. Ao final da votação, os membros da ABL escolheram o diplomata Sérgio Correia da Costa, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, para ocupar a cadeira vazia. (MELO, 2019, p. 255).

Então, podemos afirmar que, a Literatura de Cordel é a literatura da resiliência, da persistência e perseverança.

3 CONHECENDO OS CORDELISTAS QUE CONTARAM HISTÓRIAS DE PEDRO MALASARTES

3.1 Origem do protagonista Pedro Malasartes

A origem do personagem Malasartes ainda é indefinida. Sabe-se que ele se tornou um ícone cultural presente em diversos países, talvez por isso a grafia do seu nome sofra tantas divergências: Pedro Malasartes, Malazartes, Malasarte, Malas Artes, Urdimale, Urdimale ou ainda, Pedro Urdemalas (ou seja, aquele que urde/ trama, más ações) como é conhecido na Espanha, na literatura de Cervantes. Não é à toa que possui a característica de andarilho, pois viaja o mundo inteiro despertando o imaginário de quem o conhece.

[...] não esquenta lugar, está sempre indo de um lugar para outro. Fica um pouquinho trabalhando numa fazenda, sai e vai para outro emprego num sítio, daí a pouco já está numa vila vendendo umas coisas na feira.... Quando a gente menos espera, Pedro já está de novo na estrada, a caminho da cidade ou de outra fazenda onde passa a ter uma oportunidade melhor. (MACHADO, 2002, p. 4).

A citação mais antiga foi encontrada em Portugal no *Cancioneiro da Vaticana*, de Pedro Mendes da Fonseca, cantiga 1.132, fins do século XV. Há diversos achados que foram catalogados por estudiosos da literatura popular, podemos visualizar alguns exemplos expostos no quadro abaixo:

Quadro 1 - Exemplos

PAÍS/CIDADE	NOMENCLATURA	SÉCULO/ANO	OBRA
Portugal	Payo de maas artes	XV	Cancioneiro da Vaticana- Pedro Mendes da Fonseca
Espanha	Pedro de Urdemalas	XVI e XVII	Obras Completas – Miguel de Cervantes
Porto Rico	Pedro Urdemale, Pedro Urdiale e Juan Animala	1941	Raíces de la Tierra – Maria Cadilha de Martinez (coleta de uma série de estórias)
Chile	Pedro Urdemalas	1943	Cuentos de Pedro Urdemalas – Ramon

			Alvear Laval (20 episódios)
Madrid	Pedro de Malas Artes	1946	Relógios Falantes – D. Francisco Manuel de Melo
Rio de Janeiro	Pedro Malazarte	1946	Histórias de Pedro Malazarte – (Jorge de Lima e Manuel de Lima
Madrid	Pedro de Urdemales	1947	Cuentos Populares Españols – Aurelio M. Espinosa
São Paulo	Pedro Malazarte	1948	Contos Populares Brasileiro – Lindolfo Gomes (12 episódios)
São Paulo	Pedro Malazartes	1948	Tradições populares – Amadeu Amaral
México	Pedro de Urdemalas	1950	La Narración Tradición em Guerrero – Celedonio Serrano Martinez
México	Pedro de Urdimalas	1950	Los Cuentos em Tlaxcala – Virgínia R. R. de Mendoza
Rio de Janeiro	Pedro Malazarte	1984	Folclore Poético Brasileiro, Vaqueiros e cantadores – Luis da Camara Cascudo

Fonte: ROMERO (2009, p. 38).

Os dados apresentados na tabela tornam-se poucos diante a imensidão das narrativas malasartianas. Ela foi ilustrada com o intuito de melhor visualizar e compreender como o personagem rapidamente se espalhou em diferentes continentes, países e culturas.

Seu primeiro nome “Pedro”, segundo historiadores, é baseado no apóstolo São Pedro, considerado por alguns europeus como bonachão e ingênuo, mas em outros continentes, ele surgiu cheio de astúcia e artimanhas, recurso utilizado como forma de sobrevivência e enfrentamento das mazelas que o cerca.

As ardeiras de Pedro, em Portugal, se dão em duas esferas: por um lado, ele é visto como ingênuo e bobo e suas ações são bem sucedidas graças à sua sorte que sempre o acompanha; por outro lado, ele é o rapaz astuto e inteligente que trama histórias com que engana àqueles que por ventura tentam explorar de alguma maneira (CASCUDO, 2005, p. 249).

No Brasil, o astuto herói popular (ou anti-herói), é um caipira simples, divertido e justiceiro, pois vive usando suas artimanhas para fazer justiça contra os fazendeiros avaros e cruéis, a mulher adúltera, os ricos que negam-lhe dar um prato de comida, um local digno para pernoitar, todos aqueles que não respeitam os menos favorecidos.

Pedro Malasartes também é descrito como uma pessoa desprovida de beleza física, cada autor o descreve de acordo com o seu olhar, porém não dispensam os exageros cômicos, buscando assim o efeito do riso na maioria dos leitores. Observemos a descrição que segue:

Pedro Malasartes foi
Um menino endiabrado

Não se metia em questão
Pra não lograr resultado
Mesmo sendo amarelinho
Cabeçudo e bem magrinho
Atrevido e malcriado.

De rosto comprido e fino,
Olho esperto, “aboticado”
Sua pele tinha a cor
Do amarelo queimado;
Tinha um comprido pescoço
Sua cabeça era um caroço
De manga, quando chupado.
(VIANA, 2008, p.2).

O autor não poupa adjetivos ao descrevê-lo e não se preocupa com a dubiedade quando afirma que Malasartes era cabeçudo, o que transmite a ideia de enorme, e em seguida diz que a cabeça é um caroço de manga chupado, trazendo a ideia de minúscula ao imaginarmos que está suspensa em um pescoço comprido. Percebemos que há uma preocupação em preservar as rimas dos versos.

As histórias de Malasartes não apenas percorreram o mundo como também está presente em diversos gêneros: cordel, conto, poema, teatro, música e cinema. Povoam todas as classes sociais, sendo bem aceito, talvez, por se tratar de um personagem que o povo se identifique, se sinta bem

representado, pelo humor nele contido e o riso que ele provoca, pois também é apreciado pela classe dominante. Diversos autores brasileiros recontaram as proezas de Malasartes: Ana Maria Machado, *Histórias à Brasileira* (2017); Pedro Bandeira, *Malasaventuras, Safadezas de Malasartes* (2005); Sílvio Romero, *Folclore Brasileiro, Contos Populares do Brasil* (2009); Klévisson Viana, Cordel (2008), dentre outros.

Por não possuir um dono, assim como *Dom Quixote* é de Cervantes, Malasartes passou a ser de todos, tornou-se elemento da cultura popular. Nos fatos narrados no Brasil, o que permanece é a imagem de uma pessoa simples da área rural que procura fazer justiça sem utilizar a violência, combate o malfeitor utilizando sua astúcia e esperteza surpreendendo o leitor e dando um rumo inesperado ao desfecho do problema. Ele quebra o paradigma de que a falta de formação escolar torna uma pessoa da roça em “tabaréu”, “ingênuo” e “inocente”.

O lagartense Sílvio Romero coletou alguns contos orais e registrou na publicação da sua obra *Folclore Brasileiro, Contos Populares Do Brasil* (1885), na 1ª edição, considerada a primeira obra etnográfica brasileira, contendo um capítulo de contos de origem europeia, um de origem indígena e outro de origem afro-brasileira; nessa obra uniu contos de Pernambuco, Sergipe, Rio de Janeiro e do Pará. Escreveu o conto: *Uma Das De Pedro Malas-Artes*, no qual Pedro convence ao rei de que viajaria com as três botijas de azeite doados por ele e retornaria com três mulatas moças lindas para o rei. Malas-Artes, através das suas artimanhas consegue trocar as três botijas de azeite por três galinhas, troca as três galinhas por seis perus, troca os seis perus por seis ovelhas, troca as seis ovelhas por seis bois, troca os bois por ouro e finaliza cumprindo a promessa. Então Malas-Artes diz “Eu não disse a Vossa Majestade que lhe dava três mulatas pelas três botijas de azeite? Aí estão elas”. Sílvio Romero encerra o conto com uma das quadrinhas utilizadas pelos contadores da época que nos rituais de contação lançavam uns versos para continuação dos causos: “Entrou por uma porta, saiu por outra, manda o rei, meu senhor, que me conte outra.”

Para DaMatta (1997), Pedro Malasartes, acima de ser um herói sem caráter, é um subversivo, perseguidor dos poderosos, para quem sempre leva a dose de vingança e destruição que denuncia a falta de um relacionamento social mais justo entre o rico e o pobre, além de revelar o código moral que deve pautar o relacionamento entre fortes e fracos.

Atualmente encontramos inovações das histórias malasartianas em filmes e peças de teatro. Destacamos o mais recente trabalho, o filme *Malasartes, o duelo com a morte*, que mescla as

artimanhas de Pedro com enredos fantásticos e mitológicos. Essas atualizações aconteceram e acontecem em vários gêneros textuais, diferentes formas de arte e diferentes abordagens, o que corrobora com a atemporalidade do personagem na busca de justiça aos oprimidos. Pedro Malasartes por ser uma personagem de caráter literário é a personificação da carnavalização na literatura, pois os enredos de suas histórias contemplam realização de fantasias, inversão de papéis, o riso superando o medo.

Figura 1 – O filme *Malasartes, o duelo com a morte*



Fonte: Disponível em: [Trailer de “Malasartes e o duelo com a Morte” mostra investimento em efeitos - Jornal O Globo](#). Acesso em: 30 abr. 2021.

3.2 João Damasceno Nobre

O cordelista João Damasceno Nobre nasceu em 1910, em Inhambupe-BA, na Fazenda Bebedouro. Com sete anos de idade acompanhou os pais no trabalho da lavoura cacaueteira baiana. Em 1955, publicou seu primeiro folheto “*As aflições do Presente e as Glórias do Porvir*”. Seguiu escrevendo: *As Profecias do Boi Misterioso, O Cisne Misterioso, A História do Perverso Barba Roxa e O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro*. Ele usava o pseudônimo Amador Silvestre, portanto, o acróstico que aparece no final do cordel é **AMADOR**.

3.3 O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro

O cordel de João Damasceno Nobre, *O Quengo de Malasartes no Fazendeiro* (1959), é um exemplo da riqueza e imaginário da cultura popular. O cordel é um gênero definido como a poesia da expressão popular, talvez por isso nos possibilite uma múltipla interpretação no concernente às histórias contadas, mas também nos heróis que nos encantam com suas peripécias.

A poesia é alimento para a alma, o cordel é o açúcar que adoça e minimiza as mazelas, que em seus versos emocionam e dão esperança, alento aos ouvintes/leitores desse gênero. Ao escolher Pedro Malasartes como personagem, o autor buscou uma figura admirada por todos, sobretudo por aqueles que viam nas suas histórias um aprendizado para os que perseguiam, humilhava e enganava os menos favorecidos. Na história do quengo de Malasartes no fazendeiro, já nos primeiros versos notamos como o futuro patrão de Pedro é descrito: “De um camarada **perverso**/Que **nunca** foi **enganado**”(grifo nosso), fato que já de imediato nos deixa pouco afeitos ao que ocorrerá com ele, tanto que nos dois últimos versos da primeira estrofe, ao usar o provérbio “Mas um dia foi buscar lã/Porém saiu tosquiado.”, aguça nossa curiosidade de que forma esse ser tão perverso tenha sido tosquiado, ou melhor, tenha aprendido a lição.

Nos versos seguintes, tomamos conhecimento da maneira como esse camarada fazia suas perversidades, explorava o trabalhador, mas de maneira muito sagaz, já que sempre propunha uma aposta aos que trabalhavam para ele, estes sempre perdiam e iam embora sem nenhum dinheiro e para mais humilhar, sem uma tira de couro das costas. Essa manobra vinha dando certo, tanto que já havia comprado muitas fazendas, nem a justiça conseguia fazer algo que o coibisse de tal ação (“O sujeito era ricoço/Ninguém podia ir lá,”) e para melhor descrever o sujeito, define-o como pior que o mangangá, inseto muito conhecido por todo morador do sertão. Nesses versos, podemos inferir que além da rima para a palavra “lá”, sonoramente pode-se associar à palavra “mangar”(/mangá/) cujos sentidos, consoante dicionário são:

Mangar

verbo

1.1

transitivo indireto e intransitivo

escarnecer fingindo seriedade; caçoar.

"crédulo e gentil, mangavam-lhe com a maior facilidade"

1.2

transitivo indireto e intransitivo

expor (alguém) ao ridículo, ao desdém, por meio de atitudes ou palavras maliciosas ou irônicas; debochar, mofar, troçar.

E assim segue a narrativa, até fazer a mesma coisa com Antônio, irmão de Pedro Malasartes, nesse ponto da história, quem já conhece a fama de Malasartes, fica esperando que ocorra uma mudança nessa narrativa, o que de fato ocorre, já que ao saber que o irmão foi tapeado e para piorar ter ficado sem a tira de couro, Malasartes decide trabalhar para este cidadão. Assim como o fazendeiro foi apresentado por sua perversidade, o autor também apresenta Pedro como “Cabra velho preparado”, isto é, alguém difícil de ser enganado pelas sagacidades:

Esse monstro tirano
De natureza tarada,
Porque ele ao que parece
Não tinha pena de nada.
(NOBRE, 1959, p. 4)

Depois de estar inteirado de onde podia encontrar o homem, Pedro desejava muito fazer o jogo do que até então era campeão. Chegando à casa do fazendeiro, diz à criada que procurava emprego e ali estava para falar com o patrão, a criada diz que logo ele chegaria. Assim que o homem chega, Pedro faz uso da ironia ao pedir emprego:

Meu digníssimo senhor
Desejo achar um abrigo,
Porque sou trabalhador
E já vi que o coronel
Do pequeno é protetor.
(NOBRE, 1959, p. 6)

Esse elogio mexe com os brios do fazendeiro, deixa-o mais à vontade para se vangloriar e dizer os termos para trabalhar ali, o que é respondido por Pedro como “sopa no mel”, entra no jogo

e diz também só trabalhar se houver aposta, justificando que é uma espécie de promessa. Isso é para o fazendeiro “juntar a fome com a vontade de comer”, diz os termos da aposta, o que é assentido por Malasartes: “seja duas!”

Dessa forma, vão ao cartório, o homem já crente da vitória na aposta, explica que quem trabalha para ele levanta de madrugada quando o pássaro cantar, devendo acordar e tomar o café. Ao ouvir isso, Malasartes tenta convencer ao patrão que é melhor mudar de ideia, já que ele poderia se arrepender:

-Pondere, respondeu Pedro,
 Para depois não voltar.
 Pois se ele não cantar
 Eu não me levantarei,
 Conforme foi o nosso trato,
 Tudo certo seguirei,
 Desejo que seja mesmo
 Como palavra de rei.
 (NOBRE, 1959, p. 7)

De madrugada, ouviu o grito “curru-piu-piu”, levantou-se e pode ver que era uma velha que fazia esse barulho, vai trabalhar, mas pensando em um quengo para “quebrar a viola”. Nesse mesmo dia, à tardinha, procura um ninho de formigões e coloca na laranjeira para “quebrar a viola”, ou seja, acabar com a cantoria.

Quando a velha madrugada
 Na laranjeira subiu
 E já ia começando
 Cantar o curru-piu-piu,
 Recebeu uma dentada
 Que se largou e caiu.

A velha caiu gritando
 E as formigas mordendo
 A pobre virando os olhos

E pelo chão se batendo,
 Porque em todo lugar
 As bichas estavam roendo.
 (NOBRE, 1959, p. 11)

Percebemos que a palavra “quengo” é um termo pouco usado e podemos ao longo do cordel notar o quanto esse termo é polissêmico. De acordo com o dicionário:

QUENGO:

Cuia, cabaça.
 (por analogia) Cabeça.
 Nuca, final do pescoço e parte trazeira da cabeça humana (gíria catarinense, Brasil).
 Galo namorador
 Marido da quenga.

quen·go

(quimbundo *kienga*, tacho)

substantivo masculino

1. [Brasil] Casca do coco.
2. [Brasil] Conteúdo de uma vasilha feita com metade de um coco.
3. [Brasil, Informal] Cabeça.
4. [Brasil, Informal] Capacidade intelectual. = INTELIGÊNCIA
5. [Brasil, Informal] Indivíduo astuto ou de grande esperteza. = ESPERTALHÃO.⁷

João Damasceno vai narrando as perspicácias de Malasartes que são postas em prática através dos quengos aplicados pelo fazendeiro e por ele mesmo.

A comida que lhe deram
 Na primeira refeição
 Foi uma banda de ovo
 E outro tanto de pão;

⁷ "Quengo". Disponível em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021 <<https://dicionario.priberam.org/quengo>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Porém Pedro usou um **quengo**
 Para vencer a questão.
 (NOBRE, 1959, p. 8)

No café da manhã Pedro tinha o direito de tomar o café e comer uma banda de um ovo com pão, como não era o suficiente ele usava suas artimanhas para matar a fome e ir trabalhar abastecido.

Da forma como ele comeu
 O pão primeiro acabou,
 Ele disse a cozinheira
 O ovo ainda ficou,
 Dê-me pão pra misturar
 Porque assim se tratou
 Porém da segunda vez,
 Tendo o ovo terminado,
 Gritou ele: dê-me ovos
 Pois assim foi acertado
 Eu comer pela manhã
 Pão e ovos misturado.
 (NOBRE, 1959, p. 8)

E consultou com a mulher,
 Dizendo o que vou fazer
 Para dar fim a esse cara,
 Pois é duro de roer!
 Veja se arranja um **quengo**
 Para fazê-lo morrer.
 (NOBRE, 1959, p. 16)

Depois disto Malasartes
 Quis dali se retirar
 Pois já tinha feito um ano
 Que estava nesse lugar,
 Ele então armou um **quengo**

Pra poder despistar.
(NOBRE, 1959, p. 28)

Conforme observamos nos trechos acima, a depender do contexto o vocábulo “quengo” tem diferentes significados, inclusive além dos acima mencionados: artifício, modo, jeito, armadilha, treita...

Após o episódio da alimentação em que Pedro enganou com astúcia a cozinheira a fim de não ficar apenas com um pedaço de pão e ovo, o caso seguinte é o da cachorra “Tosinha” que era muito bem alimentada para não poder regressar tão cedo à casa do fazendeiro, fazendo com que Pedro trabalhasse o dia inteiro, mas astuto como é, Malasartes, dá cipoadas na cachorra para que esta pegue o caminho de volta e ele também. Quando vê que Pedro retornou cedo, o fazendeiro vai reclamar com a cozinheira, afinal o trato que fizera era que Malasartes só retornaria junto com a cachorra, a cozinheira diz que não tem culpa: “enchi tanto/Que não cabia mais nada.”

A cadelinha saltava,
Só vendo o cipó cair
Porém vendo o caso sério
Tratou de escapular,
Para casa, disse Pedro,
É para você seguir.
[...]
Conforme foi o nosso trato
Eu não pretendo alterar,
A cadela regressou
Eu tive de acompanhar
Também isso já é hora
De quem luta descansar
(NOBRE, 1959, p. 10)

O patrão se dá conta que havia encontrado um empregado com o perfil bem diferente dos demais, então calcula uma tarefa que fizesse Pedro romper o contrato e saísse sem nada receber. Então lançou mais um desafio, mas Pedro com as suas habilidades o fez chorar de raiva mais uma vez.

Disse para Malasartes
 Amanhã ou quarta-feira
 Vá tirar-me seis carradas
 Duma especial madeira
 Toda sem nós sem umbigos
 Por igual toda linheira
 (NOBRE, 1959,p.12)

[...]

O Policarpo foi ver
 Suas linhas de madeira
 As peças todas por uma
 Sem umbigos e linheiras
 Mas dessa vez Malasartes
 Liquidou as bananeiras
 (NOBRE, 1959, p.13)

O patrão deu outra missão para Pedro realizar. Buscar uma carrada de lenha em um determinado lugar, considerado perigoso, pois no caminho havia muitas feras selvagens. Pedro, ao perceber que a missão era uma armadilha, resolveu pegar um atalho, mudando o caminho. O carro de bois atolou, então ele seguiu com os bois para a feira e os vendeu bem barato e exigiu que o açougueiro devolvesse os rabos dos animais para ele armar mais um quengo para o patrão. Atolou os rabos no lamaçal e fez o patrão acreditar que os bois haviam morrido subterrados pela lama. Para diminuir o prejuízo, o filho do fazendeiro tenta recuperar os bois e acaba morrendo engolido pelo lamaçal.

Ele gritou por socorro
 Até desaparecer
 O velho quis ir também
 Para o filho socorrer
 Não vá patrão, fala Pedro
 Se o senhor for vai morrer!
 (NOBRE, 1959, p. 15)

O fazendeiro não percebe os riscos de morte que o seu filho corre ao entrar na lama. Então, assiste a morte do filho sem nada poder fazer. E desejando que Pedro também atolasse na lama, o fazendeiro ordenou que ele trouxesse o carro de volta para a fazenda. Malasartes executou a ordem, mas não do jeito que o patrão queria.

Porque o senhor bem sabe
 Que eu sozinho não podia
 Trazer esse carro inteiro
 Pois os bois não mais havia
 Só de pedaço em pedaço
 É que um homem traria
 (NOBRE, 1959, p. 16)

Como reza o contrato: ninguém pode de nada reclamar. O patrão agora pensa em uma forma de como desse funcionário se livrar.

Policarpo então pensou
 Esse cabra é de encomenda
 Parece que desta vez
 Eu vou perder a contenda
 Porém vou ver se a mulher
 Livra-me de pagar prenda
 (NOBRE, 1959, p. 16)

Assim, marido e mulher tramaram para seduzir Pedro e matá-lo. A patroa colocou veneno no copo da bebida que ofereceu para Pedro, mas ao perceber o quengo, Pedro consegue trocar os copos e mais uma vez livra-se da morte.

Ela foi trocar de roupa
 E a criada distraída
 Não viu o Pedro trocar
 As vasilhas de bebida
 E no copo da mulher

Inda deitou formicida
(NOBRE, 1959, p. 21)

Reconhecendo a derrota, o fazendeiro manda que tire as correias de couro das costas e suma de sua vida. Antes de partir, Pedro faz questão de dizer que é irmão de Antonio e despede-se com ironia:

Malasartes disse: Adeus!
Gostei de lhe trabalhar,
Quando precisar de mim
Pode mandar me chamar.
Responde o homem não quero
Nem de você me lembrar!.
(NOBRE, 1959, p. 26)

E assim termina a primeira parte da história para dar sequência à próxima que é bastante similar. Inicia com Pedro encontrando um outro homem chorando e fica sabendo que um fazendeiro faz com que trabalhem, mas na hora de acertar as contas não honra o compromisso.

Malasartes se apieda e resolve fazer justiça, assim como fizera no caso do outro fazendeiro. Após saber onde é a tal fazenda, usa novamente de ironia e de elogios para conseguir o emprego. Passa um ano, é chegada hora de receber seu pagamento. Consciente da fama do novo patrão, arma uma estratégia para receber o que é de direito. Então, decide ir comprar um pote grande a um oleiro, e a partir desse dia passa a obrar no pote. Mais uma vez aqui, há o uso do duplo sentido ou da polissemia da palavra. Obrar no sentido denotativo:

Obrar
- [Conjugar](#)
(latim operor, -ari, ocupar-se em, trabalhar, levar a efeito, exercer, praticar)
verbo transitivo e intransitivo

1. Fazer um trabalho, uma tarefa. = TRABALHAR
2. Pôr em obra. = FAZER, REALIZAR
3. Operar.
4. Causar.

verbo intransitivo

5. Proceder.

6. Expulsar os excrementos pelo ânus. = DEFECAR, EVACUAR

Confrontar: oberar.⁸

Nesse contexto, infere-se que seu sentido está ligado tanto a realizar uma tarefa, trabalhar em algo (plano para conseguir receber o pagamento e ir embora sem alarde), quanto ao ato de defecar. Após vários dias, sua obra está completa, carrega o pote e coloca-o no olho de uma jaqueira. Faz uma carta e pede para o patrão ler, dizendo que não sabe ler nem escrever, ao ler não se comove ao constar que a mãe de Pedro estava no leito de morte, o homem lamenta não ter dinheiro para pagá-lo, mas o esperto Pedro diz que só sente não poder ficar para pegar um pote de dinheiro em cima de uma jaqueira:

É um pote de dinheiro
Em cima duma jaqueira;
Porém me disse a visão
Para ir tirar sexta-feira
Amanhã eu sairei
Perderei minha carreira.

Agora a visão me disse
Que eu poderia ceder
Se no dia estipulado
Eu não pudesse fazer;
Porém precisava logo
O ajuste receber.
(NOBRE, 1959, p. 32)

Lançada a isca, o fazendeiro morde, vão ao local verificar a veracidade da história, entram em negociação e fecham o acordo, porém as instruções sobre o encantamento somente serão passadas mediante o pagamento do pote:

⁸ "Obrar". Disponível em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021 <<https://dicionario.priberam.org/quengo>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Depois que eu receber
Do senhor o pagamento,
É que poderei fazer
Melhor esclarecimento
O senhor tem que seguir
Todo meu depoimento.

Chegando em casa, o manata
Na mesma hora pagou,
Então Pedro Malasartes
O segredo revelou;
E no outro dia cedo
Sem ninguém ver viajou.

- Ele disse o senhor vai
No dia de sexta-feira,
Estende cobertas limpas
Por debaixo da jaqueira
Se o ouro cair em terra
Transforma todos em poeira.

Depois que o senhor tiver
Forrado ali todo chão,
Dois cabras têm de subir
Cada qual com um bastão
Para quebrarem o pote
Sem tocarem com a mão.
(NOBRE, 1959, p.33)

Afinal chegou o dia
De irem para jaqueira
A família toda foi
Nessa bela sexta-feira
De cobertas bem lavadas
Cobriram a área inteira.

Os camaradas subiram
Cada qual com um pau na mão,
Todos olhando pra cima,
Prestando toda atenção
E o fazendeiro de baixo
Com o revólver em posição.

De cá de baixo ele estava
Com toda força a gritar,
Só dizendo passo a bala
Em quem no pote pegar,
E, também no que quiser
Qualquer moeda aparar.

Os cabras bateram logo
Que chegou em posição:
E descambou lá de cima
Toda aquela arrumação;
O povo vomitou tanto
Que quase saí o pulmão!
O fazendeiro saiu
Por ali todo melado
Na fazenda do compadre
Foi sair indignado,
Fecharam todas as portas
Pensando ter endoidado!

Cinco caixas de sabão
Foi quanto ele gastou
Pra limpar todo mundo
Da maneira que ficou
Mas as cobertas que foram
Ninguém mais aproveitou.

Assim que seu Pedro soube
Do que tinha se passado

Procurou ver o irmão,
 E disse seja letrado
 Tome lá quarenta contos
 Para ficar consolado.

Aqui não descrevi tudo;
 Mas dei nessa relação
 Alguns dados importantes
 Da vida do sabichão,
 O Malasartes afamado
 Rebatedor de ladrão.
 (NOBRE, 1959, p. 34-35)

Notamos, com essa narrativa, a sagacidade de Pedro Malasartes, que como seu nome não nega, fez más artes, não por maldade, mas para ensinar aos exploradores a não mais se aproveitarem dos trabalhadores e enriquecerem às custas dos que deram o couro para conseguirem o sustento. Vale ressaltar que o nome que Pedro deu à mãe, na carta que escreveu, prenuncia o desenrolar dos fatos, ou seja, a vitória dos oprimidos.

3.4 Francisco Sales Arêda

Francisco Sales Arêda, natural de Campina Grande (PB), nasceu em 1916. Transfere-se, em 1927 para Caruaru, agreste pernambucano, onde atuou como cantador de viola, fotógrafo de feira (lambe-lambe) e vendedor de folhetos de cordel. Cantou de 1940 à 1954, chegou a desafiar grandes mestres da cantoria: os irmãos Dimas e Lourival Batista (Louro do Pajeú), Pinto do Monteiro e Zé Vicente da Paraíba. Quando abandonou a viola dedicou-se, exclusivamente, à poesia de composição. Em 2005, ele morre em Caruaru (PE), na casa da filha. No cordel “*A Casa mal-assombrada*”, Arêda transcreve a sua paixão pelo ato de escrever, mesmo depois que a morte o leve:

Senhores, quem é poeta
 está sujeito encontrar

com espírito maconheiro
 cheio de truque e azar
 que na vida foi poeta
 morreu inda quer versar
 Digo assim porque comigo
 deu-se uma trapalhada
 noite de Senhor São João
 eu caí numa emboscada
 que pensei me acabar
 sem ver o fim da jornada.

Filho de pais agricultores, começou cedo a trabalhar no campo e encantado pela literatura, começou a escrever poesias com 15 anos, mas publicou o primeiro folheto em 1946: “*O casamento e herança de Chica Pançuda com Bernardo Pelado*”. Mesmo tendo frequentado o ensino formal por três meses, lia e escrevia muita literatura, tornou-se um cordelista reconhecido pelo domínio nas métricas, rimas e metáforas. Um dos temas mais recorrentes em seus escritos eram fábulas, contos de encantamento e enredos de ficção. Como muitos cordelistas, percorreu várias temáticas, dentre elas: *As Palhaçadas de Pedro Malasartes*, em que aborda a astúcia e artimanha.

Para Ariano Suassuna, Sales Arêda era um poeta clássico que ele teve a sorte de conhecer. Em 1973, Ariano escreve uma peça teatral em que o personagem principal se chama Joaquim Simão: “*A Farsa da Boa Preguiça*”, inspirada no cordel de Arêda: “*O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*”, considerada pelos críticos como uma de suas obras mais célebres. O conto se passa com o personagem sertanejo Joaquim Simão, que não quer trabalhar nem se esforçar para nada, mas fica rico no final da história.

Arêda teve mais de uma centena de títulos publicados por várias tipografias e editoras: A Folhetaria Borges, em Bezerros (PE); Art-Folheto São José, em Caruarú (PE); Luzeiro do Norte (PE) e Luzeiro (SP).

Uma prática marcante de Arêda era o uso do acróstico do seu nome para finalizar o cordel. Artificio que poetas usam para confirmar a autoria do texto e uma função estética. Sales Arêda usava o “FSALES” no final dos textos, como esse abaixo, do cordel “*O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*”:

Fazendo fê na fortuna
 Sem nunca desanimar
 Aonde encontrá-la um dia
 Lhe abraçe pra não soltar
 Estando com ela ao lado
 Segure até se acabar

Uma exceção a isso ocorreu em um cordel chamado “*Jesus e São Pedro*”, que Sales Arêda divide autoria com outro cordelista de Caruaru, José Soares da Silva Dila, também conhecido como “mestre Dila”. Em homenagem ao amigo o cordel é encerrado com o acróstico “DSOARES”:

De pois que Jesus foi preso
 Sentenciado e morto
O avarento ainda
 Andava de porta em porta
 Rogando praga e gemendo
 Enfim ainda está vivendo
 Sem encontrar um conforto

Outra atividade executada por Sales foi os versos da trilha sonora do filme “*A peleja do bumba meu boi contra o vampiro do meio-dia*”, que foi musicada depois pelo caruaruense Jadilson Lourenço. O filme foi gravado na década de 80, em Caruaru.

3.5 As palhaçadas de Pedro Malasartes

O folheto escrito por Francisco Sales Arêda está formatado em sextilhas e as rimas alternadas. Como o próprio título sugere, o protagonista busca despertar o riso do leitor através das suas palhaçadas, astúcia e artimanha, pois está sempre a duelar contra alguém. O cordel: *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* aborda aventuras vividas por ele e que foram passadas de geração a geração demonstrando a valorização da literatura oral popular.

As Palhaçadas de Pedro Malasartes é a junção de quatro narrativas, cujas personagens vão diversificando: Malasartes e o Padre, pássaro raro, urubu sabe tudo e o rei mandão (grifos nosso).

A primeira estrofe ressalta a tradição da narrativa oral e o potencial da sua transmissão no seio familiar, enquanto a segunda, apresenta o personagem Pedro Malasartes.

Eu vou contar uma história
 Que vem dos **meus bisavós**,
 Os **meus pais** já aprenderam
 Com os velhos **meus avós**
 Eu aprendi com **meus pais**
 E vou contar **para vós**

Era Pedro Malasarte
 Um curioso ladino
 Que **viveu de palhaçadas**
 Desde muito pequenino
 Nunca achou **um caloteiro**
 Que lhe cortasse o destino
 (ARÊDA, 2004, p. 1)

Malasartes é querido e engraçado, porém amadureceu muito cedo “Desde muito pequenino” ele já enfrentava as mazelas da vida, por isso desde cedo começou a ajudar no sustento da família. Também está descrito que ele “Era ativo e forte”, mas essa força não é física, ele vence pelo seu maior tributo que é a “inteligência e a disposição”. Por ser muito agitado, desde criança e na vida adulta, diversas vezes foi comparado a um demônio pelas artes que apronta. Quando o narrador cita: Havia nele um “encosto”, afirma que ele possui forças sobrenaturais.

[...]
 O Pedro nasceu no dia
 De vinte e quatro de agosto
 Era **ativo e muito forte**
 Inteligente e disposto

Mas se é certo que há espírito

Havia nele um "**encosto**"

(ARÊDA, 2004, p. 1)

Na primeira narrativa, Pedro Malasartes conhece um padre sisudo e autoritário que ao perceber que não dobraria o “menino” bate em retirada reconhecendo que duelava com alguém de pouca idade, mas de grande conhecimento de mundo.

Abre aí esta porteira

Disse o padre carrancudo

- E quem é o cidadão?

Perguntou Pedro sisudo

Ele disse: - Sou um padre

Homem que aprendeu tudo

Pedro aí sorriu e disse:

- Uma dessa é de primeira

O senhor diz que é sabido

Mas só conversa besteira

Como foi que aprendeu tudo

E não sabe abrir porteira?

(ARÊDA, 2004, p. 2)

A segunda narrativa, denominada pássaro raro, relata que Pedro Malasartes quando estava indo visitar uns parentes, encontrou na estrada um pedaço de corrente que ao polir ficou brilhando como ouro, então vendeu a uma senhora por cem mil réis e três joias. O marido da compradora não concordou com o negócio, então sai em busca de Pedro.

Ao avistá-lo de longe e para enganar o avarento, Malasartes defeca na estrada e cobre as fezes com o chapéu, ao ser indagado, explica que está prendendo um pássaro raro e precisa de uma gaiola. O fazendeiro compra o pássaro e fica esperando Pedro voltar com a gaiola, mas como Pedro não volta, levanta o chapéu para capturar o pássaro e acaba todo sujo de excrementos fecais.

[...]

Na beirada da estrada

Pedro defecou ligeiro

E cobriu com o chapéu

Fazendo o maior barreiro:

- Quem quer me ajudar pegar

Um passarinho estrangeiro?

Como o fazendeiro era

Em ambição um perito

Pensou consigo: Este pássaro

Só deve ser bem bonito

Vou ajudar a pegá-lo

Porque dele necessito

E falou para comprá-lo

Já de ambição quase tonto

Pedro disse: - É cem mil réis

Sem um tostão de desconto

Mas o senhor quando vê-lo

Talvez não dê por um conto

[...]

Foi levantando o chapéu

Por baixo meteu a mão

A fim de pegar o pássaro

Que alí estava no chão

Mas em vez de passarinho

Agarrou o cagalhão

Quando pegou que apertou

Foi cocô pra todo lado

Deu um grito e levantou

Praguejando indignado

Passou as mãos pela cara

Que ficou todo melado

(ARÊDA, 2004, p. 3)

O caso do “fazendeiro abastado, rico, desgraçado” é narrado na terceira história: urubu Sabe Tudo. Vale ressaltar que em grande parte das narrativas sobre Malasartes, ele aparece como um andarilho faminto, é o que acontece nesse caso, pois é negado a Pedro uma cama para dormir, negam-lhe comida quando se tinha mesa farta e “Pedro com fome e enfadado deitou-se e não dormiu”, viu a cozinheira preparando um grande quantitativo de quitutes, coloca o plano em ação, já que ao encontrar o urubu na carcaça e tê-lo trazido é porque tramava algo. No dia seguinte, Pedro cria a história de que o seu urubu de estimação é adivinho, é quando desperta o interesse do fazendeiro e Pedro aproveita para se fartar com o banquete.

[...]

À noite chegou em casa

De **um fazendeiro abastado**

E pediu-lhe pra dormir

Lá ficou Pedro hospedado

Porém o dono da casa

Era um rico desgraçado

Mandou Pedro arrancar-se

Num quarto atrás do oitão

Não deu-lhe ceia nem rede

Pedro foi dormir no chão

Onde deitavam galinha

Num palhiço de feijão

[...]

Pedro com fome e enfadado

Deitou-se mas não dormiu

Tinha o quarto uma janela

Que por ela se subiu

Os movimentos da casa

Ele de lá tudo viu

[...]
 Observou na cozinha
 A criada preparando
 Arroz, carne, bife e lombo
 Em boas caixas guardando
 E viu a dona da casa
 Chegar a negra explicando

[...]
 Para que quer este bicho
 Tão feio e tão fedorento?
 Pedro disse: esse animal
 Tem tanto merecimento
 Que advinha qualquer coisa
 Mais ligeiro que o vento

O homem disse: então mande
 Ele adivinhar ligeiro
 O que vamos almoçar
 Se der certo no roteiro
 Querendo vender o bicho
 Compro por todo dinheiro
 (ARÊDA, 2004, p. 4-5)

Na quarta narrativa, Pedro vai parar em um reino, onde o rei determina-lhe dois desafios: ensinar um burro a ler e caso não cumprisse o desafio seria punido com a morte, então dentro de um mês Pedro conseguiu treinar o burro a folhear o livro, isso foi possível graças ao artifício que usou durante o treino, colocar milho em cada página, o burro ao ver o livro foi a procura do milho, aparentando ler. O rei sentiu-se vencido por Pedro, então lançou o segundo desafio que era furar o tronco da baraúna com o dedo. Acreditando que o segundo desafio seria mais difícil, pois o tronco da baraúna é considerado um dos mais rígidos que há, é surpreendido com a astúcia de Pedro que durante a noite perfurou o tronco e tapou-o com cera e no momento do desafio consegue perfurar o tronco facilmente. Não conformado com o fato, o rei decide repetir a ação “sem conhecer o truque

de Pedro” e quase o seu dedo é quebrado. O motivo das derrotas consecutivas o leva a desejar a morte de Pedro e acaba o feitiço virando contra o feiticeiro.

[...]

Logo lhe entregou um burro

E depois disso foi ver

Um livro grande e lhe deu

E começou a dizer:

- Você com pena de morte

Ensine este burro a ler

Pedro seguiu com o livro

E o burro para um lugar

Comprou milho e começou

Em cada página botar

Um carocinho de milho

Pro burro se exercitar

[...]

Quando o burro viu o livro

Chegou-se com alvoroço

Passando todas as páginas

Porém foi ficando insosso

Porque procurava o milho

Mas não achou um caroço

O rei disse: O burro sabe

Mas não explica a lição

-É verdade, disse Pedro,

Senhor rei não tem razão

Mandou-me ensiná-lo a ler

Porém falar, isso não!

[...]

Pedro ouviu tudo e pensou:

"Este rei está danado"

À noite foi numa tenda

Por lá arranjou um trado

Furou no pau um buraco

Deixou com cera tapado

Pela manhã Pedro foi

Com o rei e mais alguém

Meteu o dedo no pau

sem combinar com ninguém

Quando o rei viu o buraco

Disse: Eu vou furar também

Meteu o dedo com força

Na baraúna velada

Que o dedo saltou da junta

A mão ficou logo inchada

[...]

Combinou com a rainha

A Pedro mandar chamar

Pra irem a um passeio

À noite na beira-mar

E lá empurrarem Pedro

Nas águas pra se afogar

[...]

Quando **Pedro** viu que os dois

Dormiam a todo pano

Pegou o rei pelo meio

E jogou-o no oceano

Dizendo: rei desgraçado

Nunca mais serás tirano

(ARÊDA, 2004, p. 6-7)

As últimas estrofes do cordel abordam o tema da morte relacionada com a vingança. Aqui, podemos discutir a dicotomia do certo/errado e refletirmos sobre as atitudes dos mais fortes contra os mais fracos, pois o que leva o rei a tomar essa atitude é o fato de não conseguir vencer Pedro através da esperteza e a revanche de Pedro ocorre como ato de proteção.

4 PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

4.1 A engenharia didática: os passos para a construção do caderno

A Engenharia Didática é um recurso educacional composto por dispositivos didáticos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, contribuem para o desenvolvimento do aluno e do professor. Para isso, Dolz e Schneuwly (2016) aprofundam seus estudos sobre a teoria da engenharia didática, a qual tem como objetivo:

Conceber tecnicamente as tarefas e as ações dos alunos para aprender, coordenar as intervenções dos professores e a elaborar dispositivos suscetíveis de resolver os problemas de ensino da língua. Ela organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino. Principalmente, a engenharia tem a responsabilidade de conceber projetos escolares e de elaborar dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias da comunicação escrita, oral e audiovisual. Com este objetivo, ela imagina e planifica as formas sociais de trabalho escolar dos alunos. Também está encarregada de inventar ferramentas para facilitar as aprendizagens e de orientar as intervenções e os gestos profissionais do professor. Finalmente, ela realiza pesquisas sobre as inovações introduzidas, controlando e avaliando a implantação das novidades (DOLZ; SCHNEUWLY, 2016, p. 241).

Na busca por um processo de leitura subjetiva, em que a didática fosse eficiente e prática, foi que surgiu a ideia de inserir os cordéis nas oficinas de leitura desse projeto, visto que percebemos que os exercícios de leitura oral costumam despertar segurança e confiança, inspira a expressividade, ajuda a perceber as rimas e aprimorar as entonações, contribui para quebra de timidez e amplia os horizontes do conhecimento, efetivando a função social da voz. Como afirma Bronckart (2007), os gêneros textuais são mecanismos essenciais de socialização e de inserção nas práticas comunicativas humanas, por isso,

Aludimos, assim, um ensino que potencialize o respeito a diferença cultural, que traga para a escola não somente a canônica, mas também as culturas locais, populares e a cultura de massas, para torná-las objetos de estudo e crítica e proporcionar um diálogo aos textos/ enunciados/ discursos das diversas culturas locais com os textos da cultura valorizada, explorando a diversidade própria de sua comunidade escolar como intuito de formar um cidadão flexível e protagonista de sua cultura (GOMES; CONCEIÇÃO, 2016, n.p).

Além dos argumentos apresentados, é preciso considerar que para Dolz e Schneuwly (2016), um engenheiro é um ator importante no processo de pesquisa e desenvolvimento de produtos e ferramentas técnicas complexas, e exerce, via de regra, três funções importantes:

- 1- Conceber projetos e ferramentas, porque o papel do engenheiro é de planificar e inventar

novidades técnicas ou dispositivos para melhorar o funcionamento de uma atividade.

- 2- Introduzir inovações nas atividades práticas.
- 3- Dirigir, coordenar e gerir tecnicamente os projetos.

Sendo assim, os recursos de ensino e aprendizagem estarão, sempre, passando por processos de inovação acompanhado por uma testagem contínua para selecionarmos as ferramentas mais eficazes. Atualmente, podemos dizer que as aulas de português necessitam de inovações para facilitar o domínio da expressão oral e escrita dos nossos alunos e para tanto, a escola tem o papel de auxiliar e facilitar o trabalho do professor. “Enquanto metodologia de pesquisa-ação, a engenharia didática situa o professor como o pesquisador responsável pelo planejamento, experimentação e avaliação de dispositivos didáticos” (RIBEIRO, SOUZA e KUBO, 2018, p. 412).

Então, para a elaboração do caderno didático desta proposta de leitura, pesquisamos dispositivos didáticos que já foram testados e aprovados por outros professores, em outras turmas.

Os passos para a construção do caderno, citados abaixo, são sugestões que podem ser alteradas e adaptadas de acordo com a experiência pessoal de cada professor:

- Pesquisar referencial teórico que fala sobre os temas propostos;
- Selecionar os cordéis e outros textos que serão utilizados;
- Recolher músicas, imagens, charges, vídeos e outros recursos que possam enriquecer as propostas do caderno;
- Compreender como é executado o processo da xilogravura;
- Escolher os dispositivos didáticos (leitura, interpretação, debate, sarau, dramatização).

4.2 Processo da carnavalização na sátira Menipeia

A carnavalização apresentada aqui, não tem nada a ver com o “carnaval”, festa popular brasileira, uma das comemorações mais apreciadas de norte a sul do país. Trataremos da carnavalização decorrente na linguística, através da teoria de Bakhtin.

De acordo com o autor, a sátira menipeia deve a sua denominação ao filósofo do século II a.C. Menipo de Gádara, que lhe deu forma clássica. No entanto, o termo, enquanto denominação de um determinado gênero, foi propriamente introduzido pela primeira vez pelo erudito romano do século I a.C., Varro, que chamou à sua sátira de “*saturae menippeae*”. Mas o gênero propriamente

dito surgiu bem antes e talvez o seu primeiro representante tenha sido Antístenes, discípulo de Sócrates e um dos autores dos “diálogos socráticos” (BAKHTIN, 2008, p.112)

Com a desintegração do “diálogo socrático”, surge outros gêneros dialógicos, dentre eles, a sátira ménipeia, mistura do sério-cômico. Porém, Bakhtin (2008), declara que a sátira ménipeia não pode ser considerada como produto genuíno da decomposição do “diálogo socrático” (como às vezes a fazem), pois as raízes dela remontam diretamente ao folclore carnavalesco cuja influência determinante é ainda mais considerável aqui que no “diálogo socrático”. Muito embora, o diálogo socrático já provocasse uma reflexão sobre as normas sociais, então Sócrates, em seu discurso, inicia em um determinado grau o processo da carnavalização. Segundo Bakhtin, O ‘diálogo socrático’ não é um gênero retórico. Ele medra em base carnavalesca – popular e é profundamente impregnado da cosmovisão carnavalesca, sobretudo no estágio socrático oral de seu desenvolvimento.

Assim, percebemos que os gêneros dialógicos recebem influências externas que contribuem com a origem da sua identidade, dessa forma, nasce a sátira Menipeia

Numa época de luta tensa entre inúmeras escolas e tendências religiosas e filosóficas heterogêneas, quando as discussões em torno das “últimas questões” da visão de mundo se converteram em fato corriqueiro entre todas as camadas da população e se tornaram uma constante em toda parte onde quer que se reunisse gente: na praça pública, nas ruas, estradas e tavernas, nos banhos, no convés dos navios, etc. (BAKHTIN, 2008, p. 119).

A sátira, na literatura, vem romper com os padrões da época, ela se desenvolve de forma livre e rebelde, visto que lança ironias contra instituições, costumes e ideias formais, quebra paradigmas e forma sua própria identidade.

Outro traço dessa época foi a desvalorização de todos os aspectos exteriores da vida humana, a transformação destes em papéis que eram interpretados nos palcos do teatro mundial de acordo com a vontade de um destino cego (a profunda conscientização filosófica destes fatos encontramos em Epicteto e Marco Aurélio e, no plano literário, em Luciano e Apuleio). Isto levou à destruição da totalidade épica e trágica do homem e do seu destino (BAKHTIN, 2008, p. 125).

Para que haja uma análise mais detalhada citaremos, reduzidamente, as 14 particularidades fundamentais do gênero da ménipeia, segundo a teoria de Bakhtin:

1 - Em comparação ao “diálogo socrático”, a menipeia possui mais elementos cômicos. Mesmo o diálogo socrático possuindo uma cosmovisão carnavalesca no estágio oral de seu desenvolvimento.

2 - A menipeia liberta-se das limitações histórico-memoralísticas, mesmo sendo os heróis da menipeia figuras históricas e lendárias.

3 - Os heróis da menipeia sobem aos céus, descem ao inferno, erram por desconhecidos países fantásticos, são colocados em situações extraordinárias reais.

4 - Combinação orgânica do fantástico livre e do simbolismo e, às vezes, do elemento místico-religioso com o naturalismo de submundo extremado e grosseiro. As aventuras da verdade na terra ocorrem nas grandes estradas, nos bordéis, nos covis de ladrões, nas tabernas, nas feiras, prisões, orgias eróticas dos cultos secretos, etc.

5 - A ousadia da invenção e do fantástico combina-se na menipeia com um excepcional universalismo filosófico e uma extrema capacidade de ver o mundo. O gênero do “diálogo no limiar” amplamente difundido na Idade Média, tanto nos gêneros sérios quanto nos cômicos.

6 - Na menipeia teve grande importância a representação do inferno, onde germinou o gênero específico dos “diálogos dos mortos”.

7 - Na menipeia surge a modalidade específica do fantástico experimental, totalmente estranho à epopeia e à tragédia antiga. A linha desse fantástico continua sob a influência da menipeia até em épocas posteriores em Rabelais, Swift, Voltaire e outros.

8 - A representação de inusitados estados psicológicos- morais anormais do homem- toda a espécie de loucura, da dupla personalidade, do devaneio incontido de sonhos extraordinários.

9 - São muito características da menipeia, as cenas escândalos, de comportamento excêntrico, de discursos e declarações inoportunas, ou seja, as diversas violações da marcha universalmente aceitas e comum dos acontecimentos, das normas comportamentais estabelecidas e da etiqueta, incluindo-se também as violações do discurso.

10 - A menipeia é plano de contrastes agudos e jogos de oxímoros: a autêntica liberdade do sábio e sua posição de escravo, o bandido nobre, etc. A menipeia gosta de jogar com passagens e mudanças bruscas, do alto e o baixo, ascensão e decadência...

11 - A menipeia incorpora elementos da utopia social, que são introduzidas em forma de sonhos ou viagens a países mentirosos.

12 - A menipeia se caracteriza por um amplo emprego dos gêneros intercalados: novelas, as cartas, discursos oratórios, simpósios, etc.

13 - A existência dos gêneros intercalados reforça a multiplicidade de estilos e a pluritonalidade da menipeia.

14 - Por último, a derradeira particularidade da menipeia é sua publicística atualizada. A última particularidade indicada combina-se com todos os outros indícios do mencionado gênero.

Esses dados servem de subsídios para analisar a presença da carnavalização nos cordéis de Pedro Malasartes.

4.3 Análise da carnavalização e o riso em Pedro Malasartes

Aristóteles conceituou a arte literária como mimese (imitação), como a arte que imita pela palavra, sendo assim, a obra literária, fruto oriundo dessa arte, é também uma imitação da realidade, com todos os seus elementos que a compõem. A personagem em estudo, Pedro Malasartes, é uma representação daqueles que são explorados, humilhados pelos patrões, mas que consegue sair desses imbróglios de forma leve, engraçada, cômica. Dessa forma, podemos ligá-lo à teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin.

A priori, faz-se mister compreender os significados das palavras carnaval e carnavalização à luz do dicionário e de Bakhtin. Segundo o Michaelis (1998) o carnaval é uma festa profana que ocorre desde do período da Antiguidade. Na Idade Média essas festas têm início no dia de Reis e vai até a quarta-feira de cinzas. Segundo Bakhtin (2010), o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo que, quando transportado para obras literárias, chama-se “carnavalização da literatura”. Bakhtin (2010) também acredita que o carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso onde os deuses são destronados e o rei perde poder. Nessa festa quem é escravo pode ocupar o papel de rei, e o rei pode ser bobo da corte. Na Idade Média, o carnaval durava três meses e era permitido viver uma realidade representada que criticasse e transgredisse a “ordem social”. Nesse evento, as relações hierárquicas eram abolidas, podendo

ocorrer o contato livre e familiar entre os grupos sociais. Nessas relações ocorriam cenas de escárnio, deboche e ridicularização do comportamento do outro sem censura.

Segundo a visão bakhtiniana, a carnavalização tem relação direta com a cultura popular e se origina da sátira menipeia, cujos objetivos eram o riso, o cômico, o julgamento irônico e o grotesco popular, elementos gritantes nas narrativas de Pedro Malasartes, personagem que rompe com as normas pré-estabelecidas para manter a ordem social e dita suas próprias regras, buscando saídas surpreendentes para livrar-se do opressor.

O ato de provocar o riso é quase que primordial na literatura de cordel, e relacionando-o ao personagem tihoso, astucioso e cheio de artimanhas, Pedro Malasartes consegue o riso do leitor mesmo quando chega a ser malvado. Observando *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* percebemos que as artimanhas do personagem o levam a tirar vantagens ou sair vitorioso de situações/problemas normalmente vistos quase que sem solução, é como fazer valer o ditado popular que diz que “quem ri por último, ri melhor”. Então, Malasartes esquece que é o mais frágil na situação, não se acovarda e sai encarando o medo com leveza. Isso é corroborado por Bakhtin, que defende que o riso é positivo no enfrentamento das dificuldades, o riso não é sinal de fraqueza, “... pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado, O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso” (BAKHTIN, 2010, p. 78).

O riso surge em diferentes situações cotidianas, visto que rimos para alguém, rimos de alguém e rimos de nós mesmos. Ele, geralmente, surge do inesperado: de uma fala, de uma expressão corporal, de um comportamento deslocado, até mesmo de outro riso. O ideal é que nos proporcione o bem, pois muito ouvimos que “rir é o melhor remédio”, como afirma a ciência. Podemos dizer que é vital, mas precisa ser moderado visto que em demasia é classificado como loucura e a ausência total não representa lucidez.

Estudando a literatura de Rabelais, Bakhtin (2010) concluiu que o riso é provocado por questões do baixo material e corporal. Quando peidamos em público, defecamos ou urinamos involuntariamente, nos encontramos em situação vexatória, porém, quem nos assiste não controla

o riso. É o que ocasionou o humor no fragmento do texto *Pedro Malasartes e a aposta*⁹, contada por Profeta e transcrita pelos pesquisadores Alvez e Albán (1991) *apud* Pedra (2017).

– Pedro, você pode se casar com minha filha, se você trazer aquelas iguarias aqui, tudo sorrindo no meio da praça. Pedro Malasartes: - Isso é bobagem! Cabou, chegou lá, pegou as éguas tudo, cortou os beiços tudo, ficou só os dentes de fora. O Rei perdeu. Aí ele disse: - óia bem, mas tu pode casar com minha fia, viu se tu pegar tudo quanto eu soltar – Solte. Pode soltar o diabo, que eu pego! Aí o Rei saiu no meio do campo e deu três peidos pum, pum, pum! – Pega! Aí Pedro Malasartes: - Ôh bicho danado! Tu é doido, bicho danado?! Chegou na cara do rei, deu três peidos: - Pum! Toma seu diabo brabo! Solta teu diabo e manda os outros pegar?! (ALVEZ; ALBÁN, 1991 *apud* PEDRA, 2017, p. 1).

De acordo com Rabelais, no grotesco romântico há uma força sobre-humana e desconhecida que governa os homens e os converte em marionetes. Para enfrentar o opressor Malasartes acaba aprontando algumas diabruras que causam grandes prejuízos ao patrão, porém, quem o assiste leva em consideração o humor, pois não o vê como um diabo maldoso e sim como realizador de justiça, desse modo, o “diabo não é tão feio como pintam”, para Rabelais ele é um personagem alegre:

A maneira como é tratada a personagem do diabo faz também ressaltar a diferença entre os dois grotescos. Nas diabruras dos mistérios da Idade Média, nas visões cômicas de além-túmulo, nas lendas paródicas e nos *fabliaux*, etc., o diabo é um alegre porta-voz ambivalente de opiniões não-oficiais, da santidade ao avesso, o representante do inferior material, etc. Não tem nada de aterrador nem estranho (em Rabelais, a personagem Epistémon, voltando do inferno, “assegurava a todos que os diabos eram boa gente”) (BAKHTIN, 2010, p. 36).

A teoria da carnavalização de Bakhtin faz-se presente nos cordéis já no gênero textual, uma vez que este representa a cultura popular considerado como uma das riquezas literárias. Além disso, por suas temáticas múltiplas e críticas diversas de todas as áreas, as histórias dos cordéis vêm como uma representação cômica, e às vezes grotesca de determinadas temáticas e características das personagens. Nos cordéis em análise, temos a figura de Pedro Malasartes, um herói da classe popular que de uma forma ou de outra ridiculariza os representantes do poder que torna o povo simples em oprimido. Essa ridicularização acontece de forma variada: perda da aposta, enganar aos avaros, a ponto de ficar com a cara parecendo uma latrina, fazendo acreditar em coisas fantásticas como o urubu falante, destronar os poderosos, fazendo a inversão de papéis. Pode-se perceber também o rebaixamento através do “baixo” corporal, como aconteceu no episódio do

⁹ Essa história faz parte do acervo digital do Programa de Estudo e Pesquisa em Literatura Popular (PEPLP) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado pela professora doutora Alvanita Almeida Santos.

urubu e a empregada, que para castigar o fofoqueiro do urubu, tranca-o no quarto para urinar em sua cabeça.

[...]
 Porém o senhor comprando
 Este animal de decência
 É pra ter todo cuidado
 Com gente sem consciência
 Se alguém mijar-lhe a cabeça
 Se acaba toda ciência

O homem passou-lhe os cobres
 E Pedro alí foi embora
 Porém a negra que ouviu
 Toda a conversa de fora
 Disse este urubu do diabo
 vai me pagar tudo agora

Arrastou-o para um quarto
 Dizendo: Bicho conheça
 Que quem faz o mal aos outros
 É bom que também padeça
 Para acabar seu mistério
 Eu vou mijar-lhe a cabeça
 (ARÊDA, 2004, p.6)

A respeito da urina, Bakhtin diz que:

[...] a projeção de excrementos e a rega por urina são gestos tradicionais de rebaixamento, conhecidos não apenas pelo realismo grotesco, mas também pela Antiguidade, sua significação era assim compreendida por todos. É possível sem dúvida encontrar em todas as línguas uma expressão como “eu te... em cima” (e construções semelhantes como “cuspir na cara”) (BAKHTIN, 2010, p. 127).

Podemos dizer que no cordel *As Palhaçadas de Pedro Malasartes (2004)*, não existem apenas expressões que provocam o riso do leitor, mas também há passagens que descrevem o riso de sarcasmo emitidos pelo próprio Malasartes, como podemos ver no fragmento abaixo:

Abre aí esta porteira
 Disse o padre carrancudo
 - E quem é o cidadão?
 Perguntou Pedro sisudo
 Ele disse: - Sou um padre
 Homem que aprendeu tudo

Pedro aí sorriu e disse:
 - Uma dessa é de primeira
 O senhor diz que é sabido
 Mas só conversa besteira
 Como foi que aprendeu tudo
 E não sabe abrir porteira?
 (ARÊDA, 2004, p. 1-2)

Na segunda estrofe, a expressão “Pedro aí sorriu e disse” é um sinal claro do sarcasmo, ele não se preocupa com os modos de educação ao falar com um vigário, que em todo vilarejo é visto como uma pessoa de respeito. Pedro Malasartes também é zombeteiro, porém utiliza sua astúcia para se defender e defender os que ele considera em igual situação de explorado. Possui um cinismo nato, controla o seu semblante dando um ar de seriedade aos seus atos de artimanhas e assim consegue fazer seus exploradores de bobo.

[...]
 E deu mais o burro a Pedro
 Pra ele voltar urgente
 Ficou no meio da estrada
 De cócoras como um demente
 Segurando no chapéu
 E Pedro se foi contente
 (ARÊDA, 2004, p. 3)

Pode-se notar também, nas histórias de Pedro Malasartes, as ações típicas da carnavalização, a exemplo da coroação/destronamento da personagem, ou seja, nos momentos em

que Pedro é oprimido (destronado), ele busca através da astúcia dar-se bem,” vencendo” o opressor (coroadado), essas ações são também exemplos da inversão de papéis constante na teoria de Bakhtin.

[...]

O indivíduo já estava
De tal modo viciado
Que exigia do pobre
Que fosse tudo apostado,
Mas sempre o trabalhador
É quem saía lesado.
(NOBRE, 1959, p. 3)

Nessa hora o fazendeiro
Descobriu depressa as costas
E disse tire as correias,
Não quero ouvir mais respostas,
Enquanto eu vida tiver
Não pagarei mais apostas!
(NOBRE, 1959, p. 23)

[...]

Malasartes disse: Adeus!
Gostei de lhe trabalhar
Quando precisar de mim
Pode mandar me chamar
Responde o homem: não quero
Nem de você me lembrar
(NOBRE, 1959, p. 24)

Nessa luta de resistência, Malasartes combate as forças centralizadoras (opressor), que tentam desprezar os que pensam diferente (oprimidos), como se o respeito devesse ser atribuído de acordo com cada camada social. E para que haja a descentralização do poder ocorre o destronamento, ou seja, no carnaval quem reina é o “Momo”, rei do povo-para o povo. Como as histórias de Pedro Malasartes são marcadas pelos duelos os processos da coroação/destronamento são contínuos, pelo fato de que as narrativas possuem uma sequência em que a cada instante

começa- termina-recomeça, a exemplo dos cordéis citados.

Na carnavalização ocorre o uso dos excrementos para rebaixar, sendo que este é um ato muito antigo que também foi analisado na obra de Rabelais, onde descreve o ritual da “festa dos tolos”, celebrada pelo bispo para despertar o riso, substituía o incenso por excremento. Os padres subiam nas carroças e saíam lançando excrementos no povo que os acompanhavam. É um ato que aparece em outras narrativas também, a exemplo dos trechos abaixo:

A projeção de excrementos é conhecida na literatura antiga. Os fragmentos do drama satírico de Ésquilo, *Os ajuntadores de ossos*, mencionam um episódio no qual se joga à cabeça de Ulisses um “vaso mal cheiroso”, isto é, um penico. O mesmo foi descrito por Sófocles num drama satírico cujo texto se perdeu, *O banquete dos aqueus*. Episódios análogos atingem a personagem do Hércules cômico, como testemunham as múltiplas pinturas de vasos antigos: ele é visto embriagado estendido no chão, à porta de uma hetaira, e uma velha alcoviteira derrama sobre ele o conteúdo de um penico, ou então, ele persegue alguém, segurando um penico na mão. (BAKHTIN, 2010, p. 127).

Nos cordéis *As Palhaçadas de Pedro Malasartes (2004)* e *O Quengo de Malasartes no Fazendeiro (1959)*, ambos fazendeiros são rebaixados caindo em armadilhas contendo excrementos fecais de Malasartes.

Quando pegou que apertou
 Foi cocô pra todo lado
 Deu um grito e levantou
 Praguejando indignado
 Passou as mãos pela cara
 Que ficou todo melado
 (ARÊDA, 2004, p. 3)

O fazendeiro saiu
 Por ali todo melado
 Na fazenda do compadre
 Foi sair indignado,
 Fecharam todas as portas
 Pensando ter endoidado!
 (NOBRE, 1959, p. 15)

Pedro Malasartes encontra saída para qualquer desafio e deixa os que se acham espertos em situações constrangedoras, porém as lições não sirvam para uma correção de caráter de nenhum dos lados, visto que os embates se repetem em diferentes circunstâncias.

5 PRODUTO EDUCACIONAL



Esta proposta de leitura, entendida como um caderno de atividades a serem desenvolvidas com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, em Lagarto/SE, nos ajudará a descobrir algumas curiosidades sobre a composição dos textos e a presença da carnavalização nas narrativas de Pedro Malasartes. O corpus do projeto serão os cordéis: *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* do autor Francisco Sales Arêda (2004) e *O Quengo de Pedro Malasartes No Fazendeiro* de João Damasceno Nobre (1959). O estudo será de forma fragmentada, sendo distribuído os fragmentos por etapas/módulos mesclando-os com textos de outros autores e gêneros. As atividades serão enriquecidas

com textos, vídeos, filme, música, e as produções dos discentes serão postados no *Blog: Das cordas às redes*, dentre outros recursos viáveis à execução das tarefas propostas e favoreça o processo evolutivo e avaliativo dos alunos. A conclusão do trabalho dar-se-á através de um evento cultural aberto para a comunidade, com a duração de um turno escolar.

Deixo a saber que este produto também abrange o estudo do cordel como estímulo à leitura, sem a preocupação de obrigá-los ao uso das métricas utilizadas pelos ilustres cordelistas, podendo tal aplicabilidade ser inserida nos anos posteriores ao 7º ano visto que, provavelmente, já dominam conhecimentos para executar tal proposta, pois segundo Marinho e Pinheiro(2012),

[...] todo leitor de literatura de folhetos aprendeu a apreciar este gênero a partir de narrativas de aventura, de proezas, de pelejas, de notícias cheias de invenções, de brincadeiras, da folia da bicharada, dos ABCs, de abordagens bem-humoradas de diferentes temas e situações. Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rima. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 12).

As etapas e atividades propostas estão exemplificadas em uma tabela prática que deverá ser acompanhada em cada aula. A avaliação do aluno fica a critério do professor, porém, o ideal é que ocorra de forma contínua, observando a evolução presente na execução de cada etapa.

Sugestões para acompanhar as ações didáticas:

- Anotar os comentários e questionamentos dos alunos, para melhor reconhecer seus entendimentos e necessidades;
- Fazer perguntas à turma para manter a atenção de todos e facilitar o processo de socialização;
- Observar, na conclusão de cada etapa, se os alunos foram envolvidos pelas leituras e os objetivos foram alcançados. Assim, terá um *feedback* para saber como e o que melhorar em sua prática e reorientar os trabalhos de cada módulo.

Referencial para a proposta de leitura

Para a elaboração do caderno pensamos em procedimentos que desenvolvessem a capacidade produtiva durante toda jornada escolar e social do aluno. Fatores que nos levaram a optar como

referencial teórico, Dolz e Schneuwly (2016) e Ribeiro; Souza; Kubo (2018), aplicando as técnicas da engenharia didática. Dolz define;

as linhas de base da engenharia didática como um campo particular da didática das línguas, que “organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino”. Seu objetivo consiste na concepção de projetos escolares e na elaboração de dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias de comunicação escrita, oral e audiovisual. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2016, p. 417).

Adota-se como ponto basilar aspectos da carnavalização presentes nas narrativas cordelistas cujo personagem protagonista é o astucioso Pedro Malasartes. Buscar-se-á características da teoria da carnavalização e do riso de Bakhtin, de modo que os discentes construam e identifiquem o grotesco, a inversão de papéis, coroação/destronamento nas peripécias de Malasartes descritas nos cordéis.

Este caderno didático traz propostas de leitura que podem ser alteradas e adaptadas de acordo com o desenvolvimento da turma. Ele está organizado em etapas contínuas que serão aplicadas com a mediação do professor, seguindo o quadro abaixo:

Tabela 1 - Organização da sequência

	ETAPAS	ATIVIDADES	AULAS
1	Motivação	1.1 Apresentação sobre a execução das atividades do CADERNO DE PROPOSTA DE LEITURA; 1.2 Ouvir o samba enredo “ ABC do Carnaval À Maneira da Literatura de Cordel- Imperatiz Leopoldinense- 1973; 1.3 Debate sobre o samba enredo;	Aula 1 ^a à 2 ^a
2		2.1 Apresentação do conceito de cordel com questionamentos orais sobre o mesmo. 2.2 Leitura do cordel “ Cordel do Carnaval”- Gustavo Dourado; 2.3 Exibição do filme: Malasartes e o duelo com a morte;	

	Introdução	<p>2.4 Produção de samba enredo apresentando Pedro Malasartes;</p> <p>2.5 Podcast sobre “As artes de Pedro Malasarte;</p> <p>2.6 Compreendendo o conceito de Carnavalização e suas características na leitura de telas;</p> <p>2.7 Reconhecendo a presença da carnavalização nas manifestações populares sergipanas;</p> <p>2.8 Visualização do aspecto “ grosseiro” da carnavalização presente na caricatura.</p> <p>2.9 Identificação de “felicidade, sarcasmo ou ironia” em trechos dos cordéis;</p>	Aula 3ª à 7ª
3	Leitura interpretação	<p>3.1 Leitura do fragmento do cordel: O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro</p> <p>3.1.1 Leitura e análise do trecho da música Mangangá (Wilson Simonal);</p> <p>3.1.2 Assistir ao vídeo sobre passos para produção de cordel;</p> <p>3.1.3 Produção de cordéis seguindo as orientações/passos para produção de cordel;</p> <p>3.1.4 Reescrita do cordel de Pedro Malasartes, contando o que faria para fazer a cadela voltar para casa sem açoitá-la.</p> <p>3.1.5 Assistir vídeo sobre J. Borges, um dos melhores produtores de xilogravura;</p> <p>3.1.6 Produção de xilogravuras(Oficina);</p> <p>3.1.7 Pesquisa do significado da palavra “quengo” no dicionário;</p> <p>3.1.8 Identificação de características da carnavalização nas estrofes do cordel “<i>O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro;</i>”</p> <p>3.2 Leitura do cordel As Palhaçadas de Pedro Malasartes;</p>	Aula 8ª à 13ª

		<p>3.2.1 Recitação do fragmento do cordel <i>As Palhaçadas de Pedro Malasartes</i> e produção de novos versos, utilizando a dinâmica: Tirando os versos da cachola;</p> <p>3.2.2 Discussão sobre a presença da carnavalização no fragmento, ilustração de um pássaro e o anúncio de venda dele, em forma de cordel, para montar uma exposição;</p> <p>3.2.3 Leitura do fragmento <i>As Palhaçadas de Pedro Malasartes</i>, abordando a narrativa do urubu falante e aspectos da carnavalização que apresenta identificação das rimas através da dinâmica: Decifra-me ou te devoro;</p> <p>3.2.4 Caça-palavras referente ao mesmo fragmento, pesquisando o significado das palavras no dicionário;</p> <p>3.2.5 Perguntas sobre verso, rima e estrofes utilizando o jogo: tiro ao alvo cordelista;</p> <p>3.2.6 Leitura da capa do cordel <i>As Palhaçadas de Pedro Malasartes</i> e jogo dos sete erros, com a mesma imagem da capa;</p>	
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

ETAPA 1 - Motivação

1º Bloco: Para introduzir o conteúdo de forma que os discentes conheçam o gênero cordel e a personagem protagonista (Pedro Malasartes) nos cordéis selecionados, buscamos recursos relacionados com a didática escolar para que o trabalho com a temática carnavalização, seja executado de forma bem agradável e linguagem mais acessível aos alunos. Inicialmente, faremos a audição acompanhado da letra do samba enredo da Imperatriz Leopoldinense de 1973, *ABC do carnaval à maneira da literatura de cordel* e análise do *Cordel do Carnaval*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=thpp8NrKLh4>.

Imperatriz Leopoldinense - Samba-Enredo 1973

Enredo: ABC do Carnaval À Maneira da Literatura do Cordel¹⁰

Carnaval

Festa tradicional

Alegria do povo

Euforia geral

Zé Pereira boi bumbá

O abre ala que eu quero passar (Refrão)

Cantarolando na feira

Assim dizia

O cantador

Seus versos eram tão lindos

Cheios de poesia e esplendor

O folclore brasileiro

Com a sua história original

Deu um belo colorido

Ao cenário cultural

Serra velha

Serra serrador

Esta velha deu na neta

Por ter falado em amor

Carnaval!

Prática de oralidade:

- 1) Quais sensações o samba-enredo lhe despertou?
- 2) O carnaval é uma manifestação cultural brasileira muito antiga. Você já participou de alguma festa carnavalesca? Justifique sua resposta.
- 3) Na primeira estrofe, como o autor define o carnaval?
- 4) Do seu ponto de vista, o título do cordel nos faz lembrar da escola? Por quê?
- 5) Em sua cidade há apresentações com Zé Pereira e Boi Bumbá? Já ouviu falar sobre eles?

¹⁰ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sambas/502168/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

- 6) Analisando a última estrofe “Serra velha, Serra serrador, Esta velha deu na neta, Por ter falado em amor”. Quais as rimas que ela contém?
- 7) Sabendo que as parlendas são versos ritmados e de fácil memorização e em sua maioria servem para iniciar uma brincadeira. Podemos afirmar que a estrofe supracitada é uma parlenda?

ETAPA 2 – Introdução

1º Bloco: Apresentação em slide sobre a origem do cordel



Cordel são folhetos contendo poemas populares, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome.

Literatura de cordel também conhecida no Brasil como folheto, literatura popular em verso, ou simplesmente cordel, é um gênero literário popular, escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel. Acesso em 26/05/2020.

APROFUNDANDO O TEMA

No princípio, o cordel era conhecido como “folhas volantes” ou “pliegos sueltos”. Ele teve seu auge em Portugal durante os séculos XVIII e XIX com o surgimento da imprensa, conquistando, assim, a sua popularização. O cordel surgiu na cultura portuguesa no período do Trovadorismo medieval, nos séculos XII e XIII. Essa literatura oral atraía a atenção do povo por ser recitada acompanhada por instrumentos musicais; recurso fundamental para memorizá-las e repassá-las aos sucessores, visto que na época a maioria da população era desprovida de estudos.

Na Renascença, o uso das máquinas tipográficas fez expandir a publicação dos folhetos entre o maior número de pessoas possíveis, marcando a transposição das aventuras e epopeias recitadas, lidas em voz alta ou cantadas por poetas e violeiros, em versos escritos, tornando-a cada vez mais popular.

A expressão “literatura de cordel” foi designada aos livretos, folhas volantes, folhetos de cordel - nomenclatura adotada em Portugal- pois eram vendidos nas feiras pendurados em cordão em forma de varal, eram confeccionados em papel barato com tipografia de jornal, carregados de histórias regionais.

Os primeiros folhetos apresentados à terra dos Papagaios foram trazidos pelos colonizadores portugueses que se fixaram no Nordeste e a Literatura de Cordel se espalhou feito “chuchu na cerca”. Segundo Mateus Brandão de Souza (2010), os primeiros cordéis foram chamados de “Histórias de Trancoso”, pelo fato do português Gonçalo Fernandes Trancoso, em meados do século XVI, ter produzido vários escritos que aqui chegaram.

Prática da oralidade

- a) Você já leu algum cordel fora da escola?
- b) Por quais motivos essa literatura é mais predominante no nordeste brasileiro?
- c) Na sua opinião, por que é importante preservar esse patrimônio cultural?
- d) Você consegue se divertir com as rimas dos versos? Justifique a sua resposta.

Hora da leitura

Leitura reflexiva e análise linguística (características / estrutura do gênero) do cordel “Cordel do Carnaval- Gustavo Dourado”

IMPORTANTE!

Percebemos diferenças entre o formato do cordel em Portugal e no Brasil. A forma predominante do cordel em Portugal era em prosa, quando escrito em versos eram adotadas as quadras ou redondilha maior. Já o cordel do Brasil era escrito em versos, sextilhas de sete sílabas e décimas, com o intuito de facilitar a memorização e recitação do mesmo. Outra questão valorizada pelos portugueses era escrita erudita, sendo Gil Vicente adepto dessa escrita.

Em 1973, a Fundação Casa de Rui Barbosa realizou o I Congresso Internacional de Filologia Portuguesa. Na ocasião, Raymond Cantel, então professor de literatura portuguesa da Universidade de Poitiers, proferiu a conferência “A literatura de cordel: a merecida importância”. Em sua exposição, o pesquisador francês associa a literatura em verso produzida no Brasil com a literatura dita “de cordel” praticada em Portugal sob a influência das obras de Gil Vicente. (MELO, 2019, p. 252).

Cordel do Carnaval
(Gustavo Dourado)

Serpentinas e confetes
Pierrô, arlequim, colombina
Samba, choro e marchinhas
Frevo: transmistura fina
Escolas de Samba, blocos:
Multifesta flui divina...

Abre Alas com Chiquinha
No estrudo, teve origem
Cordões pelas avenidas
Balanço que dá vertigem
A multidão se sacode:
Manda embora a fuligem...

Noel, Ary, Pixinguinha
Jacob com seu bandolim
Trio elétrico na folia
Armandinho, um serafim

Dodô e Osmar no ritmo:
Salve o Senhor do Bonfim...

Filhos de Gandhi e Ylê
Alceu no maracatu
Olodum, Carlinhos Brown
Araketu...Curuzu
Joãozinho Trinta, Jamelão:
Maxixe, axé...lundu...

Portela e Mocidade
Mangueira e Beija-Flor
Salgueiro e Imperatriz
O samba é imperador
Tijuca e Viradouro
O Carnaval é sedutor...

Caprichosos e Rocinha
Imperio, Vila Isabel
O samba fez escola
Lá na terra de Noel
Porto da Pedra, Estácio:

Carnaval é puro mel...

Banda de Ipanema, Momo
 Rainha do Carnaval
 No Cordão da Bola Preta:
 Pacotão monumental
 Máscaras e fantasias
 Animam meu Carnaval...

No Carnaval da Bahia
 Treme a terra em Salvador
 O Pelourinho pega fogo
 Axé, samba e calor
 Todo mundo na folia:
 Ritmo de paz e amor...

Pernambuco se sacode
 No Galo da Madrugada
 Recife e Olinda pulam
 De dia e na noitada
 Frevo e Maracatu:
 Trio elétrico na estrada...

Leandro de Itaquera, X-9
 Os Gaviões na folia...
 Nenê de Vila Matilde
 Mocidade é fantasia
 Tatuapé, Casa Verde:
 Tem Vai-Vai na alegria

Camisa Verde e Branco
 Unidos da Vila Maria
 Peruche e Tom Maior
 Rosas de Ouro: Poesia
 Tucuruvi, Água de Ouro :
 No samba do dia-a-dia...

Bailes em todo o Brasil
 Centro, Sul, Sudeste, Norte
 O Nordeste pega fogo
 Alma em teletransporte
 Carnaval é poesia:
 A vida ilude a morte... ¹¹

¹¹ Disponível em: <http://www.gustavodourado.com.br/cordel/Cordel%20do%20Carnaval.htm>. Acesso em: 02 Ago. 2021.

Prática da oralidade

- 1) Qual é o tema desse cordel? O título combina com ele?
- 2) As estrofes são formadas por quantos versos? Que nome essa estrutura recebe?
- 3) As rimas dos versos ajudam na memorização do poema? Justifique sua resposta.
- 4) O cordel apresenta características específicas do carnaval de diferentes estados brasileiros. Você consegue identificá-los? Cite-os.
- 5) Identifique os nomes das escolas de samba.
- 6) Quais as personalidades carnavalescas citadas no cordel? Já ouviu falar sobre algumas delas?
- 7) Explique a expressão “O PELOURINHO PEGA FOGO”.
- 8) Cite três diferenças entre os blocos carnavalescos e as escolas de samba.
- 9) Para o autor, o carnaval é sedutor, é puro mel, é poesia. Para você, o que é o carnaval?
- 10) Como ocorre o ritual da coroação do Rei Momo? Qual a importância do Rei Momo para o povo?

2º Bloco: Os alunos ajudarão a pendurar os folhetos nas cordas para decorar a sala e apreciar os cordéis de diversas temáticas, dentre eles, outras histórias com o personagem Pedro Malasartes. Para que haja uma familiarização com o protagonista dos cordéis em análise, haverá a exibição do filme: Malasartes e o duelo com a morte. Em seguida, proporemos que escrevam um samba enredo apresentando Pedro Malasartes.

MAIS INFORMAÇÕES!

Sinopse

Malasartes e o Duelo com a Morte é um filme brasileiro de 2017, escrito e dirigido por [Paulo Morelli](#). O filme é inspirado nas histórias de [Pedro Malasartes](#), um personagem presente nos folclores [português](#) e [brasileiro](#). Foi transformado em minissérie de três capítulos exibido pela [Rede Globo](#) em dezembro de 2017.



No [interior do Brasil](#), o malandro Pedro Malasartes vive de pequenas trapaçças e está sempre se safando das situações, mesmo as criadas por ele. Mas terá que enfrentar dois grandes inimigos: o temido Próspero, que fará de tudo para impedir que sua irmã Áurea namore um sujeito como ele, e a própria [Morte](#) encarnada, que quer tirar férias e enganar Malasartes. Ele ainda terá que lidar com a bruxa Cortadeira (responsável por tecer os fios da [vida](#)) e Esculápio, o atrapalhado assistente da Morte. Agora, com personagens deste e do outro mundo se unindo contra ele, Malasartes terá que usar de toda a sua esperteza para sair ileso dessa confusão.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Malasartes_e_o_Duelo_com_a_Morte. Acesso em 09 Nov. 2021.

APROFUNDANDO O TEMA

A origem do personagem Malasartes ainda é indefinida. Sabe-se que ele se tornou um ícone cultural presente em diversos países, talvez por isso a grafia do seu nome sofra tantas divergências: Pedro Malasartes, Malazartes, Malasarte, Malas Artes, Undimale, Urdimale ou ainda, Pedro Urdemalas (ou seja, aquele que urde/ trama, más ações) como é conhecido na Espanha, na literatura de Cervantes. Não é à toa que possui a característica de andarilho, pois viaja o mundo inteiro despertando o imaginário de quem o conhece.

[...] não esquenta lugar, está sempre indo de um lugar para outro. Fica um pouquinho trabalhando numa fazenda, sai e vai para outro emprego num sítio, daí a pouco já está numa vila vendendo umas coisas na feira... Quando a gente menos espera, Pedro já está de novo na estrada, a caminho da cidade ou de outra fazenda onde passa a ter uma oportunidade melhor. (MACHADO, 2002, p. 4).

Hora de produzir!



✦ ideias!

Após a produção podem gravar o samba-enredo e cantar em sala de aula para apreciação da turma. A produção da letra da música ficará exposta no varal musical denominado: **Artes do Malasartes** ou caso desejem, podem colocar os vídeos (podcast com as narrativas) no blog ou Instagram da escola.

3º Bloco: Hora da leitura

Vamos conhecer o conceito de carnavalização e perceber o que há em comum com o carnaval. Após conhecer os conceitos é a hora de realizarmos uma discussão sobre os conceitos apresentados.

SUGESTÃO!



Assistir aos vídeos “ Final de semana em Japaratuba (SE) é marcado pela Festa das Cabacinhas”, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2343691/>. Acesso em: 09 de Novembro de 2021.

Carnavalização

substantivo feminino

1. processo pelo qual uma manifestação social ou cultural adquire caráter carnavalesco, ou pelo qual se lhe empresta esse caráter; concepção ou realização carnavalesca de obra, manifestação ou fenômeno artístico, social ou cultural.

○ 2LITERATURA•COMUNICAÇÃO

mistura de elementos diversos em que as regras ou padrões (sociais, morais, ideológicos) comumente seguidos são subvertidos ou postos de lado, em favor de estímulos, formas e conteúdos mais ligados aos instintos e aos sentidos, à expansão do riso e da sensualidade.

"a c. é um aspecto da literatura de Rabelais"

- condição daquilo que apresenta tal mistura.

Fonte: Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>. Acesso em 23 de Maio de 2020.

Prática da oralidade!

- 1- Em nosso estado sergipano, nas cidades de Japaratuba e Siriri, há uma manifestação popular conhecida como guerra das cabacinhas, onde as pessoas confeccionam bolas de

parafina (usando uma pequena cabaça como molde) e enchem com água. Essa manifestação ocorre na rua, a munição são as cabacinhas e o objetivo é molhar o adversário. Há nessa manifestação um caráter carnavalesco? Justifique a sua resposta.

2- Ocorre nas cidades de Laranjeiras e Itaporanga D'Ajuda, ambas sergipanas, uma manifestação cultural conhecida como lambe-sujo, onde os participantes se banham com uma lama negra da região, usam um gorro e uma bermuda vermelha, imitando o Saci-pererê e saem desfilando pelas ruas da cidade. Pode-se perceber algum aspecto da carnavalização nessa manifestação? Justifique a sua resposta.

3- Explique como as pessoas se vestem para percorrer as ruas da cidade na Festa dos Caboclinhos. Há características da carnavalização nos trajes utilizados por eles? Justifique.

4- Aqui, na cidade de Lagarto todos conhecem a Dança dos Parafusos, grupo folclórico mais popular da região. Relate como surgiu essa dança popular. Quais características carnavalescas ela contém?

Perscrutando a Carnavalização

Observe atentamente a tela abaixo e cite elementos que possam estar relacionado ao carnaval nos dias atuais.



O quadro de *Pieter Bruegel, o Velho*, intitulado 'Luta entre o Carnaval e a Quaresma'. Está dividido em duas partes representando respectivamente, o carnaval e a quaresma. A parte central e à esquerda, simboliza todos os excessos próprios do carnaval: música, jogos, bebidas, comida, desordem e euforia. A metade oposta, à direita, representa a austeridade da quaresma, período de renúncia, penitência e recolhimento.

Fonte: BRUEGEL, P. Luta entre o Carnaval e a Quaresma. Óleo sobre Tela (118 x 164 cm). Kunsthistorisches Museum de Viena, 1559.

SUGESTÃO!



“O Canto dos Escravos - Lambe Sujos x Caboclinhos”: disponível em <

<https://www.youtube.com/watch?v=dSNKVmn4qSM>> e



Direcionando a Lente: Um Olhar da Folkcomunicação a partir do grupo Folclórico Parafusos, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FG2xOAA5cGA>.

Acesso em 9 de Novembro de 2021.

- 1) O nome da tela é coerente com as informações contidas no *box de informações*? Justifique a sua resposta.
- 2) No período da quaresma é costume o cristão fazer o jejum da carne. Qual a relação entre os termos: carne e carnaval?
- 3) Cite três elementos carnavalescos presentes na tela de Bruegel.
- 4) Cite três excessos próprios do carnaval.

Figura 2 - Perscrutando o Carnaval: comemoração do Entrudo

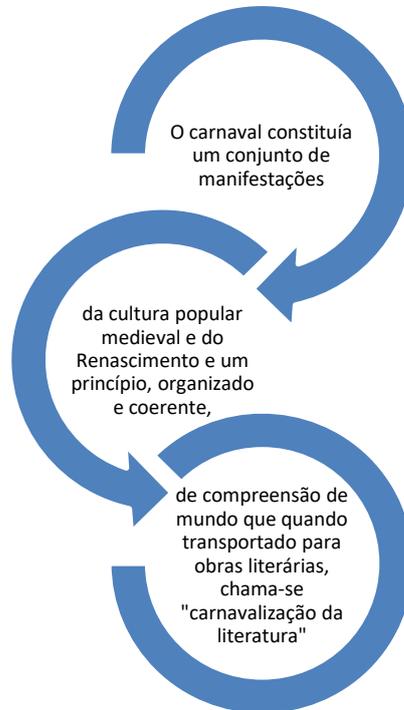


Fonte: Debret, Jean Baptiste. Aquarela sobre papel (18 x 23 cm), 1823.

- 1) Observando a tela do artista plástico, Debret, visualizamos a comemoração de uma data comemorativa brasileira. Que festa é essa? De quem herdamos essa forma de comemoração?
- 2) Quem são as pessoas retratadas? Justifique a sua resposta.
- 3) O que as crianças estão fazendo?
- 4) E o rapaz de camisa azul?
- 5) Qual a relação da tela com a Festa das Cabacinhas de Japarutuba?
- 6) Na sua opinião, por que há várias pessoas carregando tabuleiros?

De olho na Linguagem e no Sentido!

Observe atentamente a definição de Mikhail Bakhtin para o termo carnavalização.



- 1) O termo “carnavalização da literatura” diz respeito a obra escrita. Cite alguma literatura que você conhece, que possui elementos da carnavalização.
- 2) Segundo Bakhtin, como o carnaval está constituído?

De Olho na Linguagem e no Sentido!

Vejam meus caros leitores

Como Malasartes era

Amarelo, magro e feio

Igualmente uma pantera

Tinha uma cabeça redonda

Que parecia uma esfera

Tinha o pescoço comprido

E fino como um quiabo

Cérebro cheio de artimanhas

E astúcias igual o diabo.

Malasartes para um cão

Só faltava o chifre e o rabo.

(MELCHIADES, 2009, p. 1-2)

- 1) Observe atentamente a descrição de Pedro Malasartes nos versos abaixo e indique qual trecho pode ser associado à carnavalização.
- 2) Retire do cordel as partes que retratam o exagero.
- 3) O autor compara Pedro com quem? Por quê?

MAIS INFORMAÇÕES!

Caricatura é um personagem da vida real, tal como políticos e artistas. Porém, a caricatura enfatiza e exagera as características da pessoa de uma forma humorística, assim como em algumas circunstâncias acentua gestos, vícios e hábitos particulares em cada indivíduo.



Fonte: Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caricatura#:~:text=Caricatura%20%C3%A9%20um%20desenho%20de,h%C3%A1bitos%20particulares%20em%20cada%20indiv%C3%A1duo>. Acesso em: ago. 2021.

Prática da Oralidade!

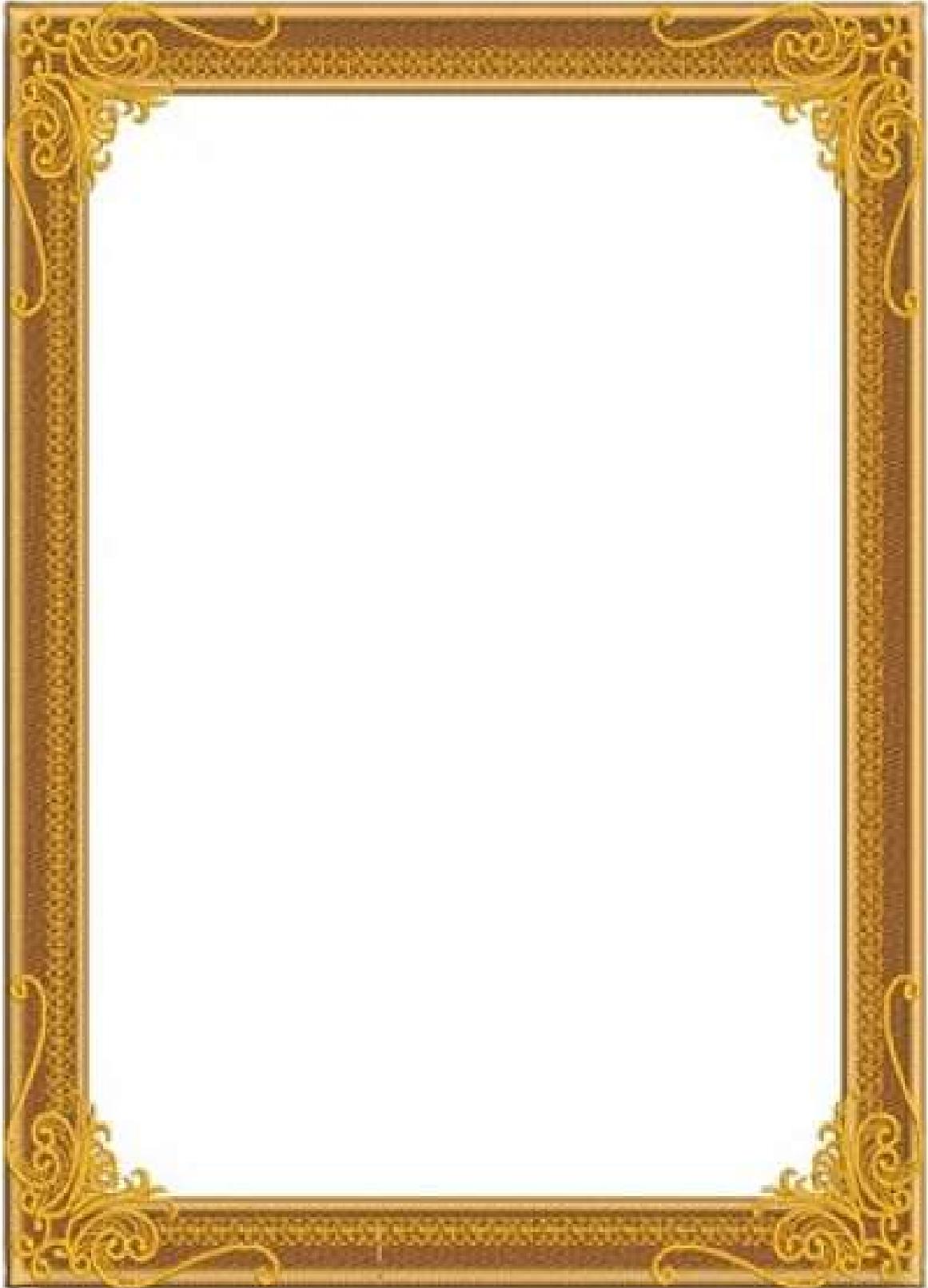
- 1) Você consegue identificar quem é o famoso que aparece na foto acima? Quem é ele?
- 2) Quais partes da face foram exageradas?

APROFUNDANDO O TEMA

Manifestações como a paródia, a caricatura a careta, as contorções e as “macaquices” são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco. No grotesco romântico, a máscara, arrancada da unidade da visão popular e carnavalesca do mundo, empobrece e adquire várias outras significações alheias à sua natureza original: a máscara dissimula, encobre, engana, etc. (BAKHTIN, 2010, p. 35).

Hora de produzir!

Mostre seus dons artísticos e desenhe a caricatura de Pedro Malasartes.



Hora da Leitura!

Agora, vamos conhecer os aspectos do riso.



MAIS INFORMAÇÕES!

A carnavalização está relacionada ao riso. Para o senso comum, o riso é uma expressão de felicidade, mas para Bakhtin,

O princípio do riso sofre uma transformação muito importante. Certamente, o riso subsiste; não desaparece nem é excluído como nas obras “sérias”, mas no grotesco romântico o riso se atenua, e toma forma de humor, ironia ou sarcasmo, deixa de ser jocoso e alegre. O aspecto regenerador e positivo do riso reduz-se ao mínimo. (BAKHTIN, 2010, p. 33).

Sabendo disso, leia os trechos abaixo dos cordéis *O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro* (1959) e *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* (2004) e indique se há exemplos de felicidade, sarcasmo ou ironia.



Trecho 1

Da forma como ele comeu

O pão primeiro acabou

Ele disse à cozinheira,

O ovo ainda ficou

Dê-me pão pra misturar
Porque assim se tratou.

Porém da segunda vez,
Tendo o ovo terminado
Gritou ele, dê-me ovos
Pois assim foi acertado
Eu comer pela manhã
Pão e ovos misturados.
(NOBRE,1959, p. 8)

Classificação: _____.

Trecho 2

Outro dia Pedro foi
A casa de um seu parente
Quando voltava encontrou
No caminho uma corrente
De um metal muito amarelo
Com o que ficou contente.
(ARÊDA, 2004 p. 2)

Classificação: _____.

Trecho 3

Pedro aí sorriu e disse
Uma dessa é de primeira
O senhor diz que é sabido
Mas só conversa besteira
Como foi que aprendeu tudo
E não sabe abrir porteira.
(ARÊDA, 2004, p. 2)

Classificação: _____.

ETAPA 3 - Leitura, análise e interpretação

Etapa 3.1 – Carnavalização do Quengo

O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro (1959)

CARNAVALESCO: João Damasceno Nobre

ALA: O encontro de Pedro Malasartes com o perverso mangangá

MAIS INFORMAÇÕES!

O cordelista João Damasceno Nobre nasceu em 1910, em Inhambupe-BA, na Fazenda Bebedouro. Com sete anos de idade acompanha os pais no trabalho da lavoura cacaueteira baiana. Em 1955, publicou seu primeiro folheto “*As aflições do Presente e as Glórias do Porvir*”. Seguiu escrevendo: *As Profecias do Boi Misterioso, O Cisne Misterioso, A História do Perverso Barba Roxa e O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro*. Ele usava o pseudônimo Amador Silvestre, portanto, o acróstico que aparece no final do cordel é **AMADOR**.



Fonte: Disponível em: <https://www.valinor.com.br/forum/topico/1-de-agosto-dia-do-poeta-da-literatura-de-cordel.158107/> Acesso em 25 ago. 2021.

Hora da Leitura!

Iniciaremos com a leitura das estrofes (1 à 18), em que Pedro Malasartes está regressando para casa e descobre que seu irmão, Antonio, perdeu uma aposta com o patrão e volta para casa ensanguentado. Faremos então uma leitura reflexiva sobre como muitos patrões tratam seus colaboradores e concluiremos com a audição da música: mangangá, interpretada por Wilson Simonal.

Hora da Leitura!

QUENGO DE MALASARTES NO FAZENDEIRO

AUTOR: João Damasceno Nobre (1959)

TEMA: Astúcia

ESTROFES: Estrofes em sextilhas

-1-

Vou contar nesse momento
Um caso que foi passado
De um camarada perverso
Que nunca foi enganado:
Mas um dia foi buscar lã
Porém saiu tosquiado.

- 2-

Toda pessoa que ia
Com esse cara trabalhar,
Ele inventava uma treita
Para o pobre não pagar,
E todo mundo caía
No seu jeito de enganar.

- 3-

O indivíduo já estava
De tal modo viciado
Que exigia do pobre
Que fosse tudo apostado
Mas sempre o trabalhador
É quem saía lesado.

- 4-

Seu cabedal aumentava,
Cada vez mais prosperando,
Comprava novas fazendas
E tudo ia aumentando;
Quem trabalhava para ele
Ia se embora apitando.

- 5-

E de tal forma fazia
Que nem a autoridade
Nunca pode por um termo
À sua perversidade
Pois tudo ele preparava
Com muita sagacidade.

- 6-

Quando ele achava parceiro,
Fazia aposta até feia:
-Apostava furar olho,
Cortar mão, surrar de peia,
Afinal deu pra apostar
Tirar nas costas correia.

- 7-

Muito operário já tinha
As costas assinaladas
Por esse monstro tirano
De natureza tarada,
Porque ele ao que parece
Não tinha pena de nada.

- 8-

Um se queixava daqui,
Outro, também, de acolá.
O sujeito era ricaço
Ninguém podia ir lá,
Além disso era atrevido
Pior que mangangá.

-9-

Sua fama já corria
 No país por toda parte
 Quando chegou-lhe um irmão
 Do célebre Malasarte,
 Trabalhou e o fazendeiro
 Tapeou-o com muita arte.

- 10-

Com o lombo retalhado,
 Depressa se retirou
 Uma correia bem larga
 O fazendeiro tirou,
 Pois a aposta que fizeram
 O monstro foi quem ganhou.

-11-

Saiu por ali tristonho
 Sem dinheiro e pipinado,
 Adiante pelo irmão
 Ele, então, foi encontrado,
 Era Pedro Malasartes,
 Cabra velho preparado.

- 12-

Pedro, olhando seu irmão
 Foi logo lhe perguntando,
 Que foi que aconteceu.
 Pois vejo chorando
 E também as suas costas
 Vão a roupa ensanguentando

-13-

Fui trabalhar, disse Antonio
 A um tal de fazendeiro
 Sem pensar que o mesmo fosse
 Um tipo tão marreteiro:
 Tirou-me o couro das costas:
 Porém, neca de dinheiro.

- 14-

Pela aposta que ele fez
 Parece fácil ganhar
 Porém depois arma um quengo
 Que é difícil de quebrar,
 Qualquer que entrar com ele
 Vai por fim desacertar.

- 15-

Quero saber onde mora,
 Pedro inquiriu ao irmão,
 Vou jogar uma partida
 Com esse bom campeão.
 Antônio lhe respondeu:
 Meu caro, não vá lá, não!

- 16-

Deixe de conversa mole...
 Não venha me esmorecer;
 Eu quero ver esse homem,
 E com o tal conviver
 Se brevemente avistá-lo,
 Terei imenso prazer.

Prática da oralidade!

- 1) Sobre qual tema é relatado nesses versos?
- 2) Na sua opinião, Malasartes é vingativo ou justiceiro? Justifique a sua resposta.
- 3) Descreva a personalidade de Pedro Malasartes.
- 4) De acordo com o texto, por qual motivo o fazendeiro não foi punido pela justiça?
- 5) O fazendeiro é comparado com o quê? O que sua picada provoca?

De olho na linguagem e no Sentido!

MÚSICA: Mangangá

COMPOSITOR: Geraldo Nunes

CANTOR: Wilson Simonal

Mangangá da barriga amarela
 Bicho valente morde pra danar
 Que o bicho só ataca na goela
 Toma cuidado com Mangangá

Mangangá mora no oco do pau
 Tem um ferrão danado, como o bicho é mau
 É tão pequenininho, tão engraçadinho
 Mas é pior do que cobra coral

ALA: A hora dos passistas (alunos)

Iniciaremos com a leitura coletiva das estrofes (20 à 41) do cordel O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro. Após leitura e análise dos versos os alunos deverão produzir seus próprios cordéis para a montagem da cordelteca e publicação no blog da escola. Para isso deverão seguir as orientações do docente e as indicadas abaixo:

-20-

Bom dia, respondeu Pedro,
 Meu digníssimo senhor
 Desejo achar um abrigo,

Porque sou trabalhador
 E já vi que o coronel
 Do pequeno é protetor.

-21-

-É verdade, disse o homem,
Bastante entusiasmado,
Eu aqui nessa fazenda
A muitos tenho ajudado;
Mas, os mal agradecidos
Têm até me difamado.

-22-

Por isto, estou acordado,
E preciso lhe falar
Sei que o senhor não é desses
Que gostam de enganar
Mas só trabalha comigo
Agora, quem apostar.

-23-

Caiu a sopa no mel,
Pedro logo respondia,
E também por causa duma
Que aconteceu outro dia,
Eu jurei que sem aposta
Outro emprego não queria.

-24-

Pois bem, lhe responde o homem,
Uma vez que o senhor gosta,
Portanto vou lhe dizer
Como vai ser nossa aposta,
Quem perder dá uma correia
Pro outro tirar das costas.

-25-

Seja duas, disse Pedro,
Pois um par será melhor
Desperta mais interesse,
Quando uma aposta é maior,
Vamos logo ao cartório
Pra não ficar só de cor.

-26-

Depois que o sujeito viu
A escritura assinada
Disse: ganho, está na cara!
-Agora , meu camarada ,
Quem trabalha para mim
Levanta de madrugada.

-27-

Quando o meu pássaro canta
É pro senhor levantar
Tomando logo o café
Vai pra roça viajar
-Pondere, respondeu Pedro ,
Para depois não voltar.

-28-

Pois se ele não cantar
Eu não me levantarei,
Conforme for o nosso trato,
Tudo certo seguirei,
Desejo que seja mesmo
Como palavra de rei.

-29-

Quatro horas da manhã,
 Pedro Malasartes ouviu
 Um bicho nas laranjeiras
 Gritando curru-piu-piu
 Ele então se levantou
 E bem depressa saiu.

-30-

Viu Pedro que era uma velha
 Que fazia a cantarola,
 Diz ele: essa agorenta
 Só indo para a gaiola
 Amanhã muito cedinho
 Quebrarei essa viola.

-31-

A comida que lhe deram
 Na primeira refeição
 Foi uma banda de ovo
 E outro tanto de pão;
 Porém Pedro usou um quengo
 Para vencer a questão.

-32-

Da forma que ele comeu
 O pão primeiro acabou,
 Ele disse à cozinheira
 O ovo ainda ficou,
 Dê-me pão pra misturar
 Porque assim se tratou.

-33-

Porém da segunda vez,
 Tendo o ovo terminado,
 Gritou ele: dê-me ovos
 Pois assim foi acertado
 Eu comer pela manhã
 Pão e ovo, misturado.

-34-

E assim ele comeu
 Até ficar satisfeito
 Depois viajou pra roça
 E junto foi um sujeito
 Para ensinar onde era
 Que ia pegar o oito.

-35-

Disse, então o camarada
 Limpe essa mandioquinha
 Vai lhe servir de relógio
 Essa nossa cachorrinha,
 Pois só voltará à casa
 Guiado pela “Tósinha”.

-36-

A cadela tinha vindo
 Com a barriga bem cheia,
 Deu meio-dia e ficou
 Ela deitada na areia,
 Pedro então disse consigo
 Assim a coisa está feia.

-37

Vendo que a tal não síia
 Ele tirou um cipó,
 Do caboclo verdadeiro,
 E na ponta deu um nó
 E açoitou na cadela
 Batendo de fazer dó.

-38-

A cadelinha saltava,
 Só vendo o cipó cair;
 Porém vendo o caso sério
 Tratou de escapulir,
 -Para casa, disse Pedro,
 E para você seguir.

-39-

Quando o fazendeiro viu
 O Pedro se aproximando,
 Perguntou-lhe isso é hora?

Do senhor já vir chegando,
 -Pergunte à dona Tósinha
 Disse Pedro, muito ufano.

-40-

Conforme foi nosso trato,
 Eu não pretendo alterar,
 A cadela regressou,
 Eu tive de acompanhar,
 Também isso já é hora
 De quem luta descansar.

-41-

O homem foi à cozinha
 E reclamou à criada,
 Dizendo: você não deu
 Comida a essa danada!
 Respondeu ela, enchi tanto
 Que não cabia mais nada.

Prática da Oralidade!

- 1) Explique a expressão dita por Pedro “caiu a sopa no mel”.
- 2) Quem desperta o interesse em dobrar a aposta? Justifique.
- 3) No acordo de trabalho entre Pedro e o fazendeiro não é estipulado um horário, ou seja, ao invés do relógio o que orientará Pedro sair para trabalhar e voltar para casa? Comprove com o próprio texto.
- 4) Em quais estrofes o autor utiliza onomatopeias? Cite-as
- 5) Na sua opinião, quem saiu vitorioso? Justifique.

6) Quantos versos há em cada estrofe? E como as rimas se apresentam?

2º Bloco: Aumente um ponto e acorda, vai aparecer mais histórias.

Hora de Produzir!

1) Produza um cordel contando o que você faria para fazer a cadela voltar para casa sem açoitá-la. Crie um título para a sua história e modifique a ideia de Pedro Malasartes.

Passo a passo como fazer um cordel



Para escrever um cordel
É preciso inspiração
Ter o seu tema na mente
Pegar um lápis na mão
E deixar que a poesia
Transborde do coração
(Anne Karolynne)

Uma estrofe pra ter sentido
Tem que ter uma sequência
Um verso que puxa o outro
Para dar a coerência
Não basta apenas rimar
Tem que mostrar excelência



Primeiros passos:

- 1º Tenha um tema
- 2º Versos e estrofes
- 3º Rima
- 4º Métrica

Fonte: Capa do vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NOtHWbPdno&t=51s>. Acesso em ago. 2021.

Ala dos “Boasartes”

O momento será para explorar as habilidades na boa arte de desenhar. Vamos estampar a nossa imaginação. Então propomos que vejam o vídeo de J. Borjes, considerado um dos melhores produtores de xilogravura do Brasil, para inspirar os iniciantes na arte de ilustrar.



Fonte: Capa do vídeo J BORGES – O mestre da xilogravura e do cordel . Disponível em: <https://youtu.be/QeongNP6wuI>. Acesso em: 10 Out. 2021.

Hora de Produzir!

Vamos fazer a nossa xilogravura com pratinhos de isopor? Espia só as dicas:

- 1º Retire as bordas de uma bandeja de isopor e deixe no tamanho desejado;
- 2º Faça um desenho que retrate o tema do seu cordel e pressione o seu contorno no isopor para que fique os sulcos bem definidos;
- 3º Aplique a tinta, de sua preferência, no isopor com auxílio de um rolinho ou pincel;
- 4º Aplique a imagem em sua capinha;

OBS: Cuidado se for escrever, pois as palavras precisam ficar ao contrário, como se fosse um espelho.

Ala dos Quengos Arteiros

De olho na linguagem e no sentido!

Observe o emprego da palavra “quengo” citadas nos cordéis abaixo e use um dicionário para encontrar o significado adequado para cada uma delas.

[...]

Pela aposta que ele fez

Parece fácil ganhar

Porém depois arma um **quengo**

Que é difícil quebrar
Qualquer que entrar com ele

[...]

A comida que lhe deram
Na primeira refeição
Foi uma banda de ovo
E outro tanto de pão
Porém Pedro usou um **quengo**
Para vencer a questão.

[...]

Pensou logo o fazendeiro
Esse é duro de roer

Vai por fim desacertar.

Mas vou arranjar um **quengo**

Com esse ele vai perder
Pois vai ficar indeciso
Sem saber como fazer

[...]

E consultou com a mulher
Dizendo o que vou fazer
Para dar fim a esse cara
Pois é duro de roer!

Veja se arranja um **quengo**

Par fazê-lo morrer.

Bloco: Perscrutando a carnavalização

Vamos explicar aspectos da carnavalização nas estrofes retiradas do cordel O Quengo de Pedro Malasartes no Fazendeiro (1959).

De olho na Linguagem e no sentido!

Quando foi à tardezinha
Malasartes procurou
Um ninho de formigões
E sutilmente levou
Chegou lá na laranjeira
Com cuidado colocou.

[...]

A velha caiu gritando
E as formigas mordendo
A pobre virando os olhos
E pelo chão se batendo,
Porque em todo lugar
As bichas estavam roendo.

[...]

Descobriu depressa as costas
 E disse tire as correias,
 Não quero ouvir mais respostas,
 Enquanto eu vida tiver
 Não pegarei mais apostas!

Tirou-lhe duas correias
 Dos pés até a cabeça
 Disse: sou irmão de Antonio
 Precisa que me conheça!
 Respondeu-lhe o fazendeiro:
 Quero é que desapareça!

Malasartes disse: Adeus!
 Gostei de lhe trabalhar,
 Quando precisar de mim
 Pode mandar me chamar.
 Responde o homem não quero
 Nem de você me lembrar!...

Malasartes saiu concho
 Foi ali se requebrando,
 Adiante encontra um pobre
 Que vinha quase chorando:
 Que foi? Perguntou-lhe Pedro,
 Que vem assim lamentando.

.
 [...]
 Levou o pote pra casa
 E fez dele uma privada
 Toda obra que fazia
 Era alí depositada
 Até que ficou tão cheio
 Que não cabia mais nada.

[...]
 Depois que o senhor tiver
 Forrado alí todo o chão
 Dois cabras têm que subir
 Cada qual com um bastão
 Para quebrarem o pote
 Sem tocarem com a mão

[...]
 O fazendeiro saiu
 Por alí todo melado
 Na fazenda do compadre
 Foi sair indignado
 Fecharam todas as portas
 Pensando ter endoidado

ETAPA 3.2 – Carnavalização das Palhaçadas

As Palhaçadas de Pedro Malasartes (2004)

CARNAVALESCO: Francisco Sales Arêda

MAIS INFORMAÇÕES!

Quem foi Francisco Sales Arêda

Francisco Sales Arêda, natural de Campina Grande (PB), nasceu no dia 25 de outubro de 1916. Transferiu-se, em 1927 para Caruaru, agreste pernambucano, onde atuou como cantador de viola, fotógrafo de feira (lambelambe) e cordelista. Cantou de 1940 à 1954, chegou a desafiar grandes mestres da cantoria: os irmãos Dimas e Lourival Batista (Louro do Pajeú), Pinto do Monteiro e Zé Vicente da Paraíba. Quando abandonou a viola dedicou-se, exclusivamente, à poesia de composição. Em janeiro de 2015, morreu em Caruaru (PE), na casa da filha.



Fonte: < <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/francisco-de-areda-sales/>> Acesso: 29 de Agosto de 2021.

Ala do padre carrancudo

TIRANDO VERSOS DA CACHOLA

O objetivo dessa atividade é estimular a oralidade e a criação de versos através das estrofes (1 à 12) do cordel *As Palhaçadas* de Pedro Malasartes (2004). Será exposto no canto da sala o mascote “Malasinho” (boneco de cabeça oca), de quem cada aluno retira o chapéu para sortear os seus versos. Ao retirar os versos eles devem recitá-los de forma audível e, em seguida, construir outros de modo que a semântica dos termos seja a mesma ou diferenciada. Sugerimos que os versos construídos pelos alunos sejam colocados em meio aos cabelos do mascote.



Fonte: Acervo da autora (2021).

AS PALHAÇADAS DE PEDRO

MALASARTES

AUTOR: (Francisco Sales Arêda)

-1-

Eu vou contar uma história
Que vem dos meus bisavós,
Os meus pais já aprenderam
com os velhos meus avós
Eu aprendi com meus pais
E vou contar para vós

-2-

Era Pedro Malasarte
Um curioso ladino
Que viveu de palhaçadas
Desde muito pequenino
Nunca achou um caloteiro
Que lhe cortasse o destino

-3-

O Pedro nasceu no dia
De vinte e quatro de agosto
Era ativo e muito forte
Inteligente e disposto
Mas se é certo que há espírito
Havia nele um "encosto"

-4-

Porque desde pequeno
Que Pedro era astucioso

Nunca armou uma cilada
Pra não ser vitorioso
Fez cabra velho escolado
Com ele ficar nervoso

-5-

Ele ainda era pequeno
Foi à feira certo dia
Mas encontrou na estrada
O padre da freguesia
Encontrou na porteira
Que lá no caminho havia

-6-

- Abre aí esta porteira
Disse o padre carrancudo
- E quem é o cidadão?
Perguntou Pedro sisudo
Ele disse: - Sou um padre
Homem que aprendeu tudo

-7-

Pedro aí sorriu e disse:
- Uma dessa é de primeira
O senhor diz que é sabido
Mas só conversa besteira
Como foi que aprendeu tudo
E não sabe abrir porteira?

-8-

O padre disse: - Menino,
Tu já ganhaste a questão

me dizes pra onde vais
 E também teus pais quem são
 Se moram por perto ou longe
 E se estão em casa ou não.

-9-

- Moro perto, disse Pedro,
 Vou para " o mais precisado"
 Pai está no " arrependido"
 Pelejando, agoniado
 E mamãe está pagando
 "Prazer do ano passado"

-10-

O padre disse: - Garoto
 Teu linguajar é sem fim
 Mas esta tua conversa
 Vai explicar toda a mim
 Pedro disse: - Eu nunca ví
 Um sabido besta assim

Sexta estrofe do Cordel: As palhaçadas de Pedro Malasartes

Autor: (Francisco Sales Arêda – 2004)

-11-

" Mais precisado" é a feira
 "Arrependido" é o roçado
 Aonde o homem trabalha
 Com prejuizo de lado
 Mãe parida está pagando
 "Prazer do ano passado"

-12-

O padre disse consigo:
 " Este menino é o cão".
 Deu rédeas aos seus cavalos
 E não quis mais discussão
 Pedro se foi para feira
 Cumprir sua obrigação.

Figuras 3 e 4 - Exemplificando a tarefa



Abre aí esta porteira

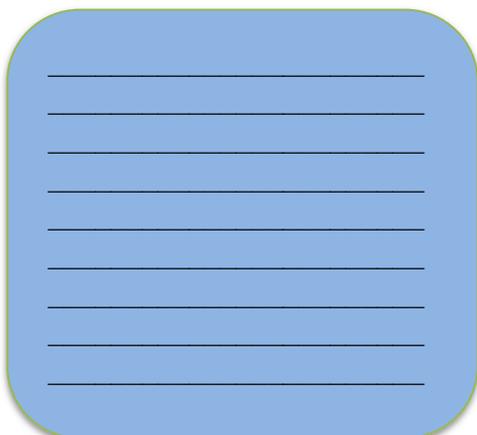
Disse o padre carrancudo

-E quem é o cidadão?

Perguntou Pedro sisudo

Ele disse: -Sou um padre

Homem que aprendeu tudo.



Ala do pássaro lapão

EXPOSIÇÃO: UMA PENA NA MÃO E MIL VERSOS VOANDO

Faremos a leitura coletiva das estrofes (13 à 30) do cordel *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* (2004), que fala sobre o pássaro raro (trecho sobre excremento fecal) que Pedro aprisiona debaixo do chapéu para aplicar um quengo no fazendeiro. Abre-se uma discussão sobre os aspectos carnavalescos presentes no cordel e o ensinamento de que a esperteza de Pedro vale mais que a força bruta. Na sequência, fala-se sobre a ideia de como cada um imagina que seja o seu pássaro raro (imaginário/jamais visto), a proposta é criar um belo pássaro, desenhá-lo e junto ao desenho produzir um cordel persuasivo para conseguir vendê-lo.

-13-

Outro dia Pedro foi
 À casa de um seu parente
 Quando voltava encontrou
 No caminho uma corrente
 De um metal muito amarelo
 Como que ficou contente

-14-

Pedro poliu a corrente

Com um pedaço de couro
 A peça ficou brilhando
 Que parecia ser ouro
 E Pedro disse: - Com esta
 Vou arranjar um tesouro

-15

Na frente entrou numa casa
 De um ricasso fazendeiro
 A mulher estava só
 Pedro muito escopeteiro
 Deu a corrente em três joias

E cem mil réis em dinheiro

-16-

E quando o homem chegou
 Pedro já tinha saído
 A mulher contou-lhe a troca
 Ele gritou: - Ah bandido!
 Vou atrás até pegá-lo
 E quebrar-lhe o pé do ouvido

-17-

Montou num burro e correu...
 Porém Pedro era treinado
 De longe avistou o homem
 Que vinha desesperado
 Inventou logo uma trama
 Pra se livrar do pecado

-18-

Na beirada da estrada
 Pedro defecou ligeiro
 E cobriu com o chapéu
 Fazendo o maior barreiro:
 - Quem quer me ajudar pegar
 Um passarinho estrangeiro?

-19-

Como o fazendeiro era
 Em ambição um perito
 Pensou consigo: Este pássaro
 Só deve ser bem bonito
 Vou ajudar a pegá-lo
 Porque dele necessito

-20-

E falou para comprá-lo
 Já de ambição quase tonto
 Pedro disse: - É cem mil réis
 Sem um tostão de desconto
 Mas o senhor quando vê-lo
 Talvez não dê por um conto

-21-

É um pássaro verde louro
 Golado como um canção
 E tem a crista de seda
 Canta que chama atenção
 Tem o bico de marreta
 Belisca que só o cão

-22-

Para podermos pegá-lo
 Eu necessito primeiro
 Arranjar uma gaiola...
 Fique que volto ligeiro
 E o homem por segurança
 Passou-lhe logo o dinheiro

-23-

E deu mais o burro a Pedro
 Para que voltasse urgente
 E ficou acocorado
 Lá parecendo um demente
 Segurando no chapéu
 E Pedro se foi contente

-24-

Adiante deixou o burro
 E ganhou o marmeleiro
 O rico lá esperando
 Passou quase o dia inteiro
 Até que compreendeu
 Que Pedro era um estradeiro

-25-

E por fim desenganou-se
 Que Pedro não vinha mais
 Pensou consigo: Eu fiz uma
 Que todo mundo não faz
 Mas deixa estar que eu ainda
 Pego aquele satanás

-26-

O pássaro que ele disse
 Que ficou aqui trancado
 Disse que belisca muito
 Mas já estou desgraçado
 Vou me arriscar a pegá-lo
 Para ver o resultado

-27-

Foi levantando o chapéu
 Por baixo meteu a mão
 A fim de pegar o pássaro
 Que alí estava no chão



Mas em vez de passarinho
 Agarrou o cagalhão

-28-

Quando pegou que apertou
 Foi cocô pra todo lado
 Deu um grito e levantou
 Praguejando indignado
 Passou as mãos pela cara
 Que ficou todo melado

-29-

O rico viu-se apertado
 Com a grande fedentina
 Além de ser enganado
 Fez da cara uma latrina
 Que gastou quase uma hora
 Para fazer a faxina

-30-

Depois encontrou o burro
 Pelas rédeas enganchado
 E desse dia por diante
 Ele ficou exemplado
 Nunca mais encontrou
 Pra se vingar do passado

Ala do Urubu Sabe-Tudo

DECIFRA- ME OU TE DEVORO

Será apresentado à turma a narração sobre o Urubu Sabe Tudo, presente nas estrofes (31 à 62) do cordel *As Palhaçadas de Pedro Malasartes* para identificarmos a presença da

carnevalização no cordel e em nosso cotidiano. Sugerimos a montagem de uma mesa com um banquete exposto, contendo uma etiqueta indicando o nome de cada alimento e bebida com o objetivo de compor uma tabela com as palavras que rimam.

A tarefa encerrará com um lanche coletivo através da partilha dos alimentos expostos na mesa. Segue a sugestão de algumas palavras para compor o mural. Lembre-se que nem todo alimento necessita estar exposto, para que utilizemos a palavra, ela poderá estar fixada dentro de um recipiente vazio: rabada, feijoada, limonada, pão, feijão, requeijão, coelhada, café, tapioca, crepioca, paçoca, pipoca, picolé, fubá, vatapá, goiabada, rabanada, pudim, quindim, salada, linguiça, salsicha, chouriça, guaraná...

Quadro 2 - Atividade

Palavras	Rimas
Rabada, limonada	ADA

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Para percorrer o mundo
 Porque tenho precisão
 Dizem que o mundo é escola,
 Eu vou ver se aprendo ou não

-32-

Assim Pedro viajou
 Sem sentir nenhum abalo
 Até que um dia avistou
 A caveira de um cavalo
 Dentro tinha um urubu
 E Pedro pôde pegá-lo

-33-

Seguiu com o urubu
 Dizendo: com este agora
 Vou arranjar qualquer coisa
 Por este mundão afora
 E saiu fazendo plano
 A bem de sua melhora

-34-

À noite chegou na casa
 De um fazendeiro abastado
 E pediu para dormir
 Lá ficou Pedro hospedado
 Porém o dono da casa
 Era um rico desgraçado

-35-

Mandou Pedro se arrancar
 Em um quarto do oitão
 Não lhe deu ceia nem rede

Pedro foi dormir no chão
 Onde deitavam galinhas
 Numas palhas de feijão.

-36-

Pedro com fome e enfadado
 Deitou-se mas não dormiu
 Tinha no quarto uma janela
 Que por ela se subiu
 Os movimentos da casa
 Ele de lá tudo viu

-37-

Observou na cozinha
 A criada preparando
 Arroz, carne, bife e lombo
 Numas panelas guardando
 E viu a dona da casa
 Para a criada explicando:

-38-

- Negra, você guarde lombo,
 Galinha e carne guisada,
 Verdura, arroz, macarrão,
 Três latas de goiabada
 Seis queijos e dez sardinhas
 E dois potes de coalhada

-39-

Guarde três bolos de ovos
 Que amanhã temos visita
 Não deixe de preparar

Pamonha e mais carne frita
 Que preciso apresentar
 Uma mesada bonita

-40-

Pedro observava tudo
 Lá no janelão trepado
 Viu bem aonde a criada
 Deixou tudo bem guardado
 Depois foi se agasalhar
 Porém ficou acordado

-41-

A negra tinha um namoro
 Com um tal Joaquim mãozinha
 Nessa noite preparou-lhe
 Um bom prato de galinha
 Para entregar alta noite
 Pela porta da cozinha

-42-

Pedro viu quando ele veio
 E a negra se levantou
 Abriu a porta e com ele
 Muito tempo conversou
 Trocando beijos e abraços
 Mais de uma hora passou

-43-

Assim o dia nasceu
 Malasartes disfarçado
 Levantou-se e foi andando
 Com seu urubu de lado

Até o dono da casa
 Perguntou-lhe admirado

-44-

- Pra que quer este bicho
 Tão feio e tão fedorento?
 Pedro disse: Este animal
 Tem tanto merecimento
 Que adivinha qualquer coisa
 Mais veloz que o pensamento

-45-

O homem disse: Então mande
 Ele adivinhar ligeiro
 O que vamos almoçar;
 Se der certo no roteiro,
 Querendo vender o bicho,
 Compro por todo dinheiro

-46-

Pedro então tocou no bicho
 Nessa mesma ocasião
 Ele soltou um chiado
 Rodou as asas no chão.
 Pedro disse: Não precisa
 Denunciar tudo não

-47-

O homem disse: E o que foi
 Que o urubu quis dizer?
 Pedro disse: Ele está doido
 Para um fuxico fazer...

Querendo até dizer coisa
Que aqui ninguém quer saber

-48-

O homem se interessou
Inda mais dizendo assim:
-Pode mandar explicar
Do princípio até o fim.
Desejo saber de tudo
Sendo bom ou sendo ruim.

-49-

Pedro falou para o bicho
Com a voz muito alterada
- Vamos ver seu Sabe Tudo
Decifre logo a charada
É pra dizer nesta casa
O que é que tem na mesada

-50-

Sabe Tudo remexeu-se
Rodou em cima de um pé
Pedro falou: Ele disse
Que o seu almoço hoje é
Carne, lombo, arroz e bife,
Pamonha, bolo e café

-51-

O homem disse: Deu certo
Que urubu mais desgraçado!
Mandou botar o almoço
Ele com Pedro sentado

Almoçando e o urubu
No pé da mesa amarrado

-52-

Pedro topou com o pé
No urubu carniceiro
Ele fez um remexido
Batendo o bico primeiro
Pedro disse: Sabe Tudo
Deixe de ser fuxiqueiro

-53-

- O que foi que o urubu disse?
Pergunta o homem vexado
Pedro disse: este idiota
Está muito atravessado
Dizendo que lá por dentro
Tem queijo e leite coalhado

-54-

O homem mandou buscar
E Pedro alí bem sisudo
Topou ainda outra vez
Assanhado Sabe Tudo
Que se mexeu, Pedro disse:
- Cale este bico, abelhudo

-55-

- O que foi que ele falou?
Pedro respondeu na linha:
- Ele disse que lá dentro
Tem lombo, bife e farinha
E quer fazer um fuxico

Com a ama da cozinha

-56-

Disse ele que a sua ama
Tem um chumbrego acochado
Com um freguês que só vem
Tarde da noite e cismado
Inda essa noite ela deu-lhe
Um bom prato de guisado

-57-

A negra foi intimada
Descobriu tudo a miúdo
O homem disse: Seu Pedro
Quer me vender Sabe Tudo?
- Dou por um conto de réis
Pedro respondeu sisudo

-58-

Porém o senhor comprando
Este animal de decência
É pra ter todo cuidado
Com gente sem consciência
Se alguém mijar-lhe a cabeça
Se acaba toda ciência

-59-

O homem passou-lhe os cobres
E Pedro ali foi embora
Porém a negra que ouviu

Toda a conversa de fora
Disse este urubu do diabo
vai me pagar tudo agora

-60-

Arrastou-o para um quarto
Dizendo: Bicho conheça
Que quem faz o mal aos outros
É bom que também padeça
Para acabar seu mistério
Eu vou mijar-lhe a cabeça

-61-

Quando foi se aproximando
Pra fazer dele pinico,
O Sabe Tudo agarrou-a,
Por baixo meteu-lhe o bico
Que com os gritos da negra
Tornou-se o maior fuxico

-62-

Chegou o dono da casa
dizendo: Negra caipora
Você deu-me um prejuízo
Como não pensei agora
Não quero mais vê-la aqui
Pegue a reta e vá embora



Ala do Burro Sabido

CONHECENDO AS PALAVRAS

Nessa atividade de Caça-Palavras do cordel As Palhaçadas de Pedro Malasartes faremos uso de dicionários para buscar o significado de cada uma delas. Faremos a leitura coletiva das estrofes (63 à -70-) para conhecermos a história do burro que Pedro ensinou a ler abriremos um debate sobre o contexto do enredo e as artimanhas de Pedro.

Localize as palavras:

- INTERROGADO; INTELIGENCIA
 - EXERCITAR; EXPLICA;
 - INSOSSO; FOCINHA VA;
 - PESADO; CAROCINHO;
 - ALVOROÇO; MILHO

Figura 5 – caça palavras

F O C I N H A V A I E F Q H J H H I Q H
 Ê O Õ P G B R Y G Â Ó Õ R K M R G E ã T
 U H Â G S R G Í Ê D É A R Z A C Ó Õ E Z
 Ê P Õ Q G B Â K J S E X P L I C A X Q Z
 V Â N D Z I N T E R R O G A D O C Q V ã
 C T Ú B ã Õ K L Â B A P E S A D O ã Á Q
 Â B M A L V O R O C O Â T Ó O Y Í Ó Á U
 U I N T E L I G E N C I A F Ó W P P Ó É
 V X Ú L K N Â R R P G ã B Õ ã Y P Z D J K
 H D M W É P R R T J ã X X U D K ã Í F C
 J ã C Ê F Z T Õ C D É W P E J U H Í Ó F
 ã O Ó Í C G O L ã Ó Ó J K L F L P D Q U
 B Ó ã C L U J C R N M I L H O Y T ã V D
 R Y O D T V E X E R C I T A R Ê R X W K
 ã ã I N S O S S O ã V S L B ã F Á Y Õ Q
 W L H U D Õ L É E N Ê S F N T U I F Á Z
 N Z E Y H Á U ã M C A R O C I N H O C B
 V S B R U B Q W O N E Y É H Ú Ú I C E É
 U E Z Y O ã V O P Ê D P Ê Í Ú D Ê Õ I Á
 A S A U U S X Ó X C Í H Õ ã D E H ã B O

Fonte: elaborado pela autora (2021).

63

Com cinco dias depois
Pedro saiu num reinado
O rei mandou intimá-lo

64

Com cinco dias depois
Pedro saiu num reinado
O rei mandou intimá-lo
E depois de interrogado
Vendo a sua inteligência
Deu-lhe um serviço pesado

65

Logo lhe entregou um burro
E depois disso foi ver
Um livro grande e lhe deu
E começou a dizer:
Você com pena de morte
Ensine este burro a ler

66

Pedro seguiu com o livro
E o burro para um lugar
Comprou milho e começou
Em cada página botar
Um carocinho de milho
Pro burro se exercitar

67

Com um mês depois o burro
Ficou tão acostumado
Que bastava ver o livro

E depois de interrogado
Vendo a sua inteligência
Deu-lhe um serviço pesado:

Ficava todo animado
Logo focinhava as páginas
Caçando o milho guardado

68

Pedro foi com ele ao rei
Quando na corte chegou
Disse: Pronto, Malasarte,
Seu burro já estudou
Pegou o livro presente
Aos conselheiros provou...

69

Quando o burro viu o livro
Chegou-se com alvoroço
Passando todas as páginas
Porém foi ficando inosso
Porque procurava o milho
Mas não achou um carço

70

O rei disse: o burro sabe
Mas não explica a lição
_É verdade, disse Pedro
Senhor rei não tem razão
Mandou-me ensinar a ler
Porém falar isso não!
(ARÊDA, 2004)

TIRO AO ALVO CORDELISTA

Na barraca de tiro ao alvo estão expostos versos das estrofes (71 a 80), fixadas nos diversos instrumentos musicais, como também ficha com perguntas sobre versos, estrofes, rimas, musicalidade, dentre outras. Cada jogador terá o direito de jogar, em sequência, cinco bolinhas na tentativa de acertar um instrumento e derrubá-lo. Caso acerte no primeiro lance ou antes de arremessar a quinta bola, responde à pergunta e passa a vez para o próximo jogador.

-71-

-Está certo, disse o rei,
Porém amanhã bem cedo
Você vem pra comigo
No pé daquele rochedo
É pra furar aquela
Por lá arranjou um trado
Furou no pau um buraco
Deixou com cera tapado

-73-

Pela manhã Pedro foi
Com o rei e mais alguém
Meteu o dedo no pau
sem combinar com ninguém
Quando o rei viu o buraco
Disse: Eu vou furar também

-74-

Meteu o dedo com força
Na baraúna velada
Que o dedo saltou da junta
A mão ficou logo inchada
Foi se curar e depois
planejou outra cilada

-75-

Combinou com a rainha

Baraúna com um dedo

-72-

Pedro ouviu tudo e pensou:
"Este rei está danado"
À noite foi numa tenda

A Pedro mandar chamar
Pra irem a um passeio
À noite na beira-mar
E lá empurrarem Pedro
Nas águas pra se afogar

-76-

Quando chegaram na praia
Deitaram-se juntos no cais
Porém Pedro experiente
Não dormiu pensando mais...
Enquanto os seus soberanos
tarde dormiram demais

-77-

Quando Pedro viu que os dois
Dormiam a todo pano
Pegou o rei pelo meio
E jogou-o no oceano
Dizendo: rei desgraçado

Nunca mais serás tirano

-78-

Gritou chamando a rainha:

Acorde, acorde senhora

Nosso rei enlouqueceu

E pulou no mar agora

Acuda e se quer salvá-lo

Pule também sem demora

-79-

A rainha disse: - Não!

Perdido vá quem estar

Se eu pular morro também...

Assim é melhor ficar

Os culpados fomos nós

Não tenho a quem me queixar

-80-

Findou-se o rei, ficou Pedro

Servindo de conselheiro

A rainha consagrou-lhe

Leal amor verdadeiro

Enfim casou-se e ficou

Sendo Dom Pedro Primeiro

Hora da Oralidade!

- 1) Sobre qual tema trata esse texto?
- 2) Explique o motivo pelo qual as histórias de Malasartes, geralmente, aparece a figura de um rei.
- 3) Quais versos desse cordel correspondem ao ditado popular “o feitiço virou contra o feiticeiro”?
- 4) Gostou do fim da história? Justifique a sua resposta.
- 5) Observe a última estrofe do cordel e leia, apenas, a primeira letra de cada verso e responda a palavra que forma. O que você descobriu?
- 6) Agora, cada um produzirá uma estrofe usando a técnica do acróstico. Quando estiver pronto, cada um pendura no cordão da sala.

Pedro ouviu tudo e pensou:

Este rei está danado

À noite foi numa _____

Por lá arranjou um trado

Furou no pau um

Deixou com cera tapado.

Rimas são sons que se assemelham, complete os versos finais que estão faltando, mostre seu talento.

Está certo, disse o rei

Porém amanhã bem cedo

Você vem pra comigo

No pé daquele rochedo

É pra furar aquela

Baraúna com um dedo

Nesse trecho do cordel há quantos versos?

Combinou com a rainha

A Pedro mandar chamar

Pra irem a um passeio

À noite a beira-mar

E lá empurrarem Pedro

Nas águas pra se afogar

Como ocorre a musicalidade nos cordéis?

Gritou chamando a rainha:

Acorde, senhora

Nosso rei enlouqueceu

E pulou no mar agora

Acuda e se quer salva-lo

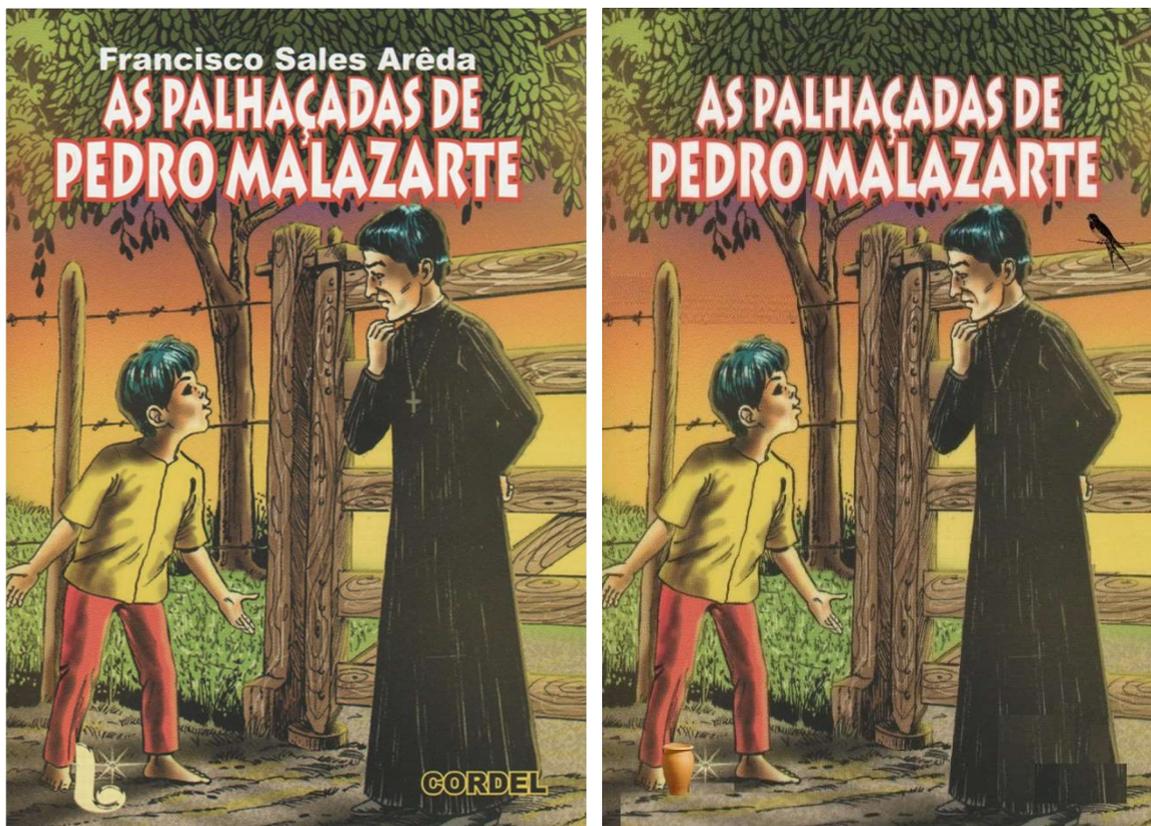
Pule também sem demora

Lendo o trecho acima, como você pode explicar a estrutura de um cordel?

Ala do Jogo dos 7 erros

Observe atentamente as imagens e identifique as 7 diferenças entre elas. O objetivo da tarefa é desenvolver a habilidade da leitura de imagem.

Figuras 6 e 7 – jogo dos 7 erros



Fonte: AREDA (2004).

Hora da Oralidade!

- 1) Quem são os personagens da capa?
- 2) Para qual “ala” você relacionaria esse cordel? Justifique.
- 3) Quais os sete erros identificados?
- 4) Observe a expressão corporal de cada personagem. O que elas indicam?
- 5) Na sua opinião, é comum uma criança debater com uma autoridade? Justifique.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de leitura apresentada como caderno pedagógico pode ser aplicado em outras séries do Ensino Fundamental ou ser adaptada para inserir nas turmas do Ensino Básico. A escolha por cordéis foi de suma relevância, visto que o gênero cordel possui uma linguagem simples e os folhetos são de fácil acesso podendo, até mesmo, ser impresso pelo próprio professor. Quanto a Personagem Pedro Malasartes, podemos afirmar que as narrativas das suas artimanhas e seus aspectos da carnavalização, astúcias e quengos perpassam várias gerações povoando o imaginário popular, sendo retratado como herói ou anti-herói, mas nunca sendo esquecido.

Esse estudo teve como objetivo levar a teoria da carnavalização à sala de aula através do gênero cordel e da personagem Pedro Malasartes, a fim de estimular/melhorar as habilidades de leitura dos pupilos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola no município de Lagarto-SE, visto que tais discentes mostravam-se/mostram-se pouco afeitos ao hábito da leitura, sendo este mote alvo desse trabalho.

Para tanto, tomamos como referência autores como Bakhtin (2010), Dolz e Schneuwly (2004), Ribeiro; Souza; Kubo (2018), entre outros. No tocante à literatura de cordel, apoiamos sobretudo em Marinho (2012) e Melo (2019) e os cordelistas Nobre (1959) e Arêda (2004). Em relação à personagem analisada, Pedro Malasartes, o referencial teórico pautou-se em DaMata (1997), Romero (2009) e Cascudo (1998). Buscamos nos apoiar no triângulo carnavalização, cordel de Pedro Malasartes e engenharia didática como fios condutores desse estudo.

Como centro do triângulo, pautamo-nos na metodologia da engenharia didática que nos orienta a trabalhar com textos tomando como base três princípios: o contexto de produção, a organização textual e os aspectos linguístico-discursivo. Cabe ao professor criar e elaborar propostas didáticas que sejam intermediadoras e facilitadoras da aprendizagem. Sendo assim, recorreremos à engenharia didática como norteadora das reflexões oriundas da construção teórica, bem como a elaboração da proposta de leitura que compõe o caderno pedagógico como resultado desta pesquisa.

Elegemos os poetas cordelistas Nobre (1959) e Arêda (2004), uma vez que estes são grandes representantes do gênero cordel e reconhecidos no meio literário há décadas. Quanto a escolha da personagem Pedro Malasartes, se deu ao fato de ser conhecido e citado nas rodas de contação de histórias. O personagem é reconhecido como representante das classes menos

favorecidas. Suas narrativas apresentam problemáticas da vida cotidiana do oprimido, apresentando solução para as suas dificuldades de forma astuciosa, e, por vezes, engraçadas. Esse herói de origem popular mexe com a imaginação dos alunos de classes populares, facilitando o processo de melhoria e/ou iniciação ao hábito de leitura.

No concernente ao gênero cordel, priorizou-se nesse estudo, a apreensão de aspectos composicionais relativos a esse gênero, tais como a história do cordel, rima, métrica, estrofes, linguagem, temáticas, não obstante, por se tratar de uma faina realizada /indicada para alunos do ensino fundamental com idades entre 11 e 14 anos, a proposta não visou à compreensão total desses aspectos, mas à identificação destes, de forma didática, em consonância com as ideias e as reflexões apresentadas nos cordéis.

É importante salientar que o trabalho com o cordel, em sala de aula, valorizou a literatura popular e aproximou o público desse tipo de literatura, abrindo caminhos para a leitura de outros textos da literatura clássica. Dessa forma, obras oriundas da cultura popular, indubitavelmente, as literaturas popular e clássica devem estar presentes nas salas de aula, enchendo o ambiente de riquezas palpáveis e perceptíveis no cotidiano dos discentes.

Nas atividades propostas, relacionadas ao cordel de João Damasceno, “O Quengo de Malasartes no Fazendeiro”, buscou-se adequar as análises e conhecimentos acerca do conceito do gênero cordel através dos múltiplos gêneros, a citar o samba enredo da Imperatriz Leopoldinense, em seguida a explanação teórica e sistemática concernente ao gênero. Um dos fatos significativos nas atividades foi a valorização das reflexões de forma oralizada, pois se desejou associar ao modo como os cordelistas apresentavam suas obras nas feiras, além de destacar a força da voz do discente e tentar inibir a timidez. Ainda nesse viés de valorização da oralidade e procurando mostrar o quanto o cordel é atemporal, propôs-se a apresentação da personagem Pedro Malasartes através de Podcast intitulado “As artes de Pedro Malasartes”. Seguindo as orientações da BNCC, houve também atividades escritas, a exemplo da construção do samba enredo e sua apresentação gravada para os demais colegas. Essas construções escritas deverão ser expostas em um varal.

A respeito da carnavalização defendida por Bakhtin, procuramos construir associações, nas atividades, divididas em alas como na manifestação popular-carnaval, a fim de que norteássemos as concepções dessa teoria bakhtiniana, aproveitando os conhecimentos dos discentes sobre o carnaval que faz parte da vida dos brasileiros. Por meio dessa analogia foram feitas atividades que clarificaram a análise dos cordéis.

A fim de especificar que o carnaval tanto quanto a literatura tem sua arte por ter seus elementos compositores, buscamos chamar a atenção durante as análises dos cordéis os aspectos do riso, alegria, zombaria, inversão de papéis e conhecimentos adquiridos pelas temáticas, examinando as sagas de Pedro Malasartes e o modo de se contar essas histórias. Esse lado artístico também foi retomado ao fazer leitura das telas e da construção da caricatura. Vale ressaltar que todo conhecimento só é de fato apreendido quando incorporado às experiências cotidianas, fato destacado na proposição de identificação nos trechos dos cordéis, os elementos que configuram a carnavalização.

Como todo trabalho de cunho literário, propomos desafios que pudessem reconhecer as características do cordel, pois este é o alicerce de nosso estudo. Em relação às alas/atividades, tencionou-se propor o lado protagonista dos alunos, afinal, cada um deve, diante do que foi aprendido construir suas histórias. Ao colocar o aluno como construtor do conhecimento, valorizamos não só a escrita como damos a eles um lugar ativo dentro da sala, papel esse que deve ser posto em prática na sociedade, afinal, faz-se mister abrir alas para o protagonismo.

Por motivo da pandemia da COVID-19 as atividades escolares presenciais foram suspensas e o projeto nem chegou a ser apresentado aos alunos. Ao tentarmos um retorno online, percebemos que não atingiríamos a todos, pois a maioria deles não possuíam internet. Desde então, os nossos contatos têm sido através dos pais/responsáveis que recebem os materiais escritos e fazem a devolutiva dos mesmos. Diante de tal situação não nos foi possível um contato direto com os nossos alunos o que inviabilizou a aplicação da proposta contida neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. M. A Literatura de Cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico. 2010. 118 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010. Disponível em:< http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_a34f91bdcad004609830fe65034b2284>. Acesso em: 15 out. 2019.
- ANTUNES, Irandé. **O estudo da língua**. 2ª ed. São Paulo. Parábola, 2005.
- ARAÚJO, P. C. de A. A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes. 2007. 259 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Departamento de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4838/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.
- ARAÚJO, Francisco Melchíades. **Trapalhadas de Pedro Malazartes Passando a Perna no Rei**. Tupynamquim Editora: Fortaleza, 2009.
- ARÊDA, Francisco Sales. **As palhaçadas de Pedro Malazarte**. Bezerro, 2004.
- AVELAR, Lysle. A carnavalização no romance A morte e A morte de Quincas Berro D'água de Jorge Amado. 2014. 94 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. 4.ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008.
- _____. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento; o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BANDEIRA, Pedro. **Malasaventuras, safadezas do Malasartes**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/ SEF, 1998.
- _____. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2017.
- BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 08, São Paulo, USP, 1970.
- CARICATURA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caricatura#:~:text=Caricatura%20%C3%A9%20um%20desenho%20de,h%C3%A1%20particulares%20em%20cada%20indiv%C3%ADduo>. Acesso em: mai. 2021.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Cinco livros do povo; introdução ao estudo da novelística no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio Ed., 1953.
- _____. **Literatura oral no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- _____. **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- _____. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global, 2005.
- CORDEL. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel. Acesso em 26 mai. 2020.

CRISTOVÃO, V. L.L; NASCIMENTO, E.L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sociodiscursivo. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S.(org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória e Palmas, PR: Kayganguê, 2005.

DAL SASSO, Sonia Maria. Auto da Compadecida: João Grilo e a carnavalização do sagrado. 2008.143 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: 6 ed. ED. Rocco, 1997.

DE PIETRO, J. F.; SCHNEUWLY, B>O. Modelo didático de gênero: um conceito da engenharia didática. **Revista Moara**, Belém, n. 26, ago/ dez., 2006.

DIRECIONANDO A LENTE: um olhar da folkcomunicação a partir do grupo folclórico parafusos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FG2xOAA5cGA>. Acesso em: 9 nov. 2021.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)**. Campinas; Mercado de Letras, 2004.

_____. **As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática**. Revista Delta [ONLINE], São Paulo, V.32, n.1, p.237-260, 2016.

DOURADO, G. Disponível em: <http://www.gustavodourado.com.br/cordel/Cordel%20do%20Carnaval.htm> Acesso em 02 de Ago. 2021.

FERNANDES, L. K. O uso da literatura de cordel no Ensino Fundamental (anos finais): proposta de material didático. 2016. **Dissertação de mestrado** – UFRN – RN, 2016. Disponível em: https://www.uern.br/controldepaginas/defendidasem2016/arquivos/3862luzia_kalene_fernandes.pdf. Acesso em: 09 dez. 2018.

GLOBO. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2343691/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

GOMES, Carlos Magno; CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva A performance do cordel como prática de leitura literária. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literário**. V.18, n.1, 2016.

GONÇALVES, Robson Pereira. **Macunaíma, carnaval e malandragem**. Santa Maria: Imprensa Universitária, UFSM, 1982.

JACOB, A.E. ; BUENO, L. A engenharia didática e o ensino do gênero debate eleitoral nos anos finais do ensino fundamental. **Dissertação de doutorado** em Educação pela Universidade de São Francisco, Calidoscópico, 2020.

Letra do samba enredo da Imperatriz Leopoldinense – 1973. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sambas/502168/>. Acesso em 02 ago. 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Histórias à brasileira**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2017.

Malasartes e o Duelo com a Morte. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Malasartes_e_o_Duelo_com_a_Morte. Acesso em 09 nov. 2021.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. **Investigando a relação oral/ escrita e as teorias de letramento**. 1ª ed. São Paulo: Mercado de letras, 2001.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p.

MELO, Rosilene Alves de. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n 72, abr. 2019, p. 245-261.

Michaelis. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NOBRE, João Damasceno. O quengo de Pedro Malazarte no fazendeiro. 1959. São Paulo: Luzeiro.

O Canto dos Escravos - Lambe Sujos x Caboclinhos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dSNKVmn4qSM>. Acesso em: ago. 2021.

Oxford Languages and Google - Portuguese. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>. Acesso em: 23 mai. 2020.

PEDRA, MARIA JOSÉ LOPES. **Dissertação**: deslocamentos e outras leituras nos contos de Pedro Malasartes. universidade federal da Bahia. Instituto de letras programa de pós-graduação em literatura e cultura. Campus universitário Ondina, Salvador-BA, 2017.

_____. O protótipo da malandragem no cordel: Encontro de cancao de Fogo com Pedro Malasartes. **Revista**; PPG. LET.UFRGS, vol.09, n.01, Porto Alegre, 2017.

RIBEIRO, L. A.; SOUZA, C. M.; KUBO, A.T.V. **Projeto de engenharia didática**: a avaliação de práticas de linguagem em foco. *Trab. Ling. Aplic.*, n (57.1):411-441, Campinas, jan./abr.2018.

_____. **Engenharia didática**: Abordagens praxeológicas na elaboração de sequências didáticas sobre atividades de linguagem. *Diálogo das letras*, Pau dos Ferros, v. 8, n 3, p. 80-99, set./dez. 2019.

ROJO, R. e CORDEIRO, G.S. Apresentação: Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. e COLABORADORES. **Gêneros orais e escritos na escola**: Tradução e organização, Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro, Campinas, Mercado de Letras, 2004.

_____. **Folclore Brasileiro, Contos populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2009.

Samba enredo da Imperatriz Leopoldinense – 1973. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=thpp8NrKLh4>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SILVA, J. N. da. Literatura de cordel: Hibridismo e carnavalização em Leandro Gomes de Barros. 2016. 155 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2016.

SOUZA, M. B. [Histórias de Trancoso ou Literatura de Cordel](http://www.mateusbrandaodesouza.blogspot.com). 2010. Disponível em: www.mateusbrandaodesouza.blogspot.com. Acesso em: 24 mai. 2021.

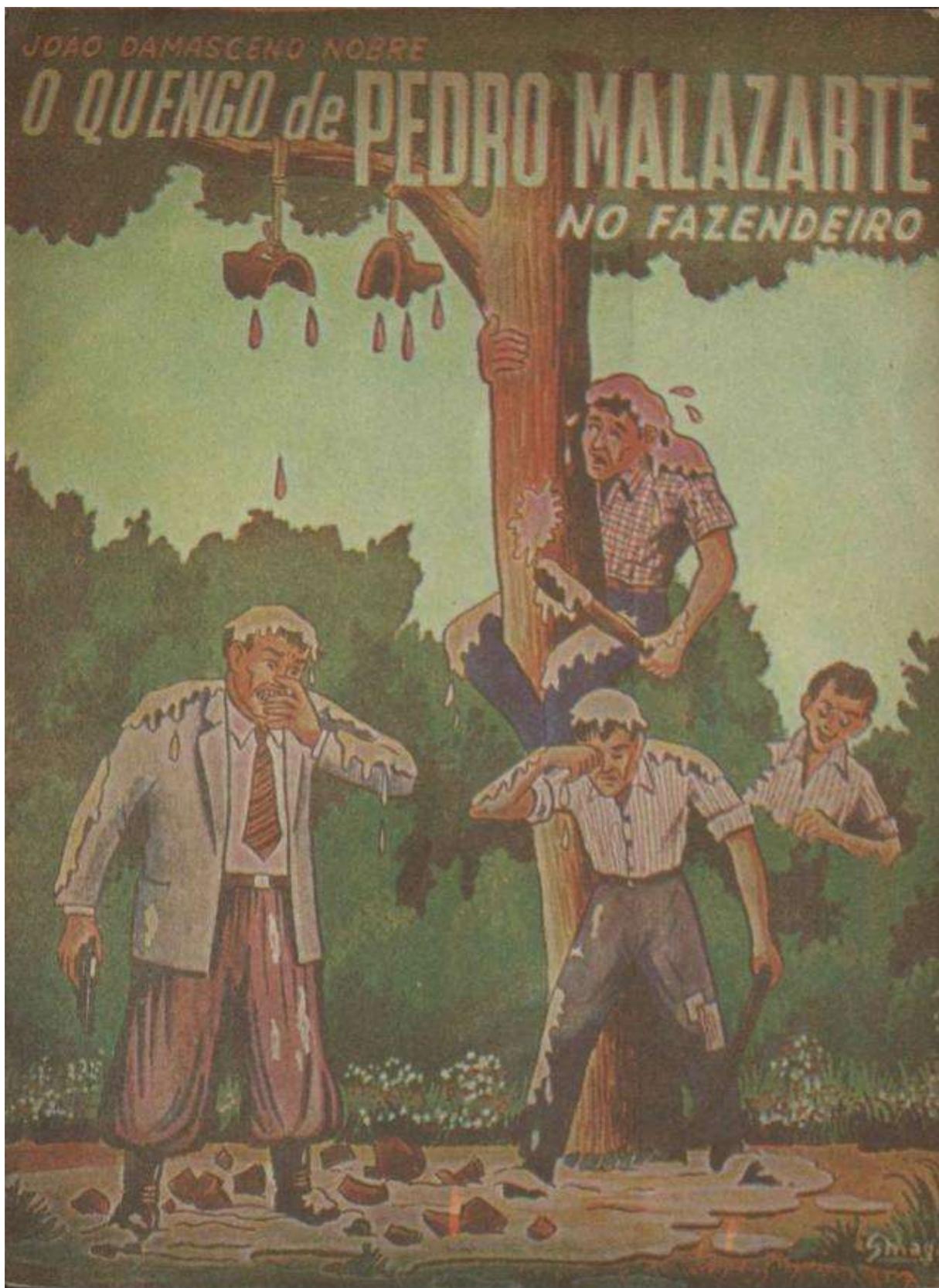
SOUZA, M. R. de. Os textos cordelísticos no 9º Ano do Ensino Fundamental II: perspectivas de aplicabilidades didático-pedagógicas dos círculos de leitura. 2017 126f. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Letras), Centro de Formação de Professores, Universidade federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba. Acesso em: 09 dez. 2018.

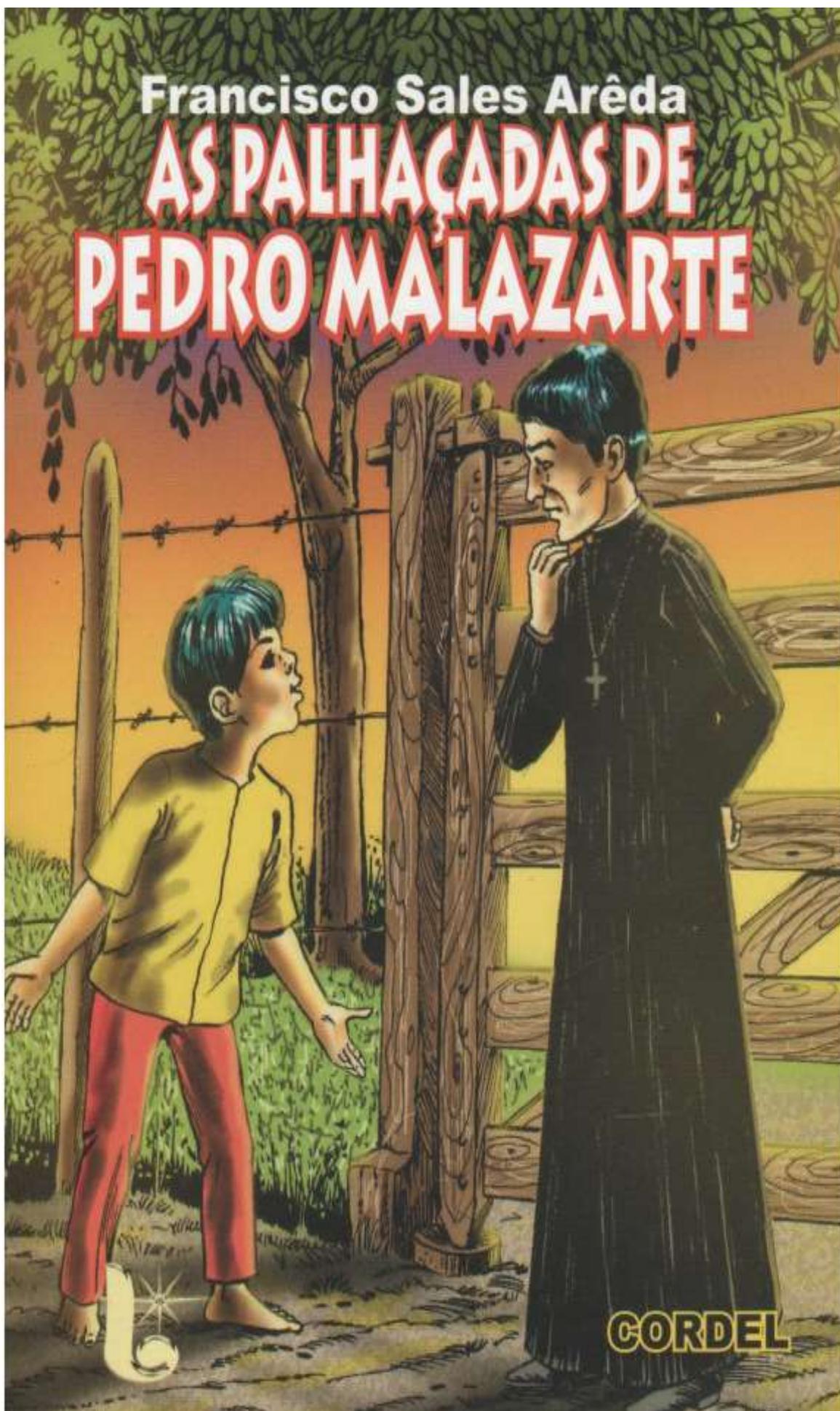
SUASSUNA, Ariano. **O movimento armorial**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974.

VIANA, Klévisson. **Cordel**. São Paulo: Hedra, 2008.

[Trailer de “Malasartes e o duelo com a Morte” mostra investimento em efeitos - Jornal O Globo](#)
Acesso em 25 de Maio de 2019.

APÊNDICE A - CAPAS DOS CORDÉIS





APÊNDICE B – CORDEL: AS PALHAÇADAS DE PEDRO MALASARTES, DE FRANCISCO SALES ARÊDA (2004)

-1-

Eu vou contar uma história
Que vem dos meus bisavós,
Os meus pais já aprenderam
Com os velhos meus avós
Eu aprendi com meus pais
E vou contar para vós

-2-

Era Pedro Malasarte
Um curioso ladino
Que viveu de palhaçadas
Desde muito pequenino
Nunca achou um caloteiro
Que lhe cortasse o destino

-3-

O Pedro nasceu no dia
De vinte e quatro de agosto
Era ativo e muito forte
Inteligente e disposto
Mas se é certo que há espírito
Havia nele um "encosto"

-4-

Porque desde pequeno
Que Pedro era astucioso
Nunca armou uma cilada
Pra não ser vitorioso
Fez cabra velho escolado
Com ele ficar nervoso

-5-

Ele ainda era pequeno
Foi à feira certo dia
Mas encontrou na estrada
O padre da freguesia
Encontrou na porteira
Que lá no caminho havia

-6-

- Abre aí esta porteira
Disse o padre carrancudo
- E quem é o cidadão?
Perguntou Pedro sisudo
Ele disse: sou um padre
Homem que aprendeu tudo

-7-

Pedro aí sorriu e disse:
- Uma dessa é de primeira
O senhor diz que é sabido
Mas só conversa besteira
Como foi que aprendeu tudo
E não sabe abrir porteira?

-8-

O padre disse: Menino,
Tu já ganhaste a questão
Me dizes pra onde vais
E também teus pais quem são
Se moram por perto ou longe
E se estão em casa ou não.

-9-

- Moro perto, disse Pedro,

Vou para " o mais precisado"

Pai está no " arrependido"

Pelejando, agoniado

E mamãe está pagando

"Prazer do ano passado"

-10-

O padre disse: Garoto

Teu linguajar é sem fim

Mas esta tua conversa

Vai explicar toda a mim

Pedro disse: Eu nunca ví

Um sabido besta assim

-11-

" Mais precisado" é a feira

"Arrependido" é o roçado

Aonde o homem trabalha

Com prejuízo de lado

Mãe parida está pagando

"Prazer do ano passado"

-12-

O padre disse consigo:

" Este menino é o cão".

Deu rédeas aos seus cavalos

E não quis mais discussão

Pedro se foi para feira

Cumprir sua obrigação.

-13-

Outro dia Pedro foi

À casa de um seu parente

Quando voltava encontrou

No caminho uma corrente

De um metal muito amarelo

Com o que ficou contente

-14-

Pedro poliu a corrente

Com um pedaço de couro

A peça ficou brilhando

Que parecia ser ouro

E Pedro disse: - Com esta

Vou arranjar um tesouro

-15-

Na frente entrou numa casa

De um ricaço fazendeiro

A mulher estava só

Pedro muito escopeteiro

Deu a corrente em três jóias

E cem mil réis em dinheiro

-16-

E quando o homem chegou

Pedro já tinha saído

A mulher contou-lhe a troca

Ele gritou: - ah bandido!

Vou atrás até pegá-lo

E quebrar-lhe o pé do ouvido

-17-

Montou num burro e correu...

Porém Pedro era treinado

De longe avistou o homem

Que vinha desesperado

Inventou logo uma trama

Pra se livrar do pecado

-18-

Na beirada da estrada

Pedro defecou ligeiro

E cobriu com o chapéu
 Fazendo o maior barreiro:
 - Quem quer me ajudar pegar
 Um passarinho estrangeiro?

-19-

Como o fazendeiro era
 Em ambição um perito
 Pensou consigo: Este pássaro
 Só deve ser bem bonito
 Vou ajudar a pegá-lo
 Porque dele necessito

-20-

E falou para comprá-lo
 Já de ambição quase tonto
 Pedro disse: É cem mil réis
 Sem um tostão de desconto
 Mas o senhor quando vê-lo
 Talvez não dê por um conto

-21-

É um pássaro verde-louro
 Golado como um canção
 E tem a crista de seda
 Canta que chama atenção
 Tem o bico de marreta
 Belisca que só o cão

-22-

Para podermos pegá-lo
 Eu necessito primeiro
 Arranjar uma gaiola.
 Fique que volto ligeiro
 E o homem por segurança
 Passou-lhe logo o dinheiro

-23-

E deu mais o burro a Pedro
 Para que voltasse urgente
 E ficou acororado
 Lá parecendo um demente
 Segurando no chapéu
 E Pedro se foi contente

-24-

Adiante deixou o burro
 E ganhou o marmeleiro
 O rico lá esperando
 Passou quase o dia inteiro
 Até que compreendeu
 Que Pedro era um estradeiro

-25-

E por fim desenganou-se
 Que Pedro não vinha mais
 Pensou consigo: Eu fiz uma
 Que todo mundo não faz
 Mas deixa estar que eu ainda
 Pego aquele satanás

-26-

O pássaro que ele disse
 Que ficou aqui trancado
 Disse que belisca muito
 Mas já estou desgraçado
 Vou me arriscar a pegá-lo
 Para ver o resultado

-27-

Foi levantando o chapéu
 Por baixo meteu a mão
 A fim de pegar o pássaro

Que alí estava no chão
 Mas em vez de passarinho
 Agarrou o cagalhão

-28-

Quando pegou que apertou
 Foi cocô pra todo lado
 Deu um grito e levantou
 Praguejando indignado
 Passou as mãos pela cara
 Que ficou todo melado

-29-

O rico viu-se apertado
 Com a grande fedentina
 Além de ser enganado
 Fez da cara uma latrina
 Que gastou quase uma hora
 Para fazer a faxina

-30-

Depois encontrou o burro
 Pelas rédeas enganchado
 E desse dia por diante
 Ele ficou exemplado
 Nunca mais o encontrou
 Pra se vingar do passado

-31-

Pedro um dia disse ao pai:
 -Quero a sua permissão
 Para percorrer o mundo
 Porque tenho precisão
 Dizem que o mundo é escola,
 Eu vou ver se aprendo ou não

-32-

Assim Pedro viajou
 Sem sentir nenhum abalo
 Até que um dia avistou
 A caveira de um cavalo
 Dentro tinha um urubu
 E Pedro pôde pegá-lo

-33-

Seguiu com o urubu
 Dizendo: com este agora
 Vou arranjar qualquer coisa
 Por este mundão afora
 E saiu fazendo plano
 A bem de sua melhora

-34-

À noite chegou na casa
 De um fazendeiro abastado
 E pediu para dormir
 Lá ficou Pedro hospedado
 Porém o dono da casa
 Era um rico desgraçado

-35-

Mandou Pedro se arrancar
 Em um quarto do oitão
 Não lhe deu ceia nem rede
 Pedro foi dormir no chão
 Onde deitavam galinhas
 Numas palhas de feijão.

-36-

Pedro com fome e enfadado
 Deitou-se mas não dormiu
 Tinha no quarto uma janela
 Que por ela se subiu

Os movimentos da casa

Ele de lá tudo viu

-37-

Observou na cozinha

A criada preparando

Arroz, carne, bife e lombo

Numas panelas guardando

E viu a dona da casa

Para a criada explicando:

-38-

- Negra, você guarde lombo,

Galinha e carne guisada,

Verdura, arroz, macarrão,

Três latas de goiabada

Seis queijos e dez sardinhas

E dois potes de coalhada

-39-

Guarde três bolos de ovos

Que amanhã temos visita

Não deixe de preparar

Pamonha e mais carne frita

Que preciso apresentar

Uma mesada bonita

-40-

Pedro observava tudo

Lá no janelão trepado

Viu bem aonde a criada

Deixou tudo bem guardado

Depois foi se agasalhar

Porém ficou acordado

-41-

A negra tinha um namoro

Com um tal Joaquim mãozinha

Nessa noite preparou-lhe

Um bom prato de galinha

Para entregar alta noite

Pela porta da cozinha

-42-

Pedro viu quando ele veio

E a negra se levantou

Abriu a porta e com ele

Muito tempo conversou

Trocando beijos e abraços

Mais de uma hora passou

-43-

Assim o dia nasceu

Malasartes disfarçado

Levantou-se e foi andando

Com seu urubu de lado

Até o dono da casa

Perguntou-lhe admirado

-44-

- Pra que quer este bicho

Tão feio e tão fedorento?

Pedro disse: Este animal

Tem tanto merecimento

Que adivinha qualquer coisa

Mais veloz que o pensamento

-45-

O homem disse: Então mande

Ele adivinhar ligeiro

O que vamos almoçar;

Se der certo no roteiro,

Querendo vender o bicho,

Compro por todo dinheiro

-46-

Pedro então tocou no bicho

Nessa mesma ocasião

Ele soltou um chiado

Rodou as assas no chão.

Pedro disse: Não precisa

Denunciar tudo não

-47-

O homem disse: E o que foi

Que o urubu quis dizer?

Pedro disse: Ele está doido

Para um fuxico fazer...

Querendo até dizer coisa

Que aqui ninguém quer saber

-48-

O homem se interessou

Inda mais dizendo assim:

-Pode mandar explicar

Do princípio até o fim.

Desejo saber de tudo

Sendo bom ou sendo ruim.

-49-

Pedro falou para o bicho

Com a voz muito alterada

- Vamos ver seu Sabe Tudo

Decifre logo a charada

É pra dizer nesta casa

O que é que tem na mesada

-50-

Sabe Tudo remexeu-se

Rodou em cima de um pé

Pedro falou: Ele disse

Que o seu almoço hoje é

Carne, lombo, arroz e bife,

Pamonha, bolo e café

-51-

O homem disse: Deu certo

Que urubu mais desgraçado!

Mandou botar o almoço

Ele com Pedro sentado

Almoçando e o urubu

No pé da mesa amarrado

-52-

Pedro topou com o pé

No urubu carniceiro

Ele fez um remexido

Batendo o bico primeiro

Pedro disse: Sabe Tudo

Deixe de ser fuxiqueiro

-53-

- O que foi que o urubu disse?

Pergunta o homem vexado

Pedro disse: este idiota

Está muito atravessado

Dizendo que lá por dentro

Tem queijo e leite coalhado

-54-

O homem mandou buscar

E Pedro alí bem sisudo

Topou ainda outra vez

Assanhado Sabe Tudo

Que se mexeu, Pedro disse:

- Cale este bico, abelhudo

-55-

- O que foi que ele falou?

Pedro respondeu na linha:

- Ele disse que lá dentro

Tem lombo, bife e farinha

E quer fazer um fuxico

Com a ama da cozinha

-56-

Disse ele que a sua ama

Tem um chumbrego acochado

Com um freguês que só vem

Tarde da noite e cismado

Inda essa noite ela deu-lhe

Um bom prato de guisado

-57-

A negra foi intimada

Descobriu tudo a miúdo

O homem disse: Seu Pedro

Quer me vender Sabe Tudo?

- Dou por um conto de réis

Pedro respondeu sisudo

-58-

Porém o senhor comprando

Este animal de decência

É pra ter todo cuidado

Com gente sem consciência

Se alguém mijar-lhe a cabeça

Se acaba toda ciência

-59-

O homem passou-lhe os cobres

E Pedro alí foi embora

Porém a negra que ouviu

Toda a conversa de fora

Disse este urubu do diabo

vai me pagar tudo agora

-60-

Arrastou-o para um quarto

Dizendo: Bicho conheça

Que quem faz o mal aos outros

É bom que também padeça

Para acabar seu mistério

Eu vou mijar-lhe a cabeça

-61-

Quando foi se aproximando

Pra fazer dele pinico,

O Sabe Tudo agarrou-a,

Por baixo meteu-lhe o bico

Que com os gritos da negra

Tornou-se o maior fuxico

-62-

Chegou o dono da casa

dizendo: Negra caipora

Você deu-me um prejuizo

Como não pensei agora

Não quero mais vê-la aqui

Pegue a reta e vá embora

-63-

A negra foi quem sofreu

No bico do carniceiro

E o homem ficou só triste

Porque perdeu seu dinheiro

Agora vamos saber

De Pedro o seu paradeiro

-64-

Com cinco dias depois
 Pedro saiu num reinado
 O rei mandou intimá-lo
 E depois de interrogado
 Vendo a sua inteligência
 Deu-lhe um serviço pesado

-65-

Logo lhe entregou um burro
 E depois disso foi ver
 Um livro grande e lhe deu
 E começou a dizer:

- Você com pena de morte
 Ensine este burro a ler

-66-

Pedro seguiu com o livro
 E o burro para um lugar
 Comprou milho e começou
 Em cada página botar
 Um carocinho de milho
 Pro burro se exercitar

-67-

Com um mês depois o burro
 Ficou tão acostumado
 Que bastava ver o livro
 Ficava todo animado
 Logo focinhava as páginas
 Caçando o milho guardado

-68-

Pedro foi com ele ao rei
 Quando na corte chegou
 Disse: Pronto, Malasarte

Seu burro já estudou
 Pegou o livro presente
 Aos conselheiros provou...

-69-

Quando o burro viu o livro
 Chegou-se com alvoroço
 Passando todas as páginas
 Porém foi ficando inosso
 Porque procurava o milho
 Mas não achou um caroço

-70-

O rei disse: O burro sabe
 mas não explica a lição
 -É verdade, disse Pedro,
 Senhor rei não tem razão
 Mandou-me ensiná-lo a ler
 Porém falar, isso não!

-71-

-Está certo, disse o rei,
 Porém amanhã bem cedo
 Você vem pra comigo
 No pé daquele rochedo
 É pra furar aquela
 Baraúna com um dedo

-72-

Pedro ouviu tudo e pensou:
 "Este rei está danado"
 À noite foi numa tenda
 Por lá arranjou um trado
 Furou no pau um buraco
 Deixou com cera tapado

-73-

Pela manhã Pedro foi
 Com o rei e mais alguém
 Meteu o dedo no pau
 sem combinar com ninguém
 Quando o rei viu o buraco
 Disse: Eu vou furar também

-74-

Meteu o dedo com força
 Na baraúna velada
 Que o dedo saltou da junta
 A mão ficou logo inchada
 Foi se curar e depois
 planejou outra cilada

-75-

Combinou com a rainha
 A Pedro mandar chamar
 Pra irem a um passeio
 À noite na beira-mar
 E lá empurrarem Pedro
 Nas águas pra se afogar

-76-

Quando chegaram na praia
 Deitaram-se juntos no cais
 Porém Pedro experiente
 Não dormiu pensando mais...
 Enquanto os seus soberanos
 tarde dormiram demais

-77-

Quando Pedro viu que os dois
 Dormiam a todo pano
 Pegou o rei pelo meio
 E jogou-o no oceano
 Dizendo: rei desgraçado
 Nunca mais serás tirano

-78-

Gritou chamando a rainha:
 Acorde, acorde senhora
 Nosso rei enlouqueceu
 E pulou no mar agora
 Acuda e se quer salvá-lo
 Pule também sem demora

-79-

A rainha disse: - Não!
 Perdido vá quem estar
 Se eu pular morro também...
 Assim é melhor ficar
 Os culpados fomos nós
 Não tenho a quem me queixar

-80-

Findou-se o rei, ficou Pedro
 Servindo de conselheiro
 A rainha consagrou-lhe
 Leal amor verdadeiro
 Enfim casou-se e ficou
 Sendo Dom Pedro Primeiro

**APÊNDICE C – CORDEL: O QUENGO DE MALASARTES NO FAZENDEIRO, DE
JOÃO DAMASCENO NOBRE (1959)**

-1-

Vou contar nesse momento
Um caso que foi passado
De um camarada perverso
Que nunca foi enganado:
Mas um dia foi buscar lã
Porém saiu tosquiado.

- 2-

Toda pessoa que ia
Com esse cara trabalhar,
Ele inventava uma treita
Para o pobre não pagar,
E todo mundo caia
No seu jeito de enganar.

- 3-

O indivíduo já estava
De tal modo viciado
Que exigia do pobre
Que fosse tudo apostado
Mas sempre o trabalhador
É quem saia lesado.

- 4-

Seu cabedal aumentava,
Cada vez mais prosperando,
Comprava novas fazendas
E tudo ia aumentando;
Quem trabalhava para ele
Ia se embora apitando.

- 5-

E de tal forma fazia

Que nem a autoridade
Nunca pode por um termo
À sua perversidade
Pois tudo ele preparava
Com muita sagacidade.

- 6-

Quando ele achava parceiro,
Fazia aposta até feia:
-Apostava furar olho,
Cortar mão, surrar de peia,
Afinal deu pra apostar
Tirar nas costas correia.

- 7-

Muito operário já tinha
As costas assinaladas
Por esse monstro tirano
De natureza tarada,
Porque ele ao que parece
Não tinha pena de nada.

- 8-

Um se queixava daqui,
Outro, também, de acolá.
O sujeito era ricaço
Ninguém podia ir lá,
Além disso era atrevido
Pior que mangangá.

-9-

Sua fama já corria
No país por toda parte

Quando chegou-lhe um irmão
Do célebre Malasarte,
Trabalhou e o fazendeiro
Tapeou-o com muita arte.

- 10-

Com o lombo retalhado,
Depressa se retirou
Uma correia bem larga
O fazendeiro tirou,
Pois a aposta que fizeram
O monstro foi quem ganhou.

-11-

Saiu por ali tristonho
Sem dinheiro e pipinado,
Adiante pelo irmão
Ele, então, foi encontrado,
Era Pedro Malasartes,
Cabra velho preparado.

- 12-

Pedro ,olhando seu irmão
Foi logo lhe perguntando,
Que foi que aconteceu.
Pois vejo chorando
E também as suas costas
Vão a roupa ensanguentando

-13-

Fui trabalhar, disse Antonio
A um tal de fazendeiro
Sem pensar que o mesmo fosse
Um tipo tão marreteiro:
Tirou-me o couro das costas:
Porém, neça de dinheiro.

- 14-

Pela aposta que ele fez
Parece fácil ganhar
Porém depois arma um quengo
Que é difícil de quebrar,
Qualquer que entrar com ele
Vai por fim desacertar.

- 15-

Quero saber onde mora,
Pedro inquiriu ao irmão,
Vou jogar uma partida
Com esse bom campeão.
Antônio lhe respondeu:
Meu caro, não vá lá, não!

- 16-

Deixe de conversa mole...
Não venha me esmorecer;
Eu quero ver esse homem,
E com o tal conviver
Se brevemente avistá-lo,
Terei imenso prazer.

- 17-

Vendo já que não podia
A seu irmão persuadir
Ensinou logo o caminho
Pra ele se dirigir
Dizendo-lhe: “está na cara”
E só por ali seguir.

-18-

Com dois dias de viagem
Malasartes lá chegava
E perguntou à criada
Se o patrão se encontrava,
Que precisava de vê-lo,

Pois emprego procurava.

-19-

Chega já, respondeu ela,
O senhor, espere um pouco
Sem demora ele apontou
Que vinha arrancando toco:
Muito bom dia caboclo.

-20-

Bom dia, respondeu Pedro,
Meu digníssimo senhor
Desejo achar um abrigo,
Porque sou trabalhador
E já vi que o coronel
Do pequeno é protetor.

-21-

-É verdade, disse o homem,
Bastante entusiasmado,
Eu aqui nessa fazenda
A muitos tenho ajudado;
Mas, os mal agradecidos
Têm até me difamado.

-22-

Por isto, estou acordado,
E preciso lhe falar
Sei que o senhor não é desses
Que gostam de enganar
Mas só trabalha comigo
Agora, quem apostar.

-23-

Caiu a sopa no mel,
Pedro logo respondia,
E também por causa duma
Que aconteceu outro dia,

Eu jurei que sem aposta

Outro emprego não queria.

-24-

Pois bem, lhe responde o homem,
Uma vez que o senhor gosta,
Portanto vou lhe dizer
Como vai ser nossa aposta,
Quem perder dá uma correia
Pro outro tirar das costas.

-25-

Seja duas, disse Pedro,
Pois um par será melhor
Desperta mais interesse,
Quando uma aposta é maior,
Vamos logo ao cartório
Pra não ficar só de cor.

-26-

Depois que o sujeito viu
A escritura assinada
Disse: ganho , está na cara!
-Agora , meu camarada ,
Quem trabalha para mim
Levanta de madrugada.

-27-

Quando o meu pássaro canta
É pro senhor levantar
Tomando logo o café
Vai pra roça viajar
-Pondere, respondeu Pedro ,
Para depois não voltar.

-28-

Pois se ele não cantar
Eu não me levantarei,

Conforme for o nosso trato,
Tudo certo seguirei,
Desejo que seja mesmo
Como palavra de rei.

-29-

Quatro horas da manhã,
Pedro Malasartes ouviu
Um bicho nas laranjeiras
Gritando curru-piu-piu
Ele então se levantou
E bem depressa saiu.

-30-

Viu Pedro que era uma velha
Que fazia a cantarola,
Diz ele: essa agorenta
Só indo para a gaiola
Amanhã muito cedinho
Quebrarei essa viola.

-31-

A comida que lhe deram
Na primeira refeição
Foi uma banda de ovo
E outro tanto de pão;
Porém Pedro usou um quengo
Para vencer a questão.

-32-

Da forma que ele comeu
O pão primeiro acabou,
Ele disse à cozinheira
O ovo ainda ficou,
Dê-me pão pra misturar
Porque assim se tratou.

-33-

Porém da segunda vez,
Tendo o ovo terminado,
Gritou ele: dê-me ovos
Pois assim foi acertado
Eu comer pela manhã
Pão e ovo, misturado.

-34-

E assim ele comeu
Até ficar satisfeito
Depois viajou pra roça
E junto foi um sujeito
Para ensinar onde era
Que ia pegar o eito.

-35-

Disse, então o camarada
Limpe essa mandioquinha
Vai lhe servir de relógio
Essa nossa cachorrinha,
Pois só voltará à casa
Guiado pela “Tósinha”.

-36-

A cadela tinha vindo
Com a barriga bem cheia,
Deu meio-dia e ficou
Ela deitada na areia,
Pedro então disse consigo
Assim a coisa está feia.

-37-

Vendo que a tal não saia
Ele tirou um cipó,
Do caboclo verdadeiro,
E na ponta deu um nó
E açoitou na cadela

Batendo de fazer dó.

-38-

A cadelinha saltava,
Só vendo o cipó cair;
Porém vendo o caso sério
Tratou de escapulir,
-Para casa, disse Pedro,
E para você seguir.

-39-

Quando o fazendeiro viu
O Pedro se aproximando,
Perguntou-lhe isso é hora?
Do senhor já vir chegando,
-Pergunte à dona Tósinha
Disse Pedro, muito ufano.

-40-

Conforme foi nosso trato,
Eu não pretendo alterar,
A cadela regressou,
Eu tive de acompanhar,
Também isso já é hora
De quem luta descansar.

-41-

O homem foi à cozinha
E reclamou à criada,
Dizendo: você não deu
Comida a essa danada!
Respondeu ela, enchi tanto
Que não cabia mais nada.

-42-

- pois bem: falou o patrão
Amanhã eu virei ver
Logo que chegar a hora

De lhe dar o de comer

-Quero ver esse malvado

Comigo não vai perder!

-43-

Quando foi à tardezinha
Malasartes procurou
Um ninho de formigões
E sutilmente levou
Chegou lá na laranjeira
Com cuidado colocou.

-44-

Quando a velha madrugada
Na laranjeira subiu
E já ia começando
Cantar o curru-piu-piu,
Recebeu uma dentada
Que se largou e caiu.

- 45-

A velha caiu gritando
E as formigas mordendo
A pobre virando os olhos
E pelo chão se batendo,
Porque em todo lugar
As bichas estavam roendo.

-46-

Isto foi aquele cara,
Pensou logo o fazendeiro
Esse Pedro Malasartes
É um grande marreteiro,
-Acabei, responde Pedro
Com esse pássaro agoureiro.

- 47-

-Disse ele para velha:
 A senhora amanhã vá
 Para outra laranjeira
 Cantar o seu bea-bá
 Ela respondeu ao seu filho;
 O demônio é quem vai lá.

- 48-

O corpo está me doendo
 E a cara toda inchada
 Não é brinco pra ninguém
 De formigão e picada
 Pedro foi quem ficou livre
 De levantar de madrugada.

- 49-

No outro dia bem cedo
 A cadela fez voltar
 Meteu-lhe cipó no lombo
 Fez a bicha regressar
 E passou a tarde inteira
 Deitado, sem trabalhar.

- 50-

Pensou logo o fazendeiro:
 Esse é duro de roer;
 Mas vou arranjar um quengo
 Com esse ele vai perder,
 Pois vai ficar indeciso,
 Sem saber como fazer.

- 51-

-Disse para Malasartes
 Amanhã ou quarta-feira
 Vá tirar-me seis carradas
 Duma especial madeira
 Toda sem nós nem umbigos

Por igual, toda linheira.

- 52-

No outro dia foi ver
 O trabalho do roçado
 E notou que a mandioca
 O Pedro tinha arrancado
 E o mato deixou em paz
 Sem nada ter capinado.

-53-

Ele foi dizer a Pedro,
 O senhor não tem juízo
 Pois acaba de me dar
 Um enorme prejuízo,
 Capinagem como a sua
 Declaro que não preciso.

- 54-

Eu limpar a mandioca
 Seu criado me mandou,
 Eu não ia limpar mato,
 Se ele não me ordenou
 Sua madeira também
 Pronta já toda ficou.

- 55-

Seu empregado não disse
 Pra limpar ou roçar mato
 Ele devia dizer
 Como era tudo exato.
 -Façam as coisas direito,
 Deixem de dança de rato!...

-56-

Agora sua madeira
 Vá olhar que já a cortei,
 O senhor vai gostar muito

Daquela que arranjei
Sem torturas e sem nós
Toda por igual cortei!

- 57-

O Policarpo foi ver
Suas linhas de madeiras,
As peças todas por uma
Sem umbigos e linheiras,
Mas dessa vez Malasartes
Liquidou as bananeiras.

- 58-

-Dessa maneira, seu Pedro
O senhor está danado,
Tão cedo não levarei
Minhas frutas ao mercado
Diz Pedro é ou não é
Madeira de seu agrado?

- 59-

Então ele arranjou outra
Para com Pedro acabar
Mandou-lhe buscar um carro
De lenha em certo lugar,
Pois de fato ali as feras
Teriam-no que devorar.

Pedro Malasartes, logo
Para o local viajou;
Mas não foi pelo caminho
Foi por um brejo e deixou
O carro quase atolado
E os bois ele soltou.
Levou todos para a villa
E baratinho os vendeu

Porém exigiu as caudas
E o açougueiro lhes deu
Chegou em frente do carro
Enterrou ao modo seu.

Voltou logo para casa
E disse veja que azar,
Seus bois se atolaram todos
E quero que vá olhar
As caudas estão de fora
Mas ninguém pode puxar.

-isto aqui não é estrada
Não foi por ali que eu disse!
Não viu aqui esse brejo
-O senhor só faz tolice
-Disse, Pedro, achei melhor
Viajar pela planície.

Na dianteira do carro
As caudas ele enterrou,
De forma que parecia
Que nada ali se atolou,
Somente o filho do homem
Isso não acreditou.

Quer ver, respondeu Pedro,
Pode ir pra puxar,
Mas é só por esse trilho
Que você pode passar,
Tem de ficar atolado
Se for por outro lugar.

O moço no mesmo instante
 Pra o lugar se dirigia,
 Era um grande sumidouro,
 Malasartes já sabia,
 Com pouco dentro do brejo
 Ele desaparecia.

Ele gritou por socorro
 Até desaparecer!...
 O velho quis ir também
 Para o filho socorrer,
 -Não vá patrão, fala Pedro,
 Se o senhor for, vai morrer!

Entretanto esse, lugar
 Era o que mais atolava;
 Porém indo com cuidado
 O brejo se atravessava,
 Se não as caudas dos bois
 O Pedro não enterrava.

Voltou bem desanimado
 O manhoso fazendeiro
 Pois já perdera seus bois
 E o filho primeiro,
 Estava vendo perder,
 Correia, aposta e dinheiro.

Voltou e disse seu Pedro:
 É para o carro trazer.
 Ele bateu o machado
 E fez pedaço a valer;
 E depois foi carregando

Sem o fazendeiro ver.

Quando o homem viu o carro
 Assim todo espedaçado,
 Quase que arranca os cabelos
 Ficou bastante zangado,
 Gritou: ou Pedro é maluco
 Ou está alucinado!

Não senhor, respondeu Pedro,
 Tenho o juízo perfeito;
 Mas para trazer o carro
 Eu não achei outro jeito,
 -Já cumpri o seu mandado
 Agora estou satisfeito.

Porque o senhor bem sabe
 Que eu sozinho não podia
 Trazer esse carro inteiro,
 Pois os bois não mais havia
 Só de pedaço em pedaço
 É que um homem traria.
 Policarpo, então pensou
 Esse cabra é de encomenda,
 Parece que desta vez
 Eu vou perder a contenda;
 Porém vou ver se a mulher
 Livra-me de pagar prenda.

E consultou com a mulher,
 Dizendo o que vou fazer
 Para dar fim a esse cara,
 Pois é duro de roer!

Veja se arranja um quengo
Para fazê-lo morrer.

Disse a mulher isso é fácil,
Você tem de se ausentar,
Eu dou liberdade a ele
Para poder tapear,
Depois dou-lhe misturada
E ele vai se embriagar.

Logo que ele estiver tonto
Chamo-o lá no reservado
Quando ele chegar em cima
Na escada do sobrado
Eu dou-lhe um tombo, ele cai,
Morrerá arreventado.

Numa casa de farinha
A conversa se passou
Pedro junto da parede
Todo conchavo escutou;
Disse ele: irei cortar
Por onde você traçou.

Assim foi no outro dia
Ele saiu bem cedinho
Sua mulher chamou Pedro,
Com muito jeito e carinho,
Dizendo-lhe: hoje à tarde
Venha cá meu queridinho.

Pois não, respondeu-lhe Pedro,
Atenderei seu chamado

Seja feito o que quiser,
Serei seu menor criado,
O patrão estando fora
Eu estarei a seu lado.
Ela sorriu para Pedro
Mostrando ter amizade
Ele dissera consigo;
Eu sei tua falsidade,
Comigo, não adianta
A tua sagacidade.

Malasartes não tardou
Foi no trato, sem faltar,
A mulher artimanhosa,
Começou lhe acarinhar,
Dizendo : Só me consolo
Se seus carinhos gozar.

-Minha flor, respondeu Pedro
Dessa forma não se fala,
Pois estando com você
Não correrei nem de bala
E lembrando do seu nome
Até quiabo me entala.

-Fiquei bastante contente
Com o que ouvi dizer
Para provar se é verdade
Eu vou mandar já trazer
Um vermoute especial
Para comigo beber.

Diz ele: pois não patroa!

Eu bebo até água rais...
 Bebo chumbo derretido
 E ainda desejo mais;
 Então foi chegando o vinho
 Em duas taças iguais!

Fala Pedro para ela:
 Vou pedir-lhe minha amada
 Pra ir trocar de vestido
 E por saia estampada,
 Para com mais alegria
 Eu tomar essa golada.

Ela foi trocar de roupa;
 E a criada, distraída,
 Não viu o Pedro trocar
 As vasilhas da bebida
 E no copo da mulher
 Inda deitou formicida.

Assim que ela voltou,
 Toda pintada e cheirosa,
 Foi logo pegando o copo
 Da bebida saborosa
 E juntamente com Pedro
 Engoliu toda garbosa.

Foi bebendo e foi caindo
 Não deu um grito sequer
 Pedro falou pra criada:
 Você diga o que quiser,
 Porém eu vou alarmar
 Que envenenou a mulher!

Às nove horas da noite
 O policarpo chegou
 Encontrou a mulher morta,
 E Pedro logo falou:
 Foi um vinho que a criada
 Para ela preparou.

O homem fez o enterro,
 E tratou de preparar
 Um quengo ainda mais forte
 Para com Pedro acabar,
 E disse-lhe: se prepare
 Que temos de viajar.

E foi pelo mundo afora
 Com um lote carregado,
 Negociando ambulante,
 Porém de plano formado,
 E Pedro bem satisfeito
 Tangendo os burros calado.

Num deserto junto a um rio
 Foram dormir, certo dia,
 Pensa então o fazendeiro
 Aqui eu ganho a porfia;
 -Mato e jogo-o rio abaixo,
 Termina toda arrelia.

Por estar o tempo quente
 Pedro Malasartes armou
 Sua rede sobre o rio
 E bem calmo se deitou
 Atravessando nas águas,

Ali quieto ficou.

O fazendeiro viu isto

Achou que era bom assim

Pensou quando ele dormir

É que vai dar para mim

Eu corto a corda da rede,

Ele tem que levar fim!...

Dormiu logo que deitou-se

Por quanto estava enfadado

Quando ele acordou bem tarde

Tudo estava sossegado

-Disse consigo: é agora

Que dou fim a esse malvado.

Saiu de ponta de pé

Segurou bem o facão

Vibrou-o nas cordas da rede

Com toda satisfação

Vendo cortar sentiu ele

Consolidado o coração.

E falou: toma danado!

Agora tem de morrer

Pagará tudo que fez,

Assim é que deve ser;

A correia que queria

No inferno é que vai ver!

Depois daí se deitou

Contente foi descansar,

Pela manhã despertou

Ouvindo alguém a gritar,

Parecendo Malasartes

Quando ia os burros juntar.

Diz ele: não é possível!

Será o meu pensamento?...

-Com pouco avistou os burros

Viajando a passo lento,

Sem os beiços superiores,

Com os dentes ao relento.

Pedro vinha muito sério

Lá no coice da mulada:

O patrão lhe interrogou

Sobre aquela patacoada.

Respondeu Pedro: é os burros

Que estão dando gargalhada.

Esta noite eu me deitei,

Mas não pude adormecer,

Depressa me levantei

E as cangalhas fui ver,

Botei todas sobre a rede

Para o couro amolecer.

O senhor nunca deu óleo

Para os arreios untar;

Os couros ninguém podia

Com eles mais trabalhar,

Botei-os em cima d'água

Para a frieza abrandar.

Vi que o senhor teve um sonho

Lutando contra o Diacho;

E levantou-se com o facão
 Marchando para o riacho
 Cortou a corda da rede
 Tudo desceu rio abaixo!

Os burros estão alegres,
 Pois irão descarregados,
 De conduzirem mandú
 Eles estão descansados,
 Por isto estão todos rindo
 De queixos escangalhados!...

Nessa hora o fazendeiro
 Descobriu depressa as costas
 E disse tire as correias,
 Não quero ouvir mais respostas,
 Enquanto eu vida tiver
 Não pegarei mais apostas!

Tirou-lhe duas correias
 Dos pés até a cabeça
 Disse: sou irmão de Antonio
 Precisa que me conheça!
 Respondeu-lhe o fazendeiro:
 Quero é que desapareça!

Malasartes disse: Adeus!
 Gostei de lhe trabalhar,
 Quando precisar de mim
 Pode mandar me chamar.
 Responde o homem não quero
 Nem de você me lembrar!...

Malasartes saiu concho
 Foi ali se requebrando,

Adiante encontra um pobre
 Que vinha quase chorando:
 Que foi? Perguntou-lhe Pedro,
 Que vem assim lamentando.

Trabalhei, respondeu ele,
 A um tal de fazendeiro
 Quase que morro de fome,
 Pelejei um ano inteiro
 Sai faminto e rasgado,
 Porém neca de dinheiro.

Quando a gente chega ali
 Parece bem cidadão,
 Mas quando é para pagar
 O homem vira um leão,
 Manda até chamar jagunços
 Cada qual mais valentão.

Onde é? Pergunta Pedro,
 Que esse marreteiro mora?
 Eu desejo visitá-lo,
 Seguirei sem mais demora
 Tome dinheiro e você
 Daqui mesmo vá se embora.

O pobrezinho saiu
 Depois de lhe agradecer,
 Explicou tudo direito
 Para Pedro conhecer,
 -E ele saiu depressa
 Sem ter mais tempo a perder.

Chegando lá foi dizendo:
 Bom dia meu bom patrão

Já notei que o senhor
 É um belo cidadão
 Queira me dar um emprego,
 Pois eu também sou cristão.

-bom dia, responde o homem,
 Se mostrando satisfeito,
 Pode entrar, pois eu já vi
 Que o senhor é direito,
 Porque aqui não se arranja
 Trabalho a qualquer sujeito.

Sei que o amigo traz fome,
 Pode vir logo almoçar,
 Aqui a fazenda é boa,
 Só ruim pode falar,
 Todos que lutam comigo
 Sempre desejam voltar!...

Malasartes no outro dia
 Para o trabalho marchou,
 Da fazenda desse homem
 Ele até muito gostou
 Por isto um ano completo
 Nessa paragem ficou.

Todo mundo ali gostou
 Do porte de Malasartes,
 Pois ele fazia tudo
 Com muito cuidado e arte
 E fazia todos rirem
 Quando ia a qualquer parte.

Fazia todos sorrirem
 Com as suas palhaçadas,

As filhas do fazendeiro
 Davam boas gargalhadas,
 Pedro enganou todas duas
 Também lesou as criadas.

Depois disto Malasartes
 Quis dali se retirar
 Pois já tinha feito um ano
 Que estava nesse lugar,
 Ele então armou um quengo
 Pra poder despistar.

-pensou ele, se eu pedir
 Pra minha conta fazer,
 Esse cara não me paga,
 E eu é quem vou perder,
 - E se as filhas alarmarem
 Aí eu sei que vai ter...

Então comprou um pote,
 Muito grande, a certo oleiro,
 E disse: aqui é a chave
 Pra tirar do fazendeiro
 Uma boa importância
 Do seu mofado dinheiro.

Levou o pote pra casa
 E fez dele uma privada
 Toda obra que fazia
 Era ali depositada,
 Até que ficou tão cheio
 Que não cabia mais nada.

Com muito cuidado Pedro
 Esse pote carregou,

Subiu em uma jaqueira
E bem no olho amarrou,
Depois disse: agora sim,
O que eu queria chegou.

Fez uma carta e levou-a
Para o fazendeiro ler,
Dizendo que não sabia
Nem ler nem escrever,
Para tapear o homem
Só assim pode fazer.

O homem lendo essa carta,
Disse aqui está dizendo:
-Regresse com brevidade,
Veja o que lhe recomendo,
Pois sua mãe Vitorina
Já está quase morrendo!
-Agora o pior de tudo
É que não tenho dinheiro
Para fazer sua conta!...
Falou triste o fazendeiro,
Só quando a safra chegar
Lá para o mês de janeiro...

Disse Pedro: isso é o menos,
De nada vou precisar,
Pois na viagem terei
Onde possa me hospedar,
E além de tudo eu terei
De muito breve voltar.

O fazendeiro gostou,
Disse logo: muito bem!
Vou-lhe arranjar um pouquinho

Do que as meninas têm
Pois tenho toda certeza
Que o senhor vai e vem.

-tudo isso nada é
Diz Pedro entusiasmado,
Só uma coisa me faz
Eu ficar preocupado,
-É sair antes do tempo
De ficar endinheirado!

- Não me diga!... Diz o homem.
Responde Pedro: eu sonhei
Com uma grande fortuna,
Já fui e verifiquei,
Conforme o que vi no sonho
Da mesma forma encontrei.

É um pote de dinheiro
Em cima duma jaqueira;
Porém me disse a visão
Para ir tirar sexta-feira
Amanhã eu sairei
Perderei minha carreira.

Agora a visão me disse
Que eu poderia ceder
Se no dia estipulado
Eu não pudesse fazer;
Porém precisava logo
O ajuste receber.

Outro sem ser o senhor
Não me poderá comprar,
Nem também ir lá no pote

Antes do dia chegar,
Se for o dinheiro todo
É ouro vai se encantar.

Ficou louco o fazendeiro,
Disse logo: vamos ver,
Pedro falou: acompanhe-me
Para o senhor poder crer
Como é que a sorte vem
Sem mesmo a gente querer.

O fazendeiro com Pedro
Marcharam ambos a pés
Quando ele viu, disse: dou
Cinquenta contos de réis.
É cem, respondeu-lhe Pedro,
Em pacotes de papéis.

Qual de cima, qual de baixo,
Ficou certo por oitenta,
O fazendeiro contente,
-Então Pedro lhe acrescenta,
Não diga nada a ninguém
Se não o pote se ausenta.

Tudo que a visão me disse
Vou-lhe ciente fazer:
Não é pra tocar no pote
Sob pena de perder,
Se for tocar com a mão
Verá desaparecer...

Depois que eu receber
Do senhor o pagamento,
É que poderei fazer

Melhor esclarecimento
O senhor tem que seguir
Todo meu depoimento.

Chegando em casa, o manata
Na mesma hora pagou,
Então Pedro Malasartes
O segredo revelou;
E no outro dia cedo
Sem ninguém ver viajou.

- Ele disse o senhor vai
No dia de sexta-feira,
Estende cobertas limpas
Por debaixo da jaqueira
Se o ouro cair em terra
Transforma todos em poeira.

Depois que o senhor tiver
Forrado ali todo chão,
Dois cabras têm de subir
Cada qual com um bastão
Para quebrarem o pote
Sem tocarem com a mão.

Todos dois batem de vez
Deixando as águas rolarem
Deixem as libras caírem
Para nos panos ficarem
Se fizerem doutro modo
Verão todas se encantarem.

Assim mesmo o homem fez
No dia determinado,
Ficou dizendo consigo:

Vai besta desmiolado
 Agora eu sei que já posso
 Comprar até um reinado.

Aqui na minha fazenda
 Vou fazer uma cidade,
 Minha casa vai ser outra
 Conforme minha vontade,
 Vou passear na Europa
 Criar popularidade.
 Depois com esse dinheiro
 Eu serei mais que barão,
 Vou terminar sendo rei
 De toda essa nação:
 E quando o besta voltar
 Metê-lo-ei na prisão.

Afinal chegou o dia
 De irem para jaqueira
 A família toda foi
 Nessa bela sexta-feira
 De cobertas bem lavadas
 Cobriram a área inteira.

Os camaradas subiram
 Cada qual com um pau na mão,
 Todos olhando pra cima,
 Prestando toda atenção
 E o fazendeiro de baixo
 Com o revólver em posição.

De cá de baixo ele estava
 Com toda força a gritar,
 Só dizendo passo a bala
 Em quem no pote pegar,

E, também no que quiser
 Qualquer moeda aparar.

Os cabras bateram logo
 Que chegou em posição:
 E descambou lá de cima
 Toda aquela arrumação;
 O povo vomitou tanto
 Que quase saí o pulmão!

O fazendeiro saiu
 Por ali todo melado
 Na fazenda do compadre
 Foi sair indignado,
 Fecharam todas as portas
 Pensando ter endoidado!

Cinco caixas de sabão
 Foi quanto ele gastou
 Pra limpar todo mundo
 Da maneira que ficou
 Mas as cobertas que foram
 Ninguém mais aproveitou.

Assim que seu Pedro soube
 Do que tinha se passado
 Procurou ver o irmão,
 E disse seja letrado
 Tome lá quarenta contos
 Para ficar consolado.

Aqui não descrevi tudo;
 Mas dei nessa relação
 Alguns dados importantes
 Da vida do sabichão,

O Malasartes afamado

Rebatedor de ladrão.

